

Revista da Academia
Mattogrossense de Letras

1933 - 01 e 02

17

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1933 – ANO: I - Nº 1-2



A proposta de 15 de Agosto de 1932

FUNDAÇÃO E INSTALLAÇÃO

DA

ACADEMIA MATTOGROSSENSE DE LETRAS

Que a partir da aprovação em primeiro desta reforma o "Centro Matto-grossense de Letras" passe a denominar-se "Academia Matto-grossense de Letras" continuando a reger-se pelos mesmos Estatutos actuaes ate que, oportunamente, se proceda a transformação dos mesmos Estatutos.

A proposição exorta de maiores propositivas. O "Centro" fundado, vai por onze annos, tem, nesse periodo, dado sobejas demonstrações de vitalidade, bastando apontar como indice expressivo, a sua Revista, cujo n. XXI-XXII acaba de ser posto em circulação. Occorre ainda a circumstancia, que sem tornar mais oportuna essa proposta de cogitar a Academia Brasileira de Letras na federação das Academias dos Estados, vi-



do país

Certos de interpretar o pensamento da collecti-
vidade, os instituidores aguardam com muita confiança
o pronunciamento da corporação, que virá consagrar
uma justa e oportuna aspeção da cultura de nossa terra.

Cuiabá, 15 de Agosto de 1932.

(Assignados) Francisco, Arcebispo de Cuiabá

A proposta de 15 de Agosto de 1932

Correia Filho, Pimenta, Laminar

Mendes e Cesarino Prado

Os abaixo assignados, socios effectivos do "Centro
Mattogrossense de Letras", vêm, na fórmula permittida
pelo art. 22 dos Estatutos sociaes de 7 de Agosto de
1921, submeter á apreciação da casa a seguinte proposta:

Que a partir da aprovação em plenário desta re-
forma, o "Centro Mattogrossense de Letras", passe a
denominar-se "Academia Mattogrossense de Letras",
continuando a reger-se pelos mesmos Estatutos actuaes,
até que, opportunamente, se proceda á transformação
dos mesmos Estatutos.

A proposição excusa de maiores justificativas. O
"Centro", fundado, vae por onze annos, tem, nesse
periodo, dado sobejas demonstrações de vitalidade, bas-
tando apontar, como índice expressivo, a sua Revista,
cujo n. XXI—XXII acaba de ser posto em circulação.
Occorre ainda a circumstancia, que vem tornar mais op-
portuna essa proposta, de cogitar a Academia Brasileira
de Letras na federação das Academias dos Estados, vi-

sando um mais estreito concurso e uma cooperação mais eficiente no sentido do desenvolvimento intellectual do paiz.

Certos de interpretar o pensamento da collectividade, os infrafirmados aguardam, com muita confiança, o pronunciamento da corporação, que virá consagrar uma justa e oportuna aspiração da cultura de nossa terra.

Cuiabá, 15 de Agosto de 1932.

(Assignados) *Francisco*, Arcebispo de Cuiabá.

Leonidas de Mattos

José de Mesquita, por si e pelos socios *Virgilio Corrêa Filho*, *Palmyro Pimenta*, *Lamartine Mendes* e *Cesario Prado*

Maria de Arruda Müller

Philogonio de P. Corrêa

Francisco A. Ferreira Mendes

Isac Póvoas

Nilo Póvoas

Oscarino Ramos

João Cunha

Antonio Fernandes de Souza

Octavio Cunha

José Raul Vilá

Franklin C. da Silva

Olegario Moreira de Barros. (*)

(*) Esta proposta foi votada e unanimemente approvada em sessão da mesma data, ficando marcada a installação da Academia para o dia 7 de Setembro seguinte.

A sessão de installação da A. M. L. a 7 de setembro de 1932 (*)

Revestida da maxima simplicidade, devido ás condições especiaes que atravessa o país, realizou-se a 7 do corrente, pelas 10 horas da manhan, na sua séde social, "Casa Barão de Melgaço", a installação da "Academia Mattogrossense de Letras".

Compareceram á mesma os academicos D. Aquino Corrêa, que presidiu a sessão, Dr. Leonidas de Mattos, representado pelo Desdor. Laurentino Chaves, d. Secretario Geral, Desdore. José de Mesquita, Oscarino Ramos e Octavio Cunha, Profs. Philogonio Corrêa, Francisco Mendes, Isác Póvoas, Franklin Cassiano, Nilo Póvoas e José Raul Vilá.

Discurso do Presidente de honra D. Aquino Corrêa

«Multiplamente festiva é a data em que hoje nos reunimos, apesar da atmosphaera de lucto e apprehensões, em que actualmente vive e se agita a alma da nacionalidade.

Nem se faz mister evocarmos, para comproval-o, as grandes festas nacionaes da independencia, que todos os annos, lado a lado, pelo Paiz, sacodem neste dia as fibras mais intimas do nosso patriotismo, despertando, por toda parte, esperanças e iniciativas de progresso e grandeza para a Patria.

Aqui mesmo, no pequenino ambito deste cenaculo de letras, se nos deparam e sobejam motivos do mais sadio jubilo e dos mais benemeritos estimulos. Foi num dia como o de hoje, bem o sabeis, que, ha 11 annos, se installou o Centro Mattogrossense de Letras, aggremação de cultores da lingua, que é, por certo, elemento dos mais poderosos para a unidade, a força e a gloria das raças. Acontecimento foi esse, pois, que tanto mais avulta, quanto mais sobre elle passa o tempo, e ficará, por sem duvida, á maneira de marco inconfundivel no roteiro ascensional e luminoso da intellectualidade conterranea, através de dois seculos.

Assim é que, de anno em anno, se lhe commemorou aqui a data anniversaria, com os mais lindos festivaes, em que as letras e as artes se davam as mãos, honrando a civilização da nossa

(*) Noticia transcripta do jornal "A CRUZ" de 11 de Setembro de 1932

gente, e despertando, ao mesmo passo, o senso estherico das novas gerações.

Hoje, entretanto, esta ephemeride, já historica na literatura indigena, enflora-se de novas galas, ao marcar a ascensão honrosa do Centro ao grau e dignidade de Academia. Era tempo e era justo que se lhe coroassem, por esta forma, esses onze annos de lucta, que já representam grande epoca na existencia das nossas sociedades literarias, equiparando assim o nosso Estado a outros da federação, cujas associações academicas, nem todas podem exhibir fóros mais legitimos que os nossos, ao gozo desta regalia. E comquanto seja esse um titulo, que o Centro se confere a si mesmo, prova a consciencia collectiva do proprio vigor e desenvolvimento, como tambem, e sobretudo, o alto conceito em que é tido e havido na sociedade, perante a qual, desassombradamente hoje se apresenta elevado em Academia.

E', pois, natural que ao abrir a hodierna sessão, eu me congratule com todos os presentes e com os novos academicos, mas especialmente com o seu digno presidente, o illustre desembargador Mesquita, a quem se deve quasi toda a gloria deste dia, em que a dourada chrysalida de seu sonho rompe no vôo da borboleta de mil côres, por quanto nelle todos reconhecemos a alma da nossa organização literaria, o seu cerebro e o seu coração, órgão pensante e motor da sua actividade.

Acima de tudo, porém, é-me grato, nesta hora afflictiva para Matto-Grosso, nosso querido torrão natal, congratular-me com elle por esta nova época brilhante e promissora, que se lhe abre nos fastos literarios, e fazer os mais ardentes votos a Deus, para que a novel Academia, ao mesmo tempo que desempenha a sua alta missão de cultura intellectual, seja tambem um factor sympathico de união, de congraçamento e de cordialidade entre os filhos do grande Estado, concorrendo assim efficazmente para tornar sempre mais cohezo e forte o povo da nossa terra.

Está aberta a sessão».

Em seguida foi lida pelo 2º secretario, Prof. Francisco Mendes, a acta da transformação do «Centro» em «Academia» e da eleição da sua primeira Directoria, declarando, logo após, o Presidente de honra installada a Academia e empossada a sua Mesa.

Falaram, acerca do magno evento, o presidente da Academia, desdor. José de Mesquita, o 1º secretario, Prof. Philogonio Corrêa e o academico desdor. Octavio Cunha, que, depois de congratular-se com os seus confrades, leu uma bella pagina literaria «O sertão e o mar», recitando um soneto do Presidente da «Academia».

Publicamos linhas abaixo a allocução inaugural do Presidente da «Academia», promettendo, em nossa proxima edição, archivar em nossas columnas a judiciosa oração do 1º secretario, Prof. Philogonio Corrêa.

A bella tertulia teve a honral-a uma selecta e brilhante assistencia, composta de figuras do nosso escól, achando-se tambem representada a familia cuiabana por um grupo de distinctas senhoras e senhorinhas.

A oração inaugural pelo presidente da Academia des. José de Mesquita

Ha 35 annos aproximadamente, numa das salas do "Pedagogium" do Rio de Janeiro, se reuniam 17 homens de bõa vontade, figuras das mãs prestigiosas da intellectualidade patricia, para inaugurar a "Academia Brasileira de Letras", a victoriosa agremiação que é o mais alto padrão da cultura nacional. Para aquelle local e para aquelle momento historico de nossa vida, volve-se-nos o pensamento nesta hora em que, reunidos por nossa vez, em torno da individualidade de escól, que é o academico D. Aquino Corrêa, nesta sessão singela mas eloquente, lançamos os fundamentos da "Academia Mattogrossense de Letras".

Mais afortunados por um lado, installamo-nos já em séde propria, quando os academicos de 1897 iniciaram os seus trabalhos em sala de emprestimo, para percorrer, por sete longos annos, a via-sacra das mudanças, até que, em 1904, se fixaram no "Syllogeu", donde, em 1923, a munificencia da nobre nação franceza os foi tirar, outorgando-lhes, para séde, o bello Pavilhão da França na Exposição do Centenario. Por outro lado, ao pessimismo e ao derrotismo ambiente, empenhados na ingrata tarefa de demolir todo esforço apreciavel, podemos oppôr, *in limine*, os alicerces sobre que construímos a nossa "Academia", que são os 11 annos—justamente completos hoje—de vida fecunda e operosa do "Centro Mattogrossense de Letras" ao qual a "Academia" homonyma substitue, succede e continua. Cabe-lhe assim, *par droit de naissance*, toda a benemerencia conquistada pelo "Centro", o qual desaparece apenas em nome, tal o rio que, na foz, sem algo perder da sua essencia, apenas maior e com outra denominação, prosegue o seu curso para o oceano immenso—destino e fim de todas as aguas vivas.

Senhores Academicos:

Surge a nossa Academia precisamente na hora de angustias em que o Brasil, o nosso Matto-Grosso estremeceem ao abalo

de uma das mais violentas crises que jamais soffreu a Nação: separados em dois campos oppostos, com uma profunda valla de odios de entremeio, os nossos irmãos do Norte e do Sul, de Leste e de Oéste, se batem, em innumerous sectores, entrechofrando-se numa lucta de horror e de exterminio. Sangra e despedaça-se o coração da Patria que, como mãe, não sabe distinguir entre os seus filhos, vendo o pavilhão querido envolto nos crepes da desolação, a palpitar, numa ansia dolorosa, entre o fogo das granadas e metralhas. Desde as campinas ferteis do sul aos contrafortes heroicos da Mantiqueira, do littoral beijado pelo morno afago das brisas marinhas ás aguas revoltas do Paraná, em cujas margens se accende nesta hora a *queimada* humana dos combates... são brasileiros que luctam contra brasileiros, são filhos desta grande terra, grande demais para manter e agazalhar toda a população do mundo e, desgraçadamente, pequena demais para a partilha do mando e da ambição. Surge a "Academia Mattogrossense" neste dia que se pode dizer o dia magno da Patria, neste momento conturbado por todas as paixões, mas surge como a alvorada que irrompe, nos longes do nascente, pondo uma estria de luz nos céus nocturnos, como o arco-iris da bonança em meio da procella desencadeada, como a estrélla solitaria ou o pharol luci-trememente a guiar o navegante nas aguas do mar tenebroso. Essa a missão das letras, essa a nossa missão. Dentro destes muros veneraveis, consagrados pela memoria de um dos mais nobres servidores de Matto-Grosso, na guerra e na paz—o Barão de Melgaço—espirito conciliador que jamais participou de pugnas armadas que não fossem as da defesa da Patria contra o estrangeiro—nesta casa onde mourejamos, ama-se e preitêa-se o Brasil uno e indiviso, forte e pacifico, e lucta-se pela sua pujança, dentro dos ideaes supremos do trabalho e da ordem, da verdade e da justiça, que são as fontes perennes do Bello e do Bom. Essa, Senhores Academicos, a nossa politica, neste solar do pensamento, em cuja limieira deixamos odios e paixões, para somente manter o culto sadio do Patriotismo e a religião serena da Belleza.

Permitta Deus—são os meus votos ao empossar-me nesta presidencia com que me honrastes—leve a nossa Academia avante o seu programma, a pról da grandeza de Matto-Grosso, nor-teada por uma rota de constructivo labor, para que, extincto quanto antes este brazeiro rubro que ameaça consumir a propria unidade e integridade nacional, alvoreça o dia luminoso da paz e da fraternidade, em que todos os brasileiros dignos communguem, nas aras da Patria, a hostia branca e immaculada da concórdia e do civismo!

Allocução do 1.º Secretario Prof. Philogonio Corrêa

«Como a flor fragil e mimosa que, nascendo humilde, mas em haste segura e cheia de seiva, transforma-se aos poucos, ostentando orgulhosa toda a pujança da sua belleza, enchendo de delicado perfume o ambiente que a cerca, até que lhe venha succeder o fructo saboroso e util; assim o nosso "Centro Matogrossense de Letras", alicerçado em bases modestas mas seguras, vê-se transformado em Academia, no dia mesmo em que empossa festivamente a sua nova directoria annua, guarda carinhosa das suas, ainda novas, mas já confortadoras tradições.

Em momento delicado e sombrio para a vida do Brasil querido, quando as paixões desenfreadas ensangüentam e enlutam familias irmãs, travando a nossa marcha progressiva e diminuindo-nos no conceito das outras nações; nós, neste recanto soberbo da Patria Idolatrada, na Cuiabá bi-centenaria e heroica que perdida na immensidade dos nossos sertões, soube ser sempre, e com gallardia, a sentinella avançada na defesa do nosso formidavel patrimonio territorial; nesta Cuiabá, seguro traço de união a ligar o Sul magestoso e fecundo ao Norte portentoso e virgem, d'este soberbo Mato-Grosso; nesta Cuiabá, mãe e capital de onde irradiou-se a vida por toda esta formidavel reserva patrimonial do Brasil; achamo-nos agora reunidos, neste delicioso oasis de bonança e de paz, que é a "Casa Barão de Melgaco", para incentivar-nos na narrativa eloquente das nossas bellezas, na eloquente proclamação das nossas grandezas e no culto civico dos nossos gloriosos heróes.

Aqui nos encontramos para que, muito a proposito, nos recordemos do manifesto que ha cento e dez annos o principe D. Pedro dirigiu a todo o Brasil: «Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso que nenhuma força pode desunir».

Seja a bella lingua, que Portugal nos deixou de herança, a embira symbolica a unir fortemente as varas do feixe; lingua que soubemos conservar pura e bella, variada e enriquecida, como variado e rico é o meio brasileiro onde ella soube adaptar-se, enfeitando-se, ás vezes, de engraçado linguajar, e de pronuncias provincianas, mas fazendo-se perfeitamente comprehender em toda a vastidão territorial, que o grito do Ipiranga emancipou a 7 de Setembro de 1822.

E nem se venha dizer que o "Centro Matogrossense de Letras" se transforma em Academia só contando, em seu seio, illustres desconhecidos.

Illustre desconhecido é de certo, aquelle que a vossa camaradagem, presados consocios, vem reelegendo primeiro secretario da nossa companhia.

Sem falsa modestia eu o proclamo: eu não deveria estar entre vós.

Mas nem só de mim se trata e nós todos sabemos que o mundo está cheio de injustiça.

A actual "Academia Matogrossense de Letras" conta na sua cadeia social com o seu preclaro Presidente de Honra, armado cavalleiro pela autoridade incontestada e suzerana da Academia Brasileira de Letras; com o seu infatigavel Presidente effectivo, já por mais de uma vez, laureado em torneios nacionais memoraveis, nos quaes a modestia não tem arte para esconder o merito; com o trabalhador incansavel e culto que é Virgilio Corrêa Filho, sempre em serviço de defesa do boni nome de Mato-Grosso; com a elite dos nossos poetas, da nossa magistratura, do nosso magisterio e dos mais ardorosos estudiosos da nossa historia.

Está, portanto, preparado para collaborar eficazmente com as suas congeneres do paiz, na grande obra de patriotismo á qual se devotou.

Por tudo isso eu felicito á "Academia Matogrossense de Letras".

Palavras do academico Octavio Cunha

Caros confrades:

Permitti que, por um minuto, eu, ave do mesmo bando, me desannexe de vós, mas... d'aqui a pouquinho, voltarei ao vosso seio amigo.

Eu quero, meus senhores, eu desejo, mocidade, ficar alguns momentos comvosco para applaudir o feito que se commemora nesta hora: — O Centro de Lettras se transfigurando em Academia. — Nós outros, senhores, somos as testemunhas desta uncção de pensamentos que, egual á luz, não se contenta, não se cinge á orbita da chamma, mas derrama o clarão em derredor. Quero ser comvosco o presente applaudindo e estimulando o esforço e o triumpho, a perseverança e a gloria destes cavalleiros do bello, armados de sonho, sempre entregues, servindo, á divina escravidão da Arte. Mocidade, reticencias da esperança pelo infinito, para que ella seja eterna e sôe na vida, Mocidade, que nos contempla, quero gosar a illusão de que tendo sido, sou

ainda um dos teus, (delícia da illusão!) embora, não possa dizer amanhã o que vi, o que senti, o que admirei, como tú o farás...

És o presente nascendo n'um crescer para o futuro...

Agora, pela semelhança, a semente que nasceu para ser amanhã o páo d'arco, a palmeira magestosa... o bosque cerrado! Quanto é bello, vê: Matta virgem, arvores gigantes, guardando a terra da adustão vehemente, e tú (quanto é santo ser moço no principio da lucta!) — a formares a floresta resistente do patriotismo para defender o nosso gigantesco Brasil da canicula das paixões mesquinhas e das tempestades de ambições malsãs... Os teus pensamentos são candidos, as tuas attitudes sinceras, o teu patriotismo sagrado... Por isso, ao teu lado, Mocidade, e ao lado dos presentes, commungando comvosco tão justos regosijos, deponho as minhas saudações e parabens no coração dos meus nobres confrades do "Centro" que é de agora em diante "A Academia Mattogrossense de Letras".

Meus queridos confrades — já estou em vosso meio, que me faz tanto bem. Saudo-vos ainda.

O SERTÃO E O MAR

trabalho lido pelo academico Octavio Cunha na sessão inaugural da A. M. L.

Vim, para aqui, corações amigos, mandado pelo Mar, meu azulado Atlantico (que o paiz da Atlantida já foi), meu brusco irmão mais velho, que, ao ouvir meu nascimento, abafou meus vagidos (talvez para eu não entrar chorando muito, na vida), com o seu rouco bramir, em manhã procellosa, que o mez de Maio quasi nunca tem. Vim habitar este sertão de encantos fei-ticeiros — cujos braços serranos, gigantescos — montanhas de uma nova Phocida — ergueram — o vento cantava e o céu se enternecia — para o baptismo — no Parnaso — das Musas, depois que vio a luz do dia e fitou e fulgor da Via-lactea, o seu mais perfeito e harmonioso poeta: José de Mesquita. E o Mar — meu rude e querido irmão mais velho — quando disse que eu viesse, guiado pelas mãos da minha sina — manso, então, de sauda-de — fallou assim: «Leva contigo — na paténa do teu coração — as sementes das roseiras do jardim dos teus sonhos».

Vim. Andei tanto; e pensei não vencer o caminho immenso... Tão longe... Andei com vontade de avistar o ponto do destino... Andei... andei; o caminho a ficar... e venci a jornada!

E no teu seio generoso, Cuiabá, nova Chanaan do presente, pomposa e farta Chanaan do futuro — de searas reluzentes

abanada pelos leques das tuas palmeiras magestosas, eu durmo o somno que me revigora e vivo o despertar que me dá phantasias!

Sementes das minhas roseiras, despertai do mysterio do teu somno, para a germinação — um principio da vida... — Accordai!

Vim e construi novo Jardim n'um valle...

Lá — para as bandas que o sol nasce — areias brancas — onde o Mar derreia — sem poder repcusar — a cabeça de cabellos muito longos, muitos brancos, que o vento sacode, desesperadamente sacode.

Branca praia, muito branca do meu berço primeiro... dos meus primeiros passos... E o Mar me chamava e eu corria atraz d'elle e eu chamava o Mar e o Mar me acompanhava... Saudade da plaga onde nasci! Saudade... Quanto dóe a saudade! A alma do poeta é uma saudade vivendo — sem poder se extinguir... morrer... Sementes das minhas roseiras, icies — germinar!

Vim, e construi o meu Jardim n'um valle...

Aqui, perto d'elle — alvas areias — alvinitente travesseiro das aguas do teu rio, Cuiabá minha, porque me abriste os braços velludosos, inquietas e correntes mais do que os amores fugaces da mocidade louca... só para envelhecer!

Meu Jardim tem canteiros — construidos pelas mãos do enleio das minhas phantasias, e talhados pelo cinzel das minhas esperanças...

No mais bello — esculpido n'um marmore roseo gerado de nuvens cor do sangue desbotado da aurora — plantei as sementes que terão de dar as rosas mais bellas — minhas fontes de perfume... Minhas illusorias realidades de poeta, ouvi: Meu canteiro é fecundo, minhas sementes germinaram, meu roseiral de rosas. As primeiras — sempre mais bellas — colhi, e eu te as presenteei, José de Mesquita, envoltas n'uma canção dolente, mas feliz, de quem pensou ser paria e veio a achar novo berço macio; de quem pensou viver na solidão e veio habitar n'um recanto festivo. — Já escrevi ao meu irmão mais velho — o Mar — que me ensinou bellas cantigas acompanhadas aos som bramante dos seus pandeiros de pedra —

Não só dei flores ao poeta — como perfumes também —
para a coroa do estheta — para o adivinho do Além.

Recebeste, José de Mesquita, inspirado vate — condor do

sertão brasileiro, os mimos da minha alma sonhadora. Teus olhos no infinito, para onde fitamos ... Tua inspiração — ave de plumas luminosamente coloridas — de azas abertas, espalmadas — planando e subindo ... A alma do sabiá tem um ninho em cada estrella. Parece que há nos ceus um Sinai dos Poetas, onde de Deus recebe a inspiração divina ... Ninguém cantou nem cantará melhor que tu, em lyra mais afinada, a terra e o firmamento do teu esplendido torrão natal ... cascatas rebojando ... murmurios das selvas e das aguas ... até as paisagens inconstantes das nuvens, ao pincel dos ventos, na ampla tēla onde o sol passeia o seu corpo de luz ... E ainda achaste pouco, unguido do perfume das rosas do meu sentimento, o agasalho, que me dá goso, do affecto do teu coração, esse abrigo de milagres para quem precito seria (ai de mim!), se não fosse a magnanimidade de um povo que vibra e pensa, que produz e sonha, e do qual és o lidimo representante soberano da sua espiritualidade elevada n'esse mundo de arte, que ao nascer, teve sua manhã cantada por Homero ...

Porque te offerendei, dias já vão na marcha audaz do tempo, as primeiras rosas do meu Jardim, que visitaste, no rythmo de minha fé, onde a canção narrava o bem que irradia da tua alma de poeta, tu me offertas, agora — santo intercambio espiritual — um primor do teu éstro — um soneto de ouro — revestido de um brilho tão propriamente teu, que tive a graça, pelo teu querer, de segurar nas minhas mãos de mortal — sem que no fogo eu me abrazasse, mas me aquecesse, no clarão — um astro, porque, Poeta amigo, tú tens o dom divino de amalgamar a luz dos mundos — alegrias e dores da terra — para burilar imagens e para construir estrellas!

Senhores, eu vou dizer, vou entoar, o mavioso canto do (principe sem rival dos poetas mattogrossenses.

Ouvi:

MALUM AUREUM

A Octavio Cunha

Acontece nestas minas de Cuiabá uma coisa rara, e veem a ser que as laranjas ... com as primeiras chuvas de Setembro e Outubro tornam-se a vigorar nas arvores. Chronica de Costa Siqueira, anno 1782

Pômo que do ouro tens o nome, a côr e o encanto
e da selva o frescôr e a mëllica doçura,
nobre fructa real, que és mimo da natura,
gemma rica a exornar da flôra o verde manto,

todo o ouro do sol no teu ouro fulgura
e o privilegio tens, neste verde recanto:
reverdeces ao vir o benéfico pranto
das chuvas, prenunciando alegria e fartura...

Tal como a ti, ao poeta a sorte lhe é fadada
de se revigorar, no sonho ou na saudade,
si jamais se lhe estanca a inspiração sagrada,
e até da vida ao fim que o outono prenuncia,
ostenta, como tu, nova maturidade,
e reverdece em estro, em cantos, em poesia!

Julho MCMXXXII

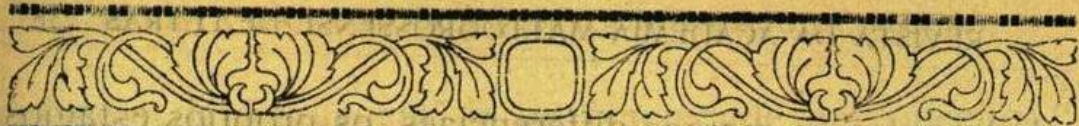
José de Mesquita



MALUM AUREUM

A Quarta Carta

Pómo que ho pto tens o nome, a cor e o encanto
e da selva o frescor e a mellica licor
nosse fructa está, que se mima da mat.
gemma rica a exornar da flora o verde pranto



Epitome da Historia Literaria de Matto Grosso

De quantos se têm occupado até hoje com o estudo do nosso passado, nenhum se propôs a apreciar a nossa evolução literaria pondo-a em equação com os centros mais adiantados do país, e estudando, através das varias phases de nossa cultura, as influencias mesologicas, de par com as exercidas pelo meio exterior, quasi sempre reflectidas tardiamente entre nós.

Tal estudo constituiria, por sem duvida, um importante subsidio á historia da civilização mattogrossense, considerada esta como uma resultante de que a literaturia é uma das mais valiosas componentes.

Sabido que o esboço da evolução artistica ou literaria de um povo deve ser traçado levando-se em conta os factores que influem para a differenciação dos varios periodos e a attender-se á nossa condição que nos traz adstrictos, com bem raras excepções, á imitação de modelos literarios de importação, facil é concluir pela necessidade desse estudo comparativo entre os nossos escriptores e aquelles que sobre os mesmos exerceram o seu influxo.

Ao traçar o diagramma de nossa historia literaria através de pouco mais de dois centennios, podemos es-

estabelecer, como marcos diferenciaes, os proprios estagios politico-sociaes que, nesse lapso de dois seculos, caracterizaram a evoluçãõ mattogrossense.

Têmos assim, primeiramente, a phase dos chronistas, correspondente ao periodo colonial, que se seguiu ao descobrimento e organizaçãõ dos primeiros nucleos de populaçãõ até pouco depois da constituicãõ da Capitania (1718-1780); a seguir, a éra das explorações scientificas, que se inicia com a entrada da Comissãõ de Limites, no governo de Luis de Albuquerque, e se estende até meados do seculo seguinte; (1780 a 1870); após, a époça do romantismo, iniciada em nosso meio já por volta de 1870 e prolongada até o seculo actual, quando se abre, em 1910, a ultima phase, que chamaremos contemporanea, assignalada por uma floraçãõ de talentos, marcando tendencias dispares, mas caracterizada por uma salutar reacçãõ contra os excessos da escola romantica e marcado pendor pela fórma e esmero na vernaculidade.

Bosquejada assim, nas suas linhas geraes, a historia da literatura em Matto-Grosso, historia que melhor se poderá dizer da nossa evoluçãõ mental, pois impossivel fôra isolar, entre nós, as bellas letras propriamente ditas dos ensaios scientificos—facil será indicar, perfunctoriamente, as influencias exercidas por factores internos ou externos nas diversas phases da cultura mattogrossense.

O periodo inicial

A phase dos chronistas que, como a que se lhe segue, reproduz, no justo conceito de V. Corrêa Filho, « em miniatura, o mesmo phenomeno que se verificou no Brasil » (I), caracteriza-se por aquelle sensivel influxo do gongorismo portuguez do seculo XVII que Mario de Lima faz consistir, com muita precisãõ, no "pre-

(I) "Matto Grosso", pag. 110

ciosismo da linguagem" e na "vacuidade de conceitos," quando se refere ás obras dos chronistas primeiros de sua terra (II).

Effectivamente, a leitura desses primeiros documentos de nossa historia, que enfeixam cuidadosamente os factos e eventos mais notaveis dos primitivos povoados mattogrossenses, capacita-nos desde logo da pouca valia literaria de taes trabalhos, que ainda são de louvar-se quando se cifram á narrativa singela dos factos, não descambando em libellos apaixonados ou mesquinhas bajulações.

Nas curiosas descrições de costumes, festas, tradições, combates contra o gentio payaguá, chegadas de monção, descobertos e outros eventos, que enchem esses épos gloriosos de nossa vida, valem essas chronicas pelas deliciosas e ingenuas narrativas dos aédos e rhapsodos hellenicos, dos bardos escandinavos, dos *troubadours* populares da velha Provença, em cujas rudes canções os austeros historiographos vão muitas vezes procurar as fontes mais seguras para os seus ensaios.

Merecem citados, como obras de maior vulto neste periodo, a "Relação das povoações de Cuiabá e Mato-Grosso de seus primeiros thé os presentes tempos", (III) da lavra de Joseph Barbosa de Sá, o primeiro chronista cuyabano, licenciado, fallecido a 30 de maio de 1776 e autor tambem dos "Dialogos geographicos, chronologicos, politicos e naturaes,"; o "Compendio historico chronologico das noticias de Cuyabá, Repartição da Capitania de Mato-Grosso", de Joaquim da Costa e Siqueira, paulistano, vereador que foi do senado da Camara de Cuyabá, onde falleceu em 1821 (IV); as "Memorias chronologicas da Capitania de Mato Grosso" de Felipe José Nogueira Coelho, provedor da Fazem-

(II) "Esboço da Historia Literaria de Minas, pag. 8

(III) Publicada nos "Annaes da Bibliotheca Nacional" vol. XXIII

(IV) Rev. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, vol. XIII

da Real e intendencia do ouro de Villa-Bella, que se occupam principalmente do districto guaporéano (V); as "Noticias praticas das minas do Cuiabá" de Cabral Camello (VI) e as "Memorias" do P. José Manoel de Siqueira, cuyabano, fallecido em 1825, que pertenceu á Academia as Sciencias de Lisbôa, tendo sido formado em Canones pela Universidade de Coimbra (VII)

A phase das Explorações Scientificas

Si o primeiro se faz notar pela preocupação puramente chronologica do registo dos acontecimentos, em phraseado muitas vezes empolado, com citações classicas e cheirando a humanismo, o segundo periodo se caracteriza pelo despertar do espirito investigador diante do enigma da terra immensa, mal povoada, offerecendo vastissimo campo a estudos e indagações, nos mais variados ramos dos humanos conhecimentos.

A flóra, a fauna os accidentes geographicos e geologicos, a estatistica, a ethnographia, os ensaios e reconhecimentos technicos, forneceram a essa pleiade de sabios que penetraram, entusiasmados ante a sua belleza e plethora de vida, os sertões mattogrossenses, um veeiro de curiosos e variados trabalhos que formam, por assim dizer, o embazamento dos estudos sobre Matto-Grosso e que ainda hoje são procurados e deletreados com prazer por quantos se interessem pelas cousas de nossa terra.

São os pontos culminantes dessa cadeia de intelligencias votadas ao exame de nossas cousas, os chamados "predecessores de Rondon", na feliz denominação de V. Corrêa Filho, que em curioso ensaio lhes fixou as indivi-

V) Idem, ibidem

VI) Idem vol IV.

VII) A "Memoria sobre a quina" foi publicado na Rev. do I. H. de Matto-Grosso, vol. XV; a sobre os "Martyrios" no livro "Viagem ao Araguaya" de Couto de Magalhães.

dualidades de eleição—Francisco José de Lacerda e Almeida, paulista, autor do precioso "Diario da viagem que fez desde Villa-Bella, Capital de Matto-Grosso, até a Villa-Praça de Santos"; Antonio Pires da Silva Pontes, mineiro, companheiro do anterior nas jornadas de penosos reconhecimentos pelos sertões oestinos; Ricardo Franco de Almeida Serra, português, em quem culminaram qualidades de sabio e de heróe, autor das melhores monographias sobre Matto-Grosso na phase colonial, fallecido no Forte de Coimbra, em 21 de Janeiro de 1809; Luiz d'Alincourt, tambem português e militar, autor das preciosas memorias "Resultado dos trabalhos e indagações estatisticas da Provincia de Matto-Grosso" que compendia valiosos informes para a reconstrucção da vida de Matto-Grosso no periodo que precede á Independencia (VIII); Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brasileiro, que em suas variadissimas memorias muito discorreu acerca de Matto-Grosso na sua zona septemptrional; Hercules Florence, da expedição *Langsdorf*, Beaurepaire Rohan, D'Orbigny, Bossi, Castelnau, e tantos outros que assignalam essa época de studiosos amadores e turistas insignes.

Avulta entre todos, pela sua capacidade de trabalho e pelo seu polymorphico engenho, o bretão Augusto Leverger, Barão de Melgaço, mesire de toda uma geração e padrão vivo de amor e carinho á terra matto-grossense que adoptara por sua (1802-1881).

Nota-se nesta phase o resurgimento do verdadeiro espirito classico, banidas quasi de todo as manifestações gongoricas, e encaminhando-se o estylo para a sobriedade das monographias technicas.

De feito, as memorias, em geral, são escriptas em linguagem tersa, expostas com clareza, a ponto de poderem figurar muitas dellas como trabalhos literarios, não fôra o seu thema de pura especulação scientifica.

(VIII) Publicados nos "Annaes da Bibliotheca Nacional" vols. III e VIII.

A época do romantismo

A escola do romantismo que começou a manifestar-se no Brasil quando, no dizer de Almachio Diniz, «em muitos outros centros civilizados já era classico» (IX) veio a produzir entre nós os seus fructos na época justamente em que, pelo resto do país, os credos parnasianista e symbolista se faziam victoriosos. Facto é este de facil explicação, dada a nossa distancia e isolamento em que vivemos, qual o da retardança com que aqui nos chegam os novos ideaes artisticos das escolas literarias. Assim é que enquanto, no Rio e em S. Paulo, se fazia sentir a reacção accentuada dos "novos" contra a pieguice e a trivialidade em que iam recahindo os românticos, em Cuyabá (e Cuyabá literariamente significava até bem pouco todo o Matto-Grosso), os nossos poetas desferiam a sua lyrica singela, docemente inspirados no estro dos vates do romantismo, sobretudo daquelles que José Verissimo agrupou sob a denominação de 'segunda geração romantica'.

O advento do parnasianismo no Brasil occorreu na decada de 1880, com o apparecimento de Bilac e Alberto de Oliveira, sobretudo dos "Sonetos e rimas" deste ultimo. Pois, precisamente por esse tempo, em que a religião de Leconte e Heredia encontrava os mais ferventes adoradores lá fóra, é que aqui despertavam, balbuciantes, as primeiras vocações poeticas apreciaveis, filiadas ao padrão de Musset e Vigny, de Casimiro, Varella e Alvares de Azevedo. E' nos dois decennios de 1870 a 1890 que a poesia romantica ostenta em Matto-Grosso os seus mais caracteristicos cultores: Amancio Pulcherio de França (1846—1881) e José Thomaz de Almeida Serra (1869—1889). São elles, por sem duvida, os coripheus do romantismo cuyabano e, quer pelo merito ou quantidade dos trabalhos, os que ainda hoje férem a attenção

(IX) Da Esthetica na literatura comparada, pag: 173

de quem se dispõnha a estudar a nossa poesia no seu primeiro grau evolutivo, eis que a forma classica, anterior ao romantismo, não teve aqui representantes no verso.

Amancio Pulcherio deixou bagagem muito mais resumida que o seu companheiro, mas os seus trabalhos, comquanto poucos, revelam imaginativa e qualidades de forma bem apreciaveis. De José Thomaz, cujo feitiço literario Cesario Neto bem definiu como sendo "mais de um puro elegiaco, de que o de um lyrico" (X), nos resta um volume de cerca de cem producções, algumas reveladoras de excepcionaes attributos poeticos.

Em torno a esses dois vultos principaes, outros se agrupam, de menor relêvo mas que a rigor não merecem esquecidos num conjuncto dos nossos valores intellectuaes:—José Delfino da Silva, fallecido no Rio Grande do Sul em 1900, Francisco Catharino Teixeira de Brito, que alem de poeta foi tambem pintor delicado, Luiz Theodoro Monteiro, elegiaco, como J. Thomaz, Antonio Corrêa do Couto, lyrico de merecimento, Flavio Crescencio de Mattos, um bello talento, devorado tragicamente pelo Moloch da politica sanguinaria em 1901, João Marciano Barreto, e Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, que primou no genero satyrico.

Entre os extranhos, ligados a Matto-Grosso e que aquí escreveram, podem ser referidos Antonio Gonçalves de Carvalho, riograndense do sul, (1844-44?), auctor da "Flôr de neve" e delicado traductor de poetas ingleses; Joaquim José Rodrigues Calhau, bahiano († 1885), que deixou uma obra "Harpejos poeticos", alem de muitas producções esparsas pela imprensa; José Ricardo de Ulhôa Cintra, gaúcho, fallecido no Diamantino em plena mocidade, que, conforme o depoimento de Estevão de Mendonça, "deixou como producto do seu es-

(X) "Elogio de José Thomaz", na Rev. do Centro M. G. de Letras, vol. VIII pag 61.

tro dois volumes manuscriptos de poesias», infelizmente perdidos (XI).

Na imprensa que de começo se limitava a polemicas estereis de partidarismo, e futilidades da vida social, que Von Dén Steinen criticou com muito chiste, começam a surgir os nomes do P. Ernesto Camillo Barreto, bahiano de nascimento, mas ligado a Matto-Grosso por uma notavel carreira dedicada ao magisterio, á politica e ao jornalismo, Caetano Xavier da Silva Pereira, Aquilino do Amaral, tambem poeta e tribuno fogoso, José da Costa Leite Falcão, caudico de merecimento, alem dos já citados Ramiro, Calhau e outros.

A Historia começa a despertar vocações estimuladas pelo exemplo de Leverger, sobrelevando João Augusto Caldas (1836—1887), cujas obras, infelizmente, em grande parte se extraviaram, restando apenas uma curiosa "Memoria sobre os Indios de Matto-Grosso".

Surgem associações de caracter literario, algumas destinadas a rapido mallogro, mas outras conseguindo bella floração e fructecendo em opimos resultados—como a "Associação Literaria Cuyabana", fundada em 1884 e que só veio a desaparecer inteiramente em 1924. Por outro lado, o ensino recebe propulsão notavel, com a criação do Lyceu Cuiabano que, ao lado do Seminario da Conceição, grande serviço veio prestar á mocidade estudiosa.

Os magnos problemas da Abolição e da Republica apaixonam e empolgam os espiritos saturados de liberalismo, que é o romantismo da politica. Pela imprensa, os campeões das idéas em voga predicam os seus ensinamentos.

Francisco Agostinho Ribeiro, José Barnabé de Mesquita (senior), Luiz da Costa Ribeiro, P. Francisco Bueno de Sampaio, Caetano de Albuquerque, e outros, são

os porta-vozes da geração denodada e brilhante, que precedeu em Matto-Grosso as grandes victorias nacionaes de 1888 e 1889.

Com a Republica, infelizmente, ao contrario do que era dado esperar, abriu-se a era sangrenta das revoluções e do partidarismo exaltado, constituindo-se verdadeiro hiato em nossa evolução, durante o qual, como é natural, muitas vocações se perderam na esterilidade da politicalha extremada, quando não emmudeceram no silencio do ostracismo, do terror ou da morte.

A era contemporanea

Pode-se estabelecer como o marco delimitador da nova phase literaria em Matto-Grosso o decennio de 1910, em que as letras e a propria imprensa entram a desenvolver-se, com um novo viço e enthusiasmo.

O periodo intermediario, comquanto desfavoravel á eclosão de vocações literarias, deixara nomes bastante acataveis no puro dominio das letras, como Vieira de Almeida, contista delicado e de fino estylo, Frederico Prado, humorista e poeta, Francisco Marianni Wanderley, o folhetinista eximio e a pleiade de jornalistas que se reuniram no "O Republicano", em 1898, um dos mais bem feitos jornaes que Cuyabá já possuira, e n' "O Pharol", orgão de moços, mas de muito criteriosa orientação.

E', porém, com a "Revista Matto-Grosso", editada pelo Lyceu Salesiano "S. Gonçalo", sob a direcção do P. Helvecio Gomes de Oliveira,, (hoje Arcebispo de Marianna) e depois do P. Francisco de Aquino Corrêa (hoje Arcebispo de Cuyabá) que começam a florar, no scenario das letras, os nomes destinados a constituir as figuras representativas da actual geração literaria. Essa nova geração trazia uma profunda crença no futuro de Matto-Grosso, um culto extremado das suas grandezas, e, quer na lyra dos seus poetas, quer nas paginas dos seus

prosistas, se afirma unisona essa visão esperançosa de um porvir alviçareiro para a sua terra.

A Noroeste, inaugurada em 1914, si bem que não solucionasse de vez o nosso problema das communicações, veio, todavia, por assim dizer, revelar ao resto do país esse portentoso Matto-Grosso, cuja zona Sul em pouco se povôava e florescia em cidades e villas, como uma Chanaan maravilhosa de riquezas e possibilidades incomparaveis. Para o sadio e alto regionalismo se orienta, sob a liderança de D. Aquino Corrêa, essa geração sahida quasi toda dos bancos dos Lyceus Salesiano e Cuyabano, e que aprende das lições do cantor da "Terra natal" o culto commovido do passado mattogrossense e das suas luminosas esperanças. De 1910 a 1920 prepara-se a sementeira que havia de abrolhar, logo no inicio da decada seguinte, já na administração do Bispo-Presidente, nessa associação que é o "Centro Mattogrossense de Letras", coordenadora e arregimentadora dos valores mais apreciaveis da intellectualidade contemporanea em Matto-Grosso. E tal foi a influencia exercida por essa sociedade, fundada a 22 de maio de 1921, que se pôde dizer que a chronologia literaria em nosso meio se divide em dois periodos definidos—antes do "Centro" e depois do "Centro".

Elementos antes dispersos se aproximaram, num nucleo de cohesão, assimilando-se em um ideal affim de cultura. A "Revista", com pouco, vinha a lume, archivadora das producções do mais variado gosto e estylo. Aos fundadores, que subscreveram a carta de convite, —José de Mesquita, João Barbosa de Faria e Lamar-tine Ferreira Mendes—se juntaram, numa perfeita união de vistas, os outros vinte e um socios, dos quaes 9 tambem considerados fundadores—D. Aquino Corrêa, Estevão de Mendonça, João Cunha, Virgilio Corrêa Filho, M. C. de Oliveira Mello, Philogonio de Paula Corrêa, Cesar-io Prado, Carlos Gomes Borralho e Franklin Cassiano da Silva.

Os outros doze effectivos, com os quaes se integrou o numero de vinte e quatro cadeiras, fôram: Anna Luisa Prado, Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, José Magno da Silva Pereira († em 1927), José Raul Vilá, Leovigildo Martins de Mello, († em 1922), Manoel Paes de Oliveira, Manoel Xavier Paes Barreto. Octavio Cunha, Palmyro Pimenta e Ulisses Cuiabano. Actualmente, fazem parte da "Academia" em que se converteu o "Centro", além dos já citados fundadores, por substituição de socios fallecidos ou residentes fóra do Estado, os seguintes belletristas: Isác Povoas, Francisco Mendes, Oscarino Ramos, Leonidas de Mattos, Nilo Povoas, D. Maria Ponce de Arruda Müller, Olegario de Barros e Allyrio de Figueiredo.

Da vitalidade do "Centro" em doze annos de fecundos trabalhos, falam bem alto a sua "Revista", as sessões memoraveis que tem realizado, as suas "horas literarias", já francamente acolhidas pelo nosso escol social e, ainda mais, a farta messe bibliographica dos seus membros, que, numa emulação louvabilissima, vêm doando annualmente a cultura mattogrossense de obras de subido merito.

Citarei ao correr da penna as seguintes: *D. Aquino Corrêa* — "Odes", "Terra Natal" e "Discursos", além de grande numero de publicações, em folhêtos, de pastoraes, conferencias e trabalhos diversos; *José de Mesquita* — "Poesias", "Terra do Berço" "Da Epopéa Mattogrossense", "A Cavallhada" e "Espelho de Almas" (contos); *Lamartine Mendes* — "Serras e pantanaes" e "Agua passadas"; *Allyrio de Figueiredo* — "Poesias" e "Poemas e poeira"; *José Raul Vilá* — "Rondonia"; *A. Tolentino de Almeida* — "Illusões doiradas"; "A retirada da Laguna" "A India Rosa" — (poemetos); *Cesario Neto* — "Na pista de Rocinante"; *Nilo Povoas* — "Esboço de Historia da Literatura brasileira", e outros ensaios, *Franklin Cassiano* — "Subsidio para o estudo da Dialecto-

gia", *G. Ponce Filho*—"D. Aquino Corrêa", "Por Matto-Grosso na Federação"; *A. Cavalcanti*—"O Tabernaculo" e varias traducções; *Arnaldo Serra* "Almas penadas" (contos regionaes) e "Aromita"; *Soter Caio*—"Ex-tudo", versos mathematicos; e outros.

Fóra da Academia, são de mencionar-se João Nunes, poeta de inspiração romantica, que deixou grande copia de trabalhos dispersos, Joaquim Marques, auctor do "Paginas a esmo"; Feliciano Galdino, que publicou "Lendas Mattogrossenses", "O Perigo yankee" e outros trabalhos; Pery Alves de Campos, jornalista e auctor da "Flôr do matto", estudo sobre José de Alencar; Fernando de Campos, abalisado em conhecimentos philologicos e mathematicos; e outros que fôra longo citar.

Incentivando vocações e propagando o amor aos estudos do Passado, o Instituto Historico de Matto-Grosso, fundado a 8 de Abril de 1919, por ocasião das grandes festas bicentenarias de Cuyabá, mantem uma "Revista" já no seu 15º—anno, e tem patrocinado e estimulado a publicação de obras valiosas, versando assumptos historicos, editados na ultima decada, das quaes citaremos: "Datas Mattogrossenses" de Estevão de Mendonça, "Matto-Grosso" "Notas á margem", "As Raias de Matto-Grosso", "Monographias cuiabanas", de V. Corrêa Filho, "Limites de Matto Grosso com Goyaz" de Philogonio Corrêa, "A Tribu dos boróros" e "I Bororo Orientali" do P. Colbacchini, "A Invasão paraguaya em Matto-Grosso", de A. Fernandes de Souza, "Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangueras" de Antonio Corrêa da Costa, "O thaumaturgo do sertão", "Um paladino do nacionalismo" e outros ensaios biographicos e genealogicos, de José de Mesquita, alem dos inestimaveis trabalhos da "Commissão Rondon", que tem á sua testa o grande sertanista e maior conhecedor de geographia mattogrossense, gal. Candido Mariano da Silva Rondon.

O "Gremio Julia Lopes", fundado a 25 de Dezembro de 1916, tem por sua vez contribuido efficazmente para o desenvolvimento da cultura feminina, devendo-se accentuar as qualidades organizadoras das que o crearam: Francisca de Figueiredo, Teresa Lobo, Maria Ponce de Arruda, Maria Dimpina, Regina Prado, Mariana Povoas, Bernardina Rich, e outras. Edita uma revista "A Violeta", já no seu 19º anno de existencia.

Muitas outras sociedades ephemerhas têm surgido e desaparecido, não sem deixar alguns beneficios á cultura, como o "Gremio Castro Alves" de moços e o "Instituto Philologico mattogrossense", fundado sob os melhores auspicios, mas de curta duração.

Estupenda tem sido a evolução da imprensa em Matto-Grosso surgida, ha quasi um seculo, em 1839, no governo Pimenta Bueno, e que presentemente espelha ao vivo a mentalidade do nosso Estado, em grande numero de orgãos espalhados por suas cidades mais importantes, sendo que só a Capital possui 5 jornaes e outras tantas revistas, Corumbá dois diarios e Campo-Grande, 3 jornaes e uma optima revista "A Folha da Serra".

Em traços geraes, ahi fica bosquejada a evolução litteraria de Matto-Grosso. Não se trata, bem é de ver, de um ensaio critico nem de um minucioso estudo analytico dessa evolução, trabalho para muito tempo e lazeres que ora me faltam. São materiaes esparsos, que procurei reunir, para opportuno desenvolvimento, que, *Deo juvante*, se fará mais tarde, si é que antes disso, obra de folego não vier supprir a falta deste trabalho, pois fiz o que, no momento, me coube, e ... *faciant meliora potentes*.

Cuyabá, Abril MCMXXXIII

José de Mesquita

SONETOS DE D. AQUINO CORRÊA

A SERRA AZUL

Serra Azul! Serra Azul! Sonho encantado

Da minha infancia, em que eu contar ouvira

Que ao pé das tuas grimpas, do outro lado,

O meu rio natal brota e se estira.

E sonhei-te assim toda de saphira,

Ao resplendor dos sóes do descampado,

Nessa orgia de luz, em que delira

A flora do sertão embalsamado.

Mas hoje que, desfeito o anil da bruma,

Miro os teus cumes e grotões medonhos,

Ai! como toda essa illusão se esfuma!

Assim, meu Deus! tal como o azul da serra,

Esvae-se o lindo azul de tantos sonhos,

Que sonha o coração por sobre a terra!

1932

O VELHO ONCEIRO

*Fôra o rei dos onceiros, e Trabuco
Era o seu nome. Mas ninguém diria
Do seu passado, ao vê-lo então caduco,
A dormir e rosnar, sem serventia.*

*Se dentre o cheiro de algum acre succo
Da matta, o faro da onça elle sentia,
Sahia e acuava (pobre cão maluco !)
Ao pé de qualquer arvore bravia.*

*E o seu latido na soidão do matto,
Tinha um quê de tão lugubre e agoureiro,
Que parecia estremecer as flôres.*

*Triste de quem confiou no mundo ingrato,
E depois chora, como o velho onceiro,
As mortas illusões dos seus amores !*

1932.

A POMBA DO SERTÃO

*Foi nos sertões da minha terra, quando,
Numa tapera, descambava o dia:
Uma pomba arrulhava, e soluçando,
«Fogo apagou! Fogo apagou!» dizia.*

*Quanta saudade em seu gemer tão brando!
E nas capoeiras, que melancholia!
Os donos foram todos desertando,
Morrêra o lume na lareira fria!*

*Um dia o coração ha de, por certo,
Dizer-te, como a pomba do deserto,
Que o fogo dos amores está morto.*

*Feliz de ti, se então, nessa negrura,
Brilhar-te o fogo santo da fé pura,
Como um santelmo, para o eterno porto!*

1932

NOTA. «Fogo-apagou» é o nome duma pombinha dos nossos sertões, que arrulhando parece dizer estas palavras.

A VIOLA

*O' viola do sertão! a mais triste das violas!
Tu que choras ao luar das noites estrelladas!
E com o teu doce choro, embalas e consolas
Da vida sertaneja as asperas jornadas!*

*Mesmo vibrando ao som de alegres cantarolas,
E ao passo festival das danças cadenciadas,
Tens sempre a mesma voz, flebil como a das rolas
E dos negros mutuns nas roseas madrugadas.*

*Tu és sentimental como a alma do matuto,
Alma que é como a flôr-da-paixão, flôr de lieto,
Melancholica fiôr, que até sorrindo, é triste!*

*Geme, ó viola! Mas lembra ao caboclo que existe
Um Deus bom, que abre o céu, depois do mundo in-
certo,
Tal como após a secca, abre em fiôr o deserto!*

A ALAVANCA DE OURO

*Dizem que outróra, numa lavra funda,
Viu-se aqui, toda de ouro, uma alavanca:
Todos a querem, mas n.inguem a arranca,
E quanto mais se cava, mais se afunda.*

*Comtudo, cavam sempre... E a ganga immunda,
Que nessa excavação se desbarranca,
Vae dando ouro, muito ouro, e não se estanca,
Até que de ouro este arraial se inunda.*

*Quanta sabedoria não encerra
A lenda popular da minha terra,
Que ao trabalho e á constancia nos convida!*

*Trabalha! que o trabalho é o teu thesouro,
E será elle essa «alavanca de ouro»,
Que ha de elevar-te e enriquecer-te a vida!*

Jesus de Nazareth

Ao inspirado poeta Dr. José de Mesquita

A vida de Jesus como aprendemos
Contada, no regaço maternal,
Tem muito mais encantos e ideal...
E d'ella nunca mais nos esquecemos.

De Maria as doçuras, os extremos,
O presepio, os pastores, o curral,
As jornadas, o Golgotha fatal,
Outras mil cousas santas que sabemos...

E Jesus, apurado no crisól
De tyrannica e vã philosophia,
Resalta, como nós, do humano ról!

Mas não podem tirar a poesia,
Negar a essencia, o mystico arrebol
Do filho Immaculado de Maria.

Santo Antonio do Rio Abaixo, 27 de Julho de 1932.

A. Tolentino

O Promotor Publico

Ao Dr. Oscarino Ramos

A funcção mais pesada neste mundo,
É, de certo, a que exerce o Promotor;
O olhar dos maus trespassa-o furibundo,
O réo lhe sagra um especial rancor.

E quando elle mergulha e traz no fundo
De um mar de crimes pavorante horror,
O advogado então, tôrvo e facundo,
Estoura e grita no maior furor.

O que é mais fulminante, o que é bem triste,
É ver negar-lhe applauso a sociedade,
Em cuja causa o seu ardor consiste.

Contudo, não lhe é dado o esmorecer;
O coração sature de equidade,
Não deixando a justiça perecer.

1932.

A. Tolentino

DO "AGUAS PASSADAS"
DE LAMARTINE MENDES

A Chegada

Para gozar a tepidez radiante
da de teus olhos fonte de poesia,
rindo e chorando de saudade, um dia
parto. Montes, vergeis, rios, -- adiante!

Já se distingue, ao longe, — que alegria!
do mangueiral a fronde farfalhante.
Agora, já se escuta, a cada instante,
o clarinar dos gallos á porfia.

Feliz como eu, não chega ao paraíso
a alma de um crente. O coração descanta
no peito — qual um passarinho. — E' ella!

E o enleio sabe Deus, com que diviso
a tua imagem, como a de uma santa,
sorrindo na moldura da janella.

Pouso aberto

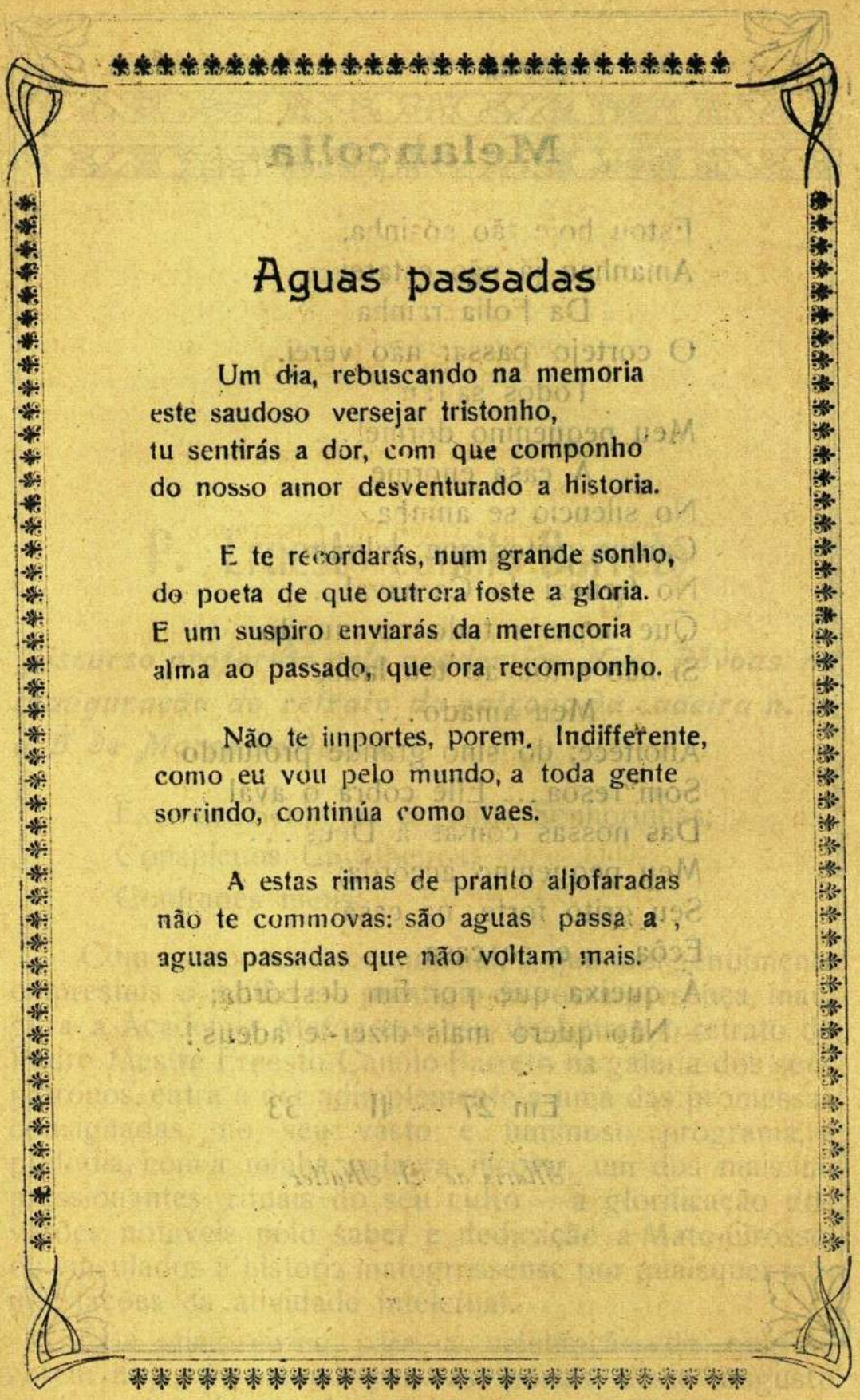
Meu coração é como um rancho aberto,
abandonado à beira do caminho.

Chegaste alegre como um passarinho,
e ahí pousaste, em meio do deserto.

Como num sonho, nelle armaste o ninho
que o fez vibrar, de risos num concerto.
Mas foste embora; e o chão ficou coberto,
não mais de flores, senão só de espinho.

Do teu calor, da tua juventude,
perdura agora esta saudade rúde,
dentro em meu peito a desmanchar-se em ais.

Assim, no pouso á sombra da floresta,
erguido o acampamento, apenas resta
um punhado de cinza e nada mais.



Aguas passadas

Um dia, rebuscando na memoria
este saudoso versejar tristonho,
tu sentirás a dor, com que componho
do nosso amor desventurado a historia.

E te recordarás, num grande sonho,
do poeta de que outrera foste a gloria.
E um suspiro enviarás da merencoria
alma ao passado, que ora recomponho.

Não te inportes, porem, Indifferente,
como eu vou pelo mundo, a toda gente
sorrindo, continúa como vaes.

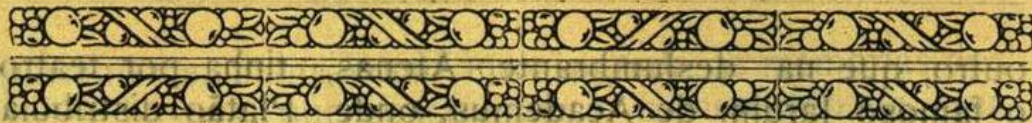
A estas rimas de pranto aljofaradas
não te commovas: são aguas passa a,
aguas passadas que não voltam mais.

Melancolia

Estou hoje tão sózinha,
Amanhan já não estarei...
Da Folia rainha
O cortejo passar não verei.
Todos saíam:
Meu pequenino dorme!...
A casa enorme
No silencio se aninha.
Cantos, gritos que deliram
No frenezi do Carnaval.
Que importa tudo no mundo
Si não estou ao teu lado,
Meu amado...
Anoitece; do sino grande profundo
Som resôa... Elle cobra o aval
Das nossas contas a Deus...
Meu pequenino accorda;
Seu grito forte, na casa
Ecôa... e, se casa
Á queixa que por fim destórda:
— Não quero mais dizer-te adeus!

Em 27 — II — 33

Maria de A. Müller



aos seus discípulos a hostia civica dos seus ensinamentos sob o dossel dos viridentes plátanos.

Lá, naquele recesso acedoso, todo povoado de Ninfas amorosas, quechavam-se extasiadas os discípulos do gran- de filosofo, em meio ao silêncio olimpico dos tumulos dos seus heróis; aqui, neste ambiente espiritual, em que ora pairam as insubas fulgurções da graça feminina, prosternamo-nos reverentes ante as memorias dos que

de nós se foram. O sentimento que nas pristinas éras de esplendor da civilização de Platão e os condutas, através das alas solitarias do Germanico, e ainda o mesmo que neste momento preside

P. Ernesto Camilo Barreto

Discurso proferido pelo academico Nilo Póvoas na inauguração do retrato do patrono da cadeira n. 5, a 5 de Março de 1933.

Excmas. Senhoras e gentis Senhorinhas;

Conspicuos Cavalheiros;

Confrades meus:

Com o imponente ceremonial, a que mui gentilmente emprestais o brilho e o prestígio da vossa presença, inaugura a Academia Matogrossense de Letras o retrato do Padre Mestre Ernesto Camilo Barreto na galeria dos seus patronos, entra a dar adimplemento a uma das promessas consignadas no seu vasto e luminoso programa, e preludia, com a minha palavra incolor, um dos mais impressionantes rituais do seu culto — a glorificação dos varões notaveis pelo saber e dedicação a Mato-Grosso, ou vinculados à historia matogrossense por quaisquer manifestações da atividade intelectual.

Êste officio civico, para a celebração do qual se abrem hoje, de par em par, as portas dèste augusto apolineo templo, lembra, pelas suas afinidades aquele

outro, que na deslumbrante Atenas, tinha por teatro o famoso Jardim de Academus, onde Platão distribuía aos seus discipulos a hostia civica dos seus ensinamentos, sob o dossel dos viridentes plátanos.

Lá, naquele recesso aceitoso, todo povoado de Ninfas amorosas, quedavam-se extasiados os discipulos do grande filosofo, em meio ao silêncio olimpico dos tumulos dos seus heróis; aqui, neste ambiente espiritual, em que ora pairam as irisadas fulgurações da graça feminina, prosternamo-nos reverentes ante as memórias dos que de nós se foram.

O sentimento, que nas prístinas éras de esplendor da civilização helenica, despertava os romeiros do jardim de Platão e os conduzia, através das aléas solitarias do Ceramico, é ainda o mesmo que neste momento preside esta solenidade, enchendo de vibrações poeticas o recinto dêste cenaculo.

Na diversidade das suas fôrmas externas, transparece a unidade das intenções; na variedade do seu ritual, esplende o mesmo culto cristão, santificando os tumulos e honrando a memória dos mortos.

E essa unidade de pensar e de sentir, que através das idades, cada vez mais se acentúa entre os homens, como se os espiritos, guiados por uma fôrça poderosa, convergissem todos para o mesmo ponto, não pode deixar de robustecer a nossa crença de que a morte outra coisa não significa que um mero acidente na vida do homem, ou se quizerdes, "uma lição de vida espiritual", no dizer expressivo de D. Aquino, e serve também de demonstrar, com eloquencia, a veracidade da filosofia cristã, que vê nos tumulos apenas monumentos simbolicos, que se erigem entre duas vidas, marcos sempiternos que assinalam os lindes de duas patrias—a patria material e a patria espiritual.

"As Academias são centros de vida espiritual aos quais se chega através da morte", dí-lo mui acertadamente o douto Coelho Neto. Como tais, elas guardam re-

ligiosamente, numa como urna sagrada, as memórias dos varões ilustres, que construíram o monumento da sua grandeza e da sua glória sôbre o pedestal das suas obras imortais.

Senhores:

Em meio à genitura luminosa dos eminentes vultos que mais decisivamente influíram na nossa evolução político-social e intelectual, avulta sôbre todos excelente a dêsse que foi no seculo o Padre Mestre Ernesto Camilo Barreto, cuja intelligencia privilegiada e extraordinaria capacidade de trabalho, o tornaram credor do nosso Estado dos mais assinalados serviços.

Filho da famosa Vila de Cachoeira, na provincia da Baía, aqui aportou o jovem franciscano Ernesto Camilo Barreto, no ano de 1854, nomeado pelo Govêrno Imperial para servir a cadeira de Teologia Dogmatica e Moral do Seminario da Conceição, que acabava de criar-se nesta Capital.

Não era pois, um matogrossense; mas identificando-se com o nosso meio, fez-se matogrossense pelo coração, e secularisando-se, constituiu-se um devotado servidor do nosso Estado e fator dos mais valiosos na formação e desenvolvimento da cultura moral e intelectual do nosso povo.

Talento proteiforme, a sua influênciã se fizera sentir, já no Clero nacional, do qual foi um dos mais brilhantes ornamentos, perlustrando, com rara galhardia, toda a escaleira das suas dignidades, já na política, onde o seu nome sobresaiu numa aureola do mais solido prestígio, requestando-lhe os partidos a colaboração preciosa, já no magisterio, onde melhor se lhe definiu o caráter deixando um nome envolto em refrações de benemerencia, já no jornalismo, onde conquistou verdadeira popularidade, como polemista de fibra, já na tribuna sacra, de que foi um dos mais valentes paladinos do seu tempo.

A influência religiosa exerceu-a êle pela palavra de que foi um dos mais estrenuos cultores, e pelo livro, de que foi também obreiro probidoso e infatigavel. Pela palavra, ora a arrebatrar as multidões, que se apinhavam nas vastas naves das igrejas nas grandes solenidades religiosas, ora a dissertar magistralmente na sua cátedra, nos dias memoraveis do conceituado Seminario da Conceição, como professor abalizado de Retorica e Filosofia, ao lado do Conego Ferro, do Conego Mendes, de Bernardfno José Soares, de Carlos Schultz, Calhau e outros luminares do magisterio; e, com a mesma elegancia com que alteava para colher as flôres imarcessiveis da eloquencia, penetrava, pelos meandros de filosofia e da teologia, no recesso perfumado das escrituras, cujos escaninhos devassava a sua argúcia extraordinaria. Pelo livro, incorporando ao patrimonio das letras varios tratados de Religião, de Filosofia e de Teologia, pelos quais se lhe pode aquilatar a rubustez do talento, o zêlo ardente e o grande devotamento ao seu sublime apostolado, atributos supernos que lhe valeram, entre outras honrarias com que o agraciou a munificencia da Santa Sé, a alta dignidade de Protonotario Apostolico, que lhe conferiu Pio IX.

Politico verdadeiramente liberal, jamais se deixara contaminar pela toxina virulenta da paixão, que corroi os espiritos e que oblitera a razão. Sempre propugnou uma política elevada, inspirada nos postulados da mais lídima democracia, essa política que, consoante o grande Rui, afina o espirito humano, educa os povos no conhecimento de si mesmo e cria, apura e eleva o merecimento; daí o grande acatamento, a profunda simpatia e o sólido prestígio que desfrutou. Nunca se nivelou a essa casta de politicos de vôo rasteiro, que consideram a política como um mero jôgo de intriga, de inveja, de incapacidade e cujos ideais não vão além dos seus interesses pessoais e cujas armas de combate são a intriga, a perseguição e a vingança. É nesse liberalismo sa-

dio, senhores, que reside o segredo dos seu constantes triunfos, que culminaram com a sua eleição, em sucessivas legislaturas, a deputado provincial e geral, postos êsses em que prestou ao Estado e ao País os mais relevantes serviços.

A sua influencia no Ensino Publico manifestou-se esplendidamente numa longa e brilhante trajetória pelo magisterio, do qual foi luzeiro imperecível, firmando renome e conquistando os mais belos florões da corôa que lhe cingiu a frente veneranda.

Não somente como professor, senão também como Inspetor dos Estudos, teve o Padre Ernesto Camilo oportunidade de influir de maneira decisiva na orientação do Ensino Publico de nossa terra, de que foi um dos mais árdegos propugnadores. Foi êle, senhores, sem contestação, um dos maiores educadores coévos e esta só qualidade bastaria de sobra para conferir-lhe posição de relêvo na historia da nossa evolução intelectual e para justificar êsse halo de simpatias que envolveu o seu nome e consagrou a sua memória.

Entre tantos e tão excelsos titulos que relevaram a personalidade do eminente sacerdote, não foi, por certo, o de jornalista o de menor valia; mas antes nele se afirmou e se impôs o prestígio da sua individualidade, com a mesma fôrça e o mesmo brilho que nas demais facetas do seu talento, seja esclarecendo e orientando a opinião pública nos artigos doutrinarios, seja brandindo dextramente a pêne invencível no ardor das refregas politicas.

Espirito altivo e eminentemente pugnaz, nunca se chafurdara no atascal da bujulação, nem se deixara enredar nas teias do interêsse; jamais dobrara a cerviz ante os potentados, nem se deixara intimidar pelos ímpetos e bravatas ridiculas daqueles que sóem escalar as posições pelos degraus do servilismo, da abjeção e da indignidade; nunca o vira ninguém recuar um passo na luta em que se enpenhara; mas em todas aquelas a que

o arrastaram os seus ideais, sempre se conduzira com notavel lealdade, nobreza e destemor, tersando como um verdadeiro atleta.

E foi assim que o vimos, firme e desassombrado na arena, nos torvos dias do famigerado govêrno Alencastro, tendo só por escudo a sua inteligencia e blindado pela sua bravura, a escorchar o sanhudo Presidente, que vencido e desmoralizado perante a opinião pública, lançou mão da violencia, arma dos fracos e dos covardes, mandando prender e deportar o valoroso adversario.

Fê-lo deportado o trêfego Governador mas a opinião publica o fez Deputado. E como êsse, outros triunfos não menos memoraveis colheu o emérito jornalista que foi o Padre Camilo Barreto.

Primoso no falar como no escrever, avulta a figura hieratica do Padre Mestre entre os mais inspirados oradores que ilustraram a tribuna sagrada da sua época.

Estilo parcimonioso, porém sem obscuridades, fraseologia pomposa, porém sem refinamentos gongoricos, pensamentos arrojados, porém verosimeis, imagens vivas e coloridas, porém cheias de naturalidade, eis, meus senhores os atributos dêsse notavel prêgador, que prendia a atenção das assembleias religiosas sedentas da sua palavra, que defluia clara, concisa, precisa e palpitante de riligiosidade.

Como vêdes, em todas as searas em que lhe deu acesso o seu singular engenho, na politica como na imprensa, na cátedra como no púlpito, salientou-se sempre o Padre Ernesto Barreto, legando, em todas elas, inestimaveis serviços a esta terra, que posto não fosse a do seu nascimento, êle a amou com todas as veras do seu coração afetuoso, a ela consagrando-se generosamente na vida e na morte.

Não é justo, pois, que o véu do esquecimento ou da indiferença cáia sôbre o seu nome, que imergiu no eterno silencio, deixando da sua passagem os traços

indeleveis do seu esforço, do seu civismo, da sua intelligencia e da sua cultura.

No apostolado da fé do mesmo passo que no apostolado das letras, "o seu fervôr foi como a traia do condor: majestosa, progressiva e igual, desde o seu comêço até à sepultura."

Eis, meus senhores, com que valiosas credenciais se recomendou o Padre Mestre Ernesto Camilo Barreto à estima e à consideração dos seus coévos; com que titulos excelentes se impõe a sua memória à consagração da posteridade!

Louvemos, pois, o seu nome e bendigamos as suas ações, que enchem de vivo fulgor o tempo e honram sobremodo à Humanidade

Prestemos-lhe, mais uma vez, que para agradecer nunca é demais, a homenagem do nosso afeto e da nossa gratidão, certos de que "o que se faz aos mortos resulta em honra para os vivos."

Disse.



ALITTA...

A D. Aquino

Esta vida é de sombra e é de surpresas,
Porque nos próprios olhos nos cegamos...

(Não ha bramir de coleras accêsas

Na canção matinal dos gaturamos.)

Descem resteadas de sol para as devêsas

No abrir das folhas dos cerrados ramos...

A luz de cima é o rumo das certezas,

Apontando o logar para onde vamos.

Homem! fôrças ter glorias que imaginas...

Pendem teus braços tremulos dos hombros,

E desprezas, no Amôr, as leis divinas.

Vibras o ferro... opprimes a razão...

Pizas a terra, e vaes causando assombros,

Mas vêm teus dedos apontando o chão!

Octavio Cunha

ANIMAE VERITAS

A Alberto de Oliveira

Passou por mim. Fitei-lhe o rosto: um encanto,
Iluminando a propria luz da rua.

Segui-lhe os passos a sentir no encanto,
Que a alma, que Deus me deu, já era bem sua.

E de longe a segui... (nunca tem pranto,
Nem dôr o peito que de amor estúa...)
Mas a noite encobrio seu vulto santo,
Como a nuvem, que passa, esconde a lua.

Perdi-a além... onde não tinha luz...

E ando a buscal-a, e nunca mais a vi,
A ella, que é o meu prazer e é a minha cruz!

Por isso eu vivo amando, e nunca amei...

—Foi a sombra do amor que eu persegui.

—Foi a imagem do amor que nunca achei!

Octavio Cunha

EXTASIS

A Humberto de Campos

Hontem, pensando em ti, passei o dia,
o dia todo !.. n'uma inquietitude
de sabiã, que o ninho tece e fia,
antes que o tempo de repente mude.

Embora a crença em nosso amor se escude
n'uma esperança, que nos delicia...
longe de ti, tudo parece rude...
—galhos quebrados pela ventania...

Longe de ti... a vida é um mar bravio,
n'um fragôr retumbante de escarcéos !
Junto de ti!—é um leito alvo e macio.

Quando em extasis fico a te mirar,
—vejo a terra subindo para os céos...
—ou os céos descendo para nos levar !

Octavio Cunha

NOCTURNOS

A Gilka Machado

I

Uma andorinha
A outra andorinha, um dia,
Enamorou... e juntas voaram.
Depois... n'um torreão, que além se via,
Um ninho edificaram...
Assim: nós dois!... E hoje tú és tão minha,
Que não posso de ti me separar!
Nem tu queres ficar longe, sosinha,
Longe do meu olhar.

Bella paixão, que em tempo algum definha,
Que sempre nos conforte...
E's minha: unicamente minha!
E eu sou teu para a vida e para a morte!

II

Aclara o meu espirito, que te ama,
E affaga e aquece o teu perfil risonho,
A mesma chamma,
Que envolve a crença e o ardor de tanto sonho.

III

Ai! quando a noite silencia tudo,
A saudade me traz horas sem termo...
Sigo! (meus passos rugem contra o ermo!).

2072113002

Para appacar a dor, que me consome,
Não cesso de teu nome repetir,
De balbuciar teu nome!...

.....
É alli! tão alto e escuro é quieto e mudo,
Teu quarto de dormir!
Que magna atroz a minha magua enorme...
Antes ave eu nascesse para voar,
E subir, como a chamma, só subir!...

.....
Dormes! Há trévas sobre a terra e o mar...
Dormes! Há trévas no teu lindo altar!
Adormeceste, como dorme a flôr...
Se o perfume não deixa a flôr que dorme,
Dormindo, sonha tu com o meu amôr!

.....
Brame em lufada a ventania...
Dorme, querida! sonha!
Dorme!
Dorme que a noite é muito fria!...
Antes que o dia rompa e a luz deforme
A tréva em que dos olhos máos me abrigo.
Abre esta bocca tépida e risonha,
Pronuncia o meu nome, pronuncia...

.....
Sonha que estás resando o amor... commigo!

V

Accorda! abre a janella!
 Só a tua formosura
 Faz a noite hynvernosa ficar bella!
 E o teu candido olhar, olhado pela
 Paixão do sonho meu, que te procura
 A querer e a cantar,
 Accende a terra, accende o céo, accende o mar
 Desde a fonte, que anceia, á mais longinqua estrella.

.
 Accorda! Falla! Uma palavra tua,
 Cantando entre os teus labios côr de sangue,
 Perfuma a tréva, faz surgir a lua!
 Uma palavra tua, meu amôr,
 Tem notas suavemente extraordinarias,
 Enche o meu coração . . . dá-me esplendor! . . .
 E eu me arrebatô enleiado . . . e vibra e estúa
 Em minh'alma
 Como a préce de um beijo que fluctúa
 Sobre a sagrada evocação das arias!

VI

Como é que esta paixão assim me impelle
 A passar toda a noite delirando? . . .
 Minh'alma—sem tu'alma—é um'ave imbelle!

*
*
Mesmo chorando, aqui, sinto-me bem...
Por mais que o frio ás minhas carnes géle.
Não géla o coração que te contém!

VII

Accorda! Ah! vem o luar! E o luar entrando
Já vae pelas vidraças que rutilam...
Busca o teu leito perfumado e brando...
Meus pensamentos vão com o luar... scintillam!

*
*
E affaga o luar com um beijo luminoso
Teu pequenino leito,
Tão alvo, tão bem feito,
Onde dorme o teu corpo delicioso
Leito, que ouvio os senhos teus primeiros,
Tão pequenino!...
Que não pode abrigar dous travesseiros
O teu leito divino!

*
*
Quanto é feliz a luz deste pallido luar,
Que vae beijar teu corpo inteiro...o collo, o busto!

*
*
Se eu me pudesse spiritualisar,
Iria, como a luz do luar, sem susto,
Em teu formoso corpo me enroscar!...

SONETOS

VIII

DE A. TOLENTINO DE ALMEIDA

A aurora aponta—incendio que irradia!—
Aves cantando
Nos pés de rosa.
Insectos voando . . .
Adeus, formosa!
Já vem clareando o mundo a luz do dia.

IX

E o céu, sobre esta aurora a scintillar,
De camadas de perolas se forma!
Abre os teus olhos! Tudo é claro! Adeus!
Dormes ainda! Há luz no céu, no mar . . .
Accorda, vibração dos sonhos meus!
Dormes ainda, como dorme a flôr . . .
Se o perfume não deixa a flôr que dorme,
Dormindo . . . sonha tú com o meu amor!

De la vie Cuntia

SONETOS

DE A. TOLENTINO DE ALMEIDA

Estrella d'alva

Ao Dr. Palmyro Pimenta

Contemplo o vir do sol. De rosa e malva
Perfume embriagador innunda o ambiente,
Assim lírios e cravos junctamente
Trescalam com mais flores, sem resalva.

O sól, com toda a pompa, a serra escalva,
Esgarçando-lhe a nevoa opaca e humente,
E no anseio de quem desejos sente,
Nunca pôde alcançar a estrella d'alva.

Luzes no céu, perfumes sobre a terra,
Descantes pelos ares luminosos,
O que este mundo encantador encerra.

Tudo, do tédio me alevanta e salva;
Mas como o sól, anhela divos gosos,
Eu não alcanço a minha estrella d'alva.

Poconeano

Eil-o guapo, em seu ardego cavallo,
Afeito a trabalhar o dia inteiro,
Transpondo grotas e saltando vallo,
Numa carreira infrene de pampeiro.

De laço em punho, destro a manejal-o,
Faz a laçada rapido, e, certoiro,
Apezar dos tropeços e do abalo,
Atira-a aos guampos do marruá ligeiro.

Mais bello é ver-se quando, enfurecido,
O touro ameaça e, num repente, avança
Contra o vaqueiro que um ferrão sustém.

Este, que o fita calmo e destemido,
Lhe enterra a choupa da retesa lança
E um mugido de dor retumba além.



DOIS EXCITADORES DE DEDICAÇÕES

O Brasil assiste presentemente á glorificação de dois vultos, que por ventura diversos em tudo mais, tiveram gloriosa recompensa, que os irmanou perante a Posteridade veneradora de seus espiritos devassadores de novos rumos.

Um, Alberto Torres, saciado, em vida, de funções publicas, pelas quaes passeou a sua possante intelligencia, não exerceu actuação correspondente á que vão promovendo os admiradores, reunidos em gremio propagandista das idéas, que patrocinou em obras, de actualidade semelhante ás das sementes conservadas nos tumulos antigos, cuja força germinativa não se perdeu durante o tempo de privação de elementos propicios.

Tambem o pensador fluminense, cumprida a missão de explanar doutrinas, que lhe inspiraram escriptos notaveis pela originalidade e sentimento patriótico, sumiu da circulação, como se se recolhesse, com a bagagem literaria, ao silencio dos monumentos pharaonicos.

A Revolução de Outubro, á maneira dos revulsivos poderosos, trouxe á claridade os germes promissores de fecundação util, bem assim, de mistura, alguma praga reveladora da propria contingencia humana, imperfeita nas suas maiores empresas.

Entre os que vieram á baila, com incontestavel capacidade de influir nos destinos do paiz, salientam-se os que Alberto Torres carinhosamente acolheu em sua extraordinaria sementeira destinada ás gerações futuras.

O homem que, exercendo cargos executivos, como tambem legislativos e judiciarios, não se afastou sobremaneira dos parceiros, de tendencias conservadoras, transfigurou-se após o desaparecimento, em mentor dos revolucionarios constructivos, que se lhe inspiram nos ensinamentos e cuidam de penetrar-lhe até ao amago os pensamentos, por vezes expressos em linguagem mysteriosa.

Para divulgá-los, constituiu-se uma sociedade de investigadores dos problemas nacionaes, que lhe commentam os conceitos sociologicos, e contribuem com suas observações pessoais, tendentes a comprovar o acerto das affirmativas do publicista.

Ainda recentemente, perante os seus consocios, dissertou com agudeza o Dr. Benedicto Silva a respeito das populações ruraes, cuja existencia descreveu ao vivo, como quem as observou de perto, sem lhes encobrir as falhas do trabalho penoso, cujo resultado não corresponde ao esforço dispendido, á mingua de technica apropriada.

A' maneira de Monteiro Lobato, ao caricaturar o Geca resignado, tambem o panorama da sua actividade industrial se coloriu acaso um tanto excessivamente, para melhor ferir a sensibilidade dos ouvintes.

Mas, em verdade, resalta do esboço critico o innegavel contraste das duas civilizações, que se avizinham, sem se penetrarem mutuamente, a litoranea e a sertaneja.

Não se encontrou ainda o meio efficaz de articular-as intimamente, em beneficio geral.

Nem a educação dos jovens, desviados do ambiente rural, que se desfalca de energias aproveitaveis, para o cidadão, onde não se lhes deparam condições adequadas á plena expansão de qualidades atavicas, suffocadas pelas exigencias de novas adaptações, nem a transplantação para a roça de obreiros adventicios, com os seus processos de agir, conseguiram modificar de forma sensivel a divergencia, que separa as duas actividades, e as põe, não raro, em completo antagonismo. Se o descendente do roceiro, mandado a estudos superiores, pelo progenitor ansioso de elevar a sua prole a nivel da vida mais alto do que o divisado por sua familia, adquire aspirações incompativeis com a sua origem modesta, e transforma-se em incuravel candidato á burocracia, nas suas varias modalidades, o forasteiro innovador, por outro lado, contribue, as mais das vezes, para desconceituar as melhores propagandas de melhoramento rapido.

Não são raros, por exemplo, os casos de estabelecimentos pastoris, que, no recesso dos sertões, prosperaram sob a direcção dos seus proprietarios antigos, não obstante os habitos rotineiros, e transferidos a administradores afamados em outras terras, não tardam a decahir, tão logo lhes falte a assistencia financeira de fóra.

Outras vezes, são empresas litoraneas, que pretendem gerir os seus interesses, de longe, por intermedio de delegados de confiança cuja efficiencia para logo se patenteia minguada.

Dahi errará, todavia, quem concluir pela inutilidade do esforço dos sertanejos, em prol do ensino de seus filhos, além do nível em que foram criados, bem assim pela inefficacia absoluta do progresso devido aos advenas.

São, ambos, factores, que irão enquadrar os sertões no mesmo rythmo da vida litoranea desde que racionalmente aproveitados e dirigidos, como pretende fazer a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, que trouxe de novo á circulação as idéas reformadoras do seu insigne patrono, cujo influxo cresceu após a Revolução de 1930, que lhes proporcionou ambiente adequado á frutificação, quer directamente, pelo que exprimem, quer através dos ensaios e commentarios dos discipulos dedicados, que lhe explicam as doutrinas.

Do melhor conhecimento dos defeitos de organização do trabalho no Brasil, de que se causam desperdicios enormes de energia e a pilhagem exhaustiva das riquezas naturaes mais ao alcance da ambição resultará, certo, o programma correctivo, que deverá ser posto em pratica pelos dirigentes e por todos os brasileiros capazes de exercer alguma influencia util.

As forças vivas do paiz encontram-se em reserva, a que falta a competente mobilização com finalidade productiva.

A Terra é a mesma que dynamitou o enthusiasmo do seu primeiro observador europeu, o chronista Vaz Caminha.

E o Homem, se nem sempre se revela agente de progresso, é porque lhe falta o necessario adestramento nas operações impostas pela intensa vida moderna. Sobram-lhe qualidades que devidamente exercitadas conseguirão, em outros sectores, os mesmos feitos que o immortalizaram no devassamento dos sertões, nas campanhas defensivas do territorio, na fusão de capitancias desarticuladas em um só organismo politico, de enormes proporções, e nas varias actividades industriaes e scientificas, quando superiormente orientadas.

Na sciencia é conhecida a sua contribuição, que se propaga através da escola brasileira de medicina, das concepções brasileiras de direito, da modalidade nacional de engenharia.

Nas industrias, a habilidade operaria manifesta-se a cada passo, quando se lhe deparam condições favoraveis.

Falta-lhe, porém, a educação profissional que lhe desenvolva os pendores naturaes, e lhe augmente a valia espontanea, que permittiu a arrancada heroica dos bandeirantes, para dilatação da área occupada através de obstaculos de toda ordem e a improvisação de artifices e inventores, em alguns dos quaes a humanidade festejou o admiravel genio brasileiro.

Quem perlustra os factos nacionaes, com julgamento afeiçoado á relatividade do trabalho humano, consoante as circumstancias varias, que o estimulam, ou refreiam, verificará a existencia de energias raciaes, capazes de progresso, a que apenas tem faltado o indispensavel estímulo, que as excite, e dirija convenientemente.

Ninguém melhor os lobrigou, no passado historico, do que o fidedigno Capistrano de Abreu, o outro a quem a Posteridade não faltou ainda com o seu culto de admiração, mantido e propagado pela Sociedade, que lhe tomou o nome.

Contrastando com Alberto Torres, que se installára bem na vida, dispunha de facilidades para grangear proselytos pelo influxo pessoal, e através dos seus livros e opusculos, o historiador dizia-se enfarado da humanidade e, envolto no seu scepticismo, pouco se lhe dava de pôr em letra de fôrma o resultado de suas pesquisas. Voluntariamente adstricto ao viver modesto, nada teria que aprender com o proprio Diogenes, a quem o poderoso governante não poudé proporcionar mais que o favor de lhe não impedir a entrada do sol no humilde tugurio, conforme lhe respondeu á offerta de mercês.

Era na apparencia o inacessivel caboclo mal ajambrado em trajes citadinos, saudoso, acaso, por atavismo, dos habitos e vestuario primitivos.

Não poetou, como Vicente de Carvalho, a sua nostalgia sertaneja, mas, em parte, cuidou de satisfazel-a, pela existencia rebelde ao protocollo.

Sómente os iniciados, em reduzido numero, sabiam afastar o manto artificial da misanthropia e tratar amistosamente com o mestre, que se lhes revelava bonacheirão na intimidade.

Abria-lhes o thesouro do seu saber, para animal-os e guiar em suas investigações, que não se limitavam aos dominios historicos, embora nestes lhe culminasse a autoridade inexcédível.

Não se apressava, todavia, em expol-a á publicidade, como solicitavam os seus admiradores. Julgava assim compensar, pelo silencio voluntario, ao excesso de publicações desinteressantes, com que se compraz o frenesi autoral dos que levam aos prelos a primeira idéa que lhes afflore na mente mediocre.

De raro em raro, por satisfazer a pedidos instantes, ou atalhar alguma duvida, condescendia em tomar da penna e traduzir, pela escripta, a opulencia dos seus conhecimentos, em artigos de jornaes, ou monographias, que surgiam com os caracteristicos de classicas.

Ensaio de ocasião, porém, amortalhavam-se nas páginas e columnas, a que se destinavam, em geral como parte de obra alheia.

Não se lhe divulgára nenhuma collectanea dos escriptos, de sorte que se tornava difficil, para os estranhos, conhecer-lhe a obra literaria, esparsa por publicações de consulta praticamente impossivel.

Em homenagem ao seu patrono, a "Sociedade Capistrano de Abreu" tomou a si a missão de enfiar-lhe em volumes ao alcance dos estudiosos, o legado intellectual, confiante de concorrer destarte para lhe honrar a memoria.

Após os "Capitulos da Historia Colonial", editados em 1928, "O Descobrimento do Brasil", (1929), "Caminhos antigos e Povoamento do Brasil (1930), em que se patenteia o historiador sagaz, cuja visão descortinava rumos ignorações por outrem, surge-nos, em "Ensaio e Estudos" o critico literario, que tão ajuizadamente prefaciára a edição postuma do livro de Rocha Lima, prematuramente interrompido em sua carreira promissora.

Quando salientara a valia intellectual do seu contemporaneo, já havia entretanto Capistrano applicado o espirito curioso á analyse dos poetas brasileiros romanticos, dois dos quaes, Casimiro e Junqueira Freire, procurou definir em seus "perfis juvenis", traçados quando mal attingira os vinte annos.

Já, então, patenteava relevancia das suas cogitações, embebidas de leituras, que lhe emprestavam ás affirmativas certo ar petulante, proprio á idade.

Como directriz do que iria fazer, assentou: "critica synthetica, impessoal e positiva, só me parece possivel fundada em dois principios: o primeiro, é que a literatura é a expressão da sociedade; o segundo é que o estilo é o homem".

"Mas se a literatura é a expressão da sociedade, toda obra literaria sendo um meio de tornar mais fiel esta expressão, é um foco de que pode jorrar irradiante luz, é um instrumento de que pode tornar melhor conhecida o todo, definindo melhor as partes.

"Se o estilo é o homem, todo livro é um problema psychologico digno de estudo, e, se a curiosidade esthetica não nos satisfaz a theoria scientifica do espirito sempre aproveita com seu exame".

Sem lhe contestar a theoria, cuja discussão não caberia, depois de meio seculo decorrido, apenas se notará o cogmatis-

mo do critico principiante e a seriedade com que, na esteira de Taine, pretendia classificar a sociedade brasileira atravez da obra literaria dos seus escriptores.

Destarte, ao estudar, no seguinte anno, a "Literatura Brasileira Contemporanea", tornaria ao assumpto de sua preferencia, para conceituar, incisivo:

"Essas poucas palavras — expressão do Sociedade — dizem muito quando applicadas á literatura.

"Com effeito, não significam somente que a literatura é um facto social, que ha estreita relação entre o elemento social e o elemento literario; que a evolução, ou dissolução deste traduzem a evolução, ou dissolução daquelle. Têm significação mais profunda e elevada; implicam a regularidade dos phenomenos sociologicos, a possibilidade de seu estudo scientifico."

Esteiado em Buckle, apontaria, de inicio, o rumo a seguir.

"A literatura é a expressão da sociedade, e a sociedade a resultante de acções e reacções; de acções da Natureza sobre o Homem, de reacções do Homem sobre a natureza.

Está, pois, traçado o caminho: em primeiro logar, tratarei das influencias phisicas no Brasil; em segundo logar, da sociedade que medrou sob essas influencias e da literatura que exprime essa sociedade."

A este chamava o ensaista de methodo quantitativo da critica, differente do qualitativo, que attentava no *producto*, para julgal-o, conforme a sua belleza e perfeição.

O exame da obra poetica dos dois românticos evidenciava-lhe a capacidade comprehensiva diante até da melancolia ver-sejante dos que olhavam o mundo por outros prismas bem differentes do seu.

Antithese perfeita do romantismo sentimentalista, que culminára nos poetas sumidos precocemente, Capistrano diligenciava libertar-se das ficções, pelo estudo das condições phisicas e moraes, que solicitavam a nacionalidade para os seus destinos.

Explicava os exageros da escola, feito observador, a quem não passavam despercebidas as bellezas de algumas passagens, mas se defendia de homologar-lhes os postulados, oppostos ás suas idéas realistas.

Abeberado de Comte Spencer e seus discipulos, dir-se-ia mais um sociologo, que tomasse a literatura para campo de suas pesquisas, de que simples critico literario, aquilatador do merito intellectual dos escriptores, em quem sobretudo considerava o aspecto definidor das tendencias mais pronunciadas da collectividade.

Por isso, no ensaio mingudadamente se refere a nomes de autores, mas se interessa pelos cantos e contos populares, em que presume deslumbrar as manifestações mais fieis das características psychologicas raciaes.

Examina o *habitat* brasileiro, e a proposito cita, em nota, as apreciações de Alexandre Rodrigues Ferreira, quanto á relação social dos indigenas e as condições phisicas, e a monographia notavel, onde apparecem: "*Observações geraes e particulares sobre a classe das Mammaes*."

Como poderia Capistrano conhecer, em tal idade, o inedito da Bibliotheca Nacional, que raros compulsaram, a não ser atravez da transcripção feita por Mello Moraes, em sua "*Chorographia*"?

Se a literatura se classificava como factor social, outros também concorriam para definir o conjunto, que lhe importava estudar.

"Começarei, diz elle, pelo que se chama politica, mas não o farei sem declarar que ella me é mais do que indifferente. Se o governo tem chegado á situação que lastimo, mas não censuro, é preciso recordar que um povo tem sempre o governo que merece".

Tivemos uma constituição, systema representativo, e antes dos costumes que os explicam e exigem".

Em outro sector, vejamos o jornalismo.

Não definirei sua missão; mas não é exacto que como a do governo elle se ache profundamente adulterado?

Consiste apenas em servir de valvula aos sentimentos pessoas das noticias, ou publicar annuncios?"

E quanto á sciencia, que poderia adiantar nos conceitos de Agassiz: "aqui se aprende por livros e não por factos; conhecem-se os factos referidos por outrem, não se fazem investigações originaes. Vivendo no meio de uma Natureza rica além de toda expressão, temos theoria e não pratica, sabemos mais da bibliographia scientifica estrangeira do que da fauna e da flora que nos cercam".

As mesmas perturbações funcçionaes manifestam-se em outros ramos de actividade a que passa em revista, antes de synthetizar os caracteristicos de nossa literatura colonial; "esoterica a principio, e, por conseguinte, lambicada; demotica e por conseguinte, grosseira e animal depois; por fim, mais colorida e geral, por conseguinte mais verdadeira no espirito e mais bella na expressão".

Qualquer destas feições depende do estado social da concepção que ella occasionou e por conseguinte do grau de instrucção corrente”.

Com a Independencia, libertou-se o paiz do sentimento de inferioridade a Portugal, substituído pelo de superioridade.

Mas permaneceu dependente da orientação espirital euro péa. Não se dilatou por outros dominios a arrancada emancipadora, vitoriosa na politica.

Em resumo, como as outras funcções, a literatura não se pôde desenvolver plenamente e por isso se atrophiaram suas condições organicas.”

”Só com a palingenesis da sociedade é que a literatura nacional poderá renovar-se. Entretanto vejo symptomas de renascimento literario nas duas escolas que se formam: o cosmopolitismo e o indianismo”.

As citas successivas justificam-se pelo que visam: enfeixar alguns conceitos capistraneanos, reveladores da gravidade intellectual do autor, que mal entrado na terceira dezena de idade, já se patenteava preocupado em conhecer, nas suas minucias, bem cssim no conjunto, a evolução da sociedade brasileira, que examinou a principio através da sua documentação de mais facil a consulta, a literaria, para depois aprofundar o estudo nos archivos e bibliotecas, de que se tornou o mais sagaz consulente.

Para quem, mais tarde, pretenda esculpir o perfil intellectual do monographista, que tão superiormente soube imprimir a sua marca aos estudos da historia nacional, torna-se indispensavel o ultimo volume editado pela S. Capistrano de Abreu-consagrada á glorificação de seu patrono, de maneira semelhante á que diffunde as idéas reformadoras de Alberto Torres.

Duas individualidades, diferentes pelas suas orientações, que se consagraram ao estudo consciencioso do Brasil e por isso creditaram-se á benemerencia da Posteridade, que lhes está dignamente cultuando a memoria.

V. Corrêa Filho.

"DO OUTONO"

de JOSÉ DE MESQUITA

A HUMANA COMEDIA

A Alfeu Rosas

Dante, quão longe está esse teu genio immenso
com que o Tartaro, o Céu e o Purgatorio pintas,
de poder esboçar o labyrintho denso,
que é esta Comedia humana, em verdadeiras tintas!

O amor que crêa e o odio que estrue, num contrasenso;
a renuncia serena e as ambições famintas;
a virtude que soffre e o vicio que lhe é infenso;
e o prazer que se extingue e as dores nunca extintas;

sobre a face de Christo o atro beijo de Judas;
a hypocrisia vil de purpura adornada,
emquanto que do Bem as vozes morrem mudas...

—eis a Humana Comedia, o spectaculo ascoso,
que, dia a dia, a alma contempla desolada,
a ansiar pelo final e supremo repouso.

PERFEIÇÃO

Non sit pax tua in ore hominum...

(Imitação, III, XXVIII, 2)

Segue a via real, bem ampla e illuminada,
surdo ás acclamações e aos apupos crueis.
olhos postos no azul, vai pela tua estrada,
brotem rosas em flôr ou espinhos a teus pés.

Pobre do que sentir sua alma perturbada
pelos apodos vis ou pelos ouropeis!
Vai, tranquillo, a fluir... Lembra que a agua parada
não tarda em transformar-se em pantano, em marneis.

Quando a alma se eleva á virtude mais alta,
indifferente á dor e ao gozo que inebria,
e á chacota, que fere e ao encomio, que exalta,

é que da Perfeição o vertice attingiu:
—nem já lhe dóe o mal, que a cerca, noite e dia,
nem o bem que buscou e que não conseguiu!

DO OUTONO

SERENIDADE

A Eudoro Corrêa

Olha o céu como ostenta em sua variedade
os reflexos subtis da alma que em ti palpita.
Agora, ruga e trôa em meio á tempestade,
para logo sorrir na placidez bemdita.

Tal como o céu, conserva essa serenidade
que toda a angustia expelle e toda a furia evita.
Sê calmo, forte e bom e vê que nada te ha de
parecer dôr sem termo, incuravel desdita.

Que importa ao céu que a luz que nelle se acrisóla
se reflecta tambem no charco e no lenteiro?
—o céu não se enlamêa, a lama é que se evóla..

E, como o sol, que alumbra os pincaros e as furnas,
esparze o teu perdão por sobre o mundo inteiro
—alvorada a espancar as trevas mais soturnas!

ALCHIMIA

Continúa a fazer o Bem. Faze-o a mancheias.
Não esperes do mundo a gratidão mesquinha.
Por paga superior, premio maior anseias.
Sem curar do que vem, impavido, caminha !

Tanto maior a mésse e mais viçosa a vinha,
quanto mais desprendido o teu desejo alteias.
Na alma em que a caridade, a ternura se aninha,
flue a paz, como o sangue a correr pelas veias.

Deprecia o favor quem lhe põe preço ou grado.
Fazer o Bem deve ser todo o teu ideal,
sem cogitar siquer qual seja o resultado,

pois na alchimia de Deus verás que é assim também:
—si o Bem que tu fizeste o homem converte em mal,
has de ver que do mal te virá todo o Bem !

VELHOS POETAS

Como me apraz vos lêr, nestas sombrias
horas de tédio, magua ou desalento,
velhos poetas, de longinquos dias,
votados hoje a ingrato esquecimento!

Gonzaga e Claudio—o amor doce e violento,
e tu, sentimental Gonçalves Dias,
Alvares de Azevedo—o pensamento -
e Casimiro—as meigas elegias...

Meus bons irmãos do Sonho e da Ternura,
irmãos mais velhos que conosco vêmos,
irmanados, no pranto ou na ventura,

—com que amor vosso estro revocamos,
vós que cantastes o que nós soffremos
e que soffrestes o que nós cantamos!

THERIAGA

Si a injustiça ou a torpeza te magôa,
no trabalho acharás tranquilidade :

—por elle a vida se te torna bôa
e da morte o receio não te invade.

Trabalha e has de notar que o tempo vôa,
célere e leve, em doce amenidade.

No trabalho acharás tua corôa
e te redimirás da atra maldade.

Si te louvam — trabalha! Si te offendem
—trabalha! É do trabalho na harmonia
que os mais puros ideaes na alma se accendem. . .

Sonho, conforto, paz, nelle resumas
e seja-te o trabalho luz e guia
nesta noite de trevas e de brumas.

IMAGINAÇÃO

A Celso de Albuquerque

Fragil limo da terra, ephemera figura,
que hoje existe e amanha se desfaz em neblina,
o homem, verme do pó, que o desejo illumina,
na jornada que vai do berço é sepultura,

vale só pelo que poetiza e imagina,
pelo sonho ideal que a vida transfigura,
e põe um resplendor de graça e formosura
no tédio que acabrunha e na dôr que allucina!

Fada Imaginação, que unges e que abençôas,
e nos permittes vêr no oceano da maldade,
a linda floração de tantas cousas boas,

és tu quem do Infinito as portas nos decerra,
por ti o homem, crêando, ergue-se á Divindade
—és o hyphen de luz que liga o céu e a terra!



PESOS E PESADOS

I

A physica denomina gravidade á força que faz cair os corpos, e peso d'um corpo á acção da gravidade sobre esse corpo.

A sabedoria popular ou a maledicencia, tomando em consideração o factor quêda, mui judiciosamente estende o nome de peso ao conjuncto das circumstancias que fazem com que certos individuos, certas localidades ou certas empresas não consigam a prumar-se na vida, dando, em consequencia, o nome de pesados áquelles que são attrahidos pelo insuccesso em tudo quanto tentam.

Ha, pois, em presas pesadas, predios pesados e individuos tambem pesados. São sempre chamados para a terra, para a chatice do resultado nos emprehendimentos.

Nos meios pequenos, como o nosso, onde a vida do proximo, para os trabalhinhos de venenosas e velhacas devassas, tem mais sabor do que as nossas proprias, e onde o "Conhece-te a ti mesmo", do philosopho, costuma ser criminosamente substituido pelo desconhece-te ou não te preocupes contigo, escarpelando comtudo os demais; as estatisticas dos desastres são feitas com impiedosa meticulosidade e até com calculado exagero, fazendo com que sejam apontados a dedo objetos ou pessôas que precisam ser evitados para que possamos vencer.

No esforço supremo, em busca da fraternidade ou da felicidade univesal, os homens têm procurado afiastar do seu caminho tudo aquillo que elles acreditam que possa ser um impecilho para a conquista do seu ideal. Tem-se formado assim todos os systemas de interpretação philosophica sobre a evolução da vida collectiva e individual e tem-se feito um estudo mais ou menos perfeito sobre as causas provaveis dos nossos successos e insuccessos

D'ahi acreditar-se no destino, na predestinação, nas tentações, na graça, nas intervenções sobrenaturais, em geral, e também na eficiencia das orações, dos esconjuros, das invocações, das benziduras, das feitiçarias, das coisas feitas, e, logicamente, também dos — pesos, — atavicos, hereditarios, effectivos ou temporarios.

” Os magos não podiam conceber Deus como entidade individualisada e definivel. Suppunham-no fonte creadora e de s increada, como tal não susceptivel de definição nos limites da concepção humana”.

“Tempos se passaram e da linguagem figurada dos magos, quanto aos phenomenos naturaes da terra e dos astros, abusivamente creada e traduzida pelos thaumaturgos, surgiu todo um systema de fabulas ou mythos em que naufragaram os povos do paganismo, notadamente no que diz respeito á absurda concepção attinente ás forças invisiveis que conduzem os homens á amplitude infinita do seu grande destino.”

Indra, o primeiro organisador de doutrinas, reformado ou deturpado por Zoroastro, Manú, Confucio, teve os seus principios egoistas ou individualistas universalisados e tornados altruisticos por Budha, que infunde na collectividade o aura individual, vivendo um pouco em cada um dos outros seres.

Os parias foram sempre os pesados da India, especies de coisas, despresados e escorrassados.

Os gregos, influenciados pelas mysteriosas iniciações dos egypcios, sempre tiveram os seus oraculos reveladores da boa ou má sorte e pelos seus conselhos guardavam-se de entrar em guerra antes da lua cheia.

Os romanos com o rei Numa dividiam os dias em fastos e nefastos, consultavam os auguros e a nympha Egeria, no seu bosque sagrado, para as emprezas da vida.

A moderna theosophia proclama que é chegado o tempo do homem inteirar-se dos seus poderes latentes, que de incalculavel valor serão para o mundo, pela investigação das leis inesplicadas da Natureza.

Tudo nós diz que anda alguma cousa no ar e bem que já se pode admittir, mesmo que seja para discutir, a possibilidade do peso de algumas datas sinistras, do dia 13 e das sextas-feiras.

Menotti del Picchia na sua recentissima obra “A revolução Paulista,” acha que o sabbado era o dia pesado para S. Paulo, durante a ultima revolução Constitucionalista.

A' pagina 95 do seu magnifico livro narra elle: “Mas chegou, com o dia 16, o primeiro sabbado da campanha. Potestades fu-

nestas presidiam esse dia fatidico para o calendario constitucionalista. Esse e os subsequentes foram portadores de tragicos eventos, dramaticos desastres, repulsivas trahições, desesperantes fatalidades. Maus numes ou demonios tutelares do torvo inimigo, influíam satanicamente nos sabbados paulistas. Por tal forma nefastamente se celebrizaram os sabbados, que era com supersticiosa apreensão que a mão nervosa arrancava da folhinha o numero assignalador da sexta-feira.

A 16, alli pelas 17 horas, o estampido de uma formidavel explosão alarmou o bairro da Luz.

Após o estampido, secundado por gritos, a fumçada e a poeira envolveram o prédio do Quartel General da Força Publica. Feridos gemiam, o povo acorria en massa, officiaes davam ordens.

"Foi officialmente noticiado ter havido alli um desastre, verificando-se a explosão de uma granada na parte inferior do edificio em frente ao prédio. A deflagração communicou fogo a uma caixa de gazolina de fórma que, em poucos instantes, linguas avidas de chammas lambiam o vasto prédio que, por cumulo de pouca sorte, era quasi todo construido de madeira"

A pagina 117 narra o autor da referida obra: "Esse fatidico-dia 23, segundo sabbado da revolução, devia ser seu dia mais nefasto.

Já accentuei a fatalidade que tornava tragicos todos os sabbados. Esses malsinados dias cahiam do céu como raios.

A nota sinistra d'esse dia ensolarado e azul verificou-se pela manhã. O coronel Marcondes Salgado, Commandante general da Força Publica, morrera num gravissimo accidente e o Gal. Klinger fôra levemente ferido".

E á pagina 120: "O fatidico sabbado porém reservava a S. Paulo novas e desagradaveis surpresas. A's 13 horas estava eu no Palacio dos Campos Elyseos quando officiaes da sua casa militar do governador lhe noticiaram que haviam recebido informações do Campo de Marte que uma esquadrilha de aviões inimigos dirigia-se para a Capital com o fito de bombardeal-a

Meia hora depois, os motores dos aggressivos aviões dictatoriaes roncavam minazes nos céus livres da cidade de Anchieta".

E á 123: — "Mas o dia calamitoso não se escoára ainda. Os aviões da dictadura haviam acabado de rumar para o norte, parecendo ainda ouvir-se no ar o ronco dos seus trepidantes motores. O Dr. Pedro de Toledo repousava num banco do jardim rodeado de alguns intimos. Nesse momento entraram, vest

dos de luto cerrado, os Drs. Ricardo Severo e Arnaldo Villares Vinham taciturnos, com as phisionomias desfiguradas por uma larga vigilia e pela angustia. Comprimentaram o governador dos paulistas e communicaram-lhe oficialmente: — Acaba de fallecer no Guarujá nosso grande patricio, o inventor Santos Dumont”.

Agora entre nós os exemplos e os transmissores da má sorte do caiporisimo, da infelicidade, do asar, da urucubaca, da desdita, da desgraça, do desastre, da desventura, do aborrecimento, do infortunio, da calamidade, da miudinha, do pezo emfim e da *iettatura* dos italianos, o *port-malheur* francês.

Machado de Assis, em toda a sua longa e immoredoura obra, quasi não se lembra de Mato-Grosso.

Lembrou-se d'elle entretanto para localizar aqui o heroe do seu conto “Ultimo capitulo,” — do livro “Historias sem data”.

O dito heroe começa assim na discripção do seu auto-pezo: “Chamo-me Mathias Deodato de Castro e Mello filho do sargento mór Salvador Deodato de Castro e Mello e de D. Maria da Soledade de Pereira, ambos fallecidos.

Sou natural de Corumbá, Mato-Grosso; nasci a 3 de Março de 1820; tenho portanto 51 annos, hoje, 3 de Março de 1871.

Repito, sou um grande caipora, o mais caipora de todos os homens. Ha uma locução proverbial que eu litteralmente realisei. Era em Corumbá; tinha sete para oito annos, embalava-me na rede, á hora da sesta, em um quartinho de telha vâ; a rede, ou por estar frouxa a argola, ou por impulso demasiado violento da minha parte, desprendeuse de uma das paredes e deu commigo no chão. Cahí de costas; mas, assim mesmo de costas, quebrei o nariz, porque um pedaço de telha mal seguro, que só esperava occasião de vir abaixo, aproveitou a commoção e cahiu tambem. O ferimento não foi grave nem longo; tanto que meu pai caçoou muito commigo. O Conego Brito, de tarde, ao ir tomar guaraná commosco, soube do episodio e citou o rífão, dizendo que era eu o primeiro que cumpria exactamente este absurdo de cahir de costas e quebrar o nariz.”

Dahi vem a fieira dos desastres: de uma feita apanhou, por engano, umas cacetadas; padeceu, na mocidade, diversos achaques; ainda criança perdeu o pai que o deixou na miseria; a mãe só sobreviveu 3 mezes á morte paterna; um sacerdote conduziu-o para o Rio com o intuito de fazel-o padre, mas morreu 5 dias depois da chegada; aos 16 annos, sem nada e só, tentando ser sacristão não foi admittido por falta de vaga; com difficuldade conseguiu a carta de bacharel que só lhe serviu para aborrecimentos; arranjou uma noiva que se casou logo depois

com um seu amigo intimo; tentou advogar no interior, só teve derrotas nas demandas e por isso viu deserto o seu escriptorio; voltando ao Rio casou-se com a filha de um dos seus rarissimos clientes e o seu primeiro filho nasceu morto; mezes depois morria tambem a mulher; entre os papeis da morta encontrou diversas cartas que eram a prova de que a defunta o enganava com o seu melhor amigo.

O Dr. José Maria Metello, primeiro d'esse nome, apesar de prestigioso e de ser formado em bórta e capello, era pesado pae ra certas pretensões. Estava para a Presidencia do Estado como o conselheiro Ruy Barboza para a Presidencia da Republica. Em 1892 foi um dos mais papaveis e foi barrado, e em 1899 o pleito em torno de seu nome foi causa da revolução d'aquelle anno, Além de candidato a Presidente do estado elle foi já, em 1885. candidato a deputado geral, tendo sido a eleição por elle pleiteada, a mais renhida de quantas tivemos no antigo regime, annullada posteriormente.

Em 1908 a sua candidatura a senador foi vivamente guereada no seio do partido da Colligação Matogrossense, indo de encontro a identico desejo do Cel. Generoso Ponce. Candidato em 1889, proclamou-se a republica.

Quando o Cel. Pedro Celestino iniciou campanha contra o governo do Dr. Costa Marques, com a questão do "Matte", havia aqui um typo de rua que se intitulava-o Pesado; emquanto elle assim se proclamou, o partido perrengue nada conseguiu.

O Juca Calafate, pessoa prasenteira e bôa, acreditava-se, encaiporado por um engano de Deus.

Quando saía de Portugal para tentar fortuna no Novo Mundo, para "soffrer a America", como por lá dizem, sua velha mãe, inconsolavel e chorosa, abençoando-o, falou: — "Ah! meu filho, Deus queira que nunca tenhas nada". Ella se referiu a molestias, mas Deus entendeu que se tratava de haveres; d'ahi o andar elle sempre prompto.

O P. Ernesto Benevides, no seu livro "Erros Sociaes", insurge-se contra quem admite o peso dos sacerdotes, analysando uma phrase muito repetida: "ha descarrilhamento; vai um padre no trem",

Os chauffeurs acreditam que ha, para os autos, passageiros felizes e passageiros encrencados.

Alguns ha que bastam que tomem um carro e já logo tudo se desorganisa, mesmo que sejam as peças todas novas e muito bem ajustadas. Paes de Oliveira é um d'elles.

O Snr. de Scallas já fez soar todas as notas na escala das desventuras, mas ainda continua tinindo, a apitar. E' o campeão do peso pesado.

O João José contesta-lhe entretanto, com optimas credenciaes, o titulo de campeão.

Agente de uma delegação consular, que não possuiue subditos em Cuiabá, e de cujo paiz nem elle mesmo é filho, pretende exercer a sua influencia sobre a Colonia syria, cuja recente revolta contra alheias tutellas ameaça retirar-lhe o ultimo reducto de acção.

Miguel Boabaid, para neutralizar as más consequencias de suas frequentes visitas, adquiriu uma figa, do tamanho natural de um ante-braço, collocando-a em logar de destaque na sua agencia de navios.

Leovigildo Cunha, Brienne, Humberto, Frei Ambrosio, etc, sentiram as consequencias da sua aproximação. O Club 3 de Outubro não perde por esperar. P. Theodoro maliciosamente insinua, que uma parede do Lyceu começa já desabando.

Sommiados os factos, Biancardini deu-lhe o fóra, não tendo ainda o Elpidio feito o mesmo.

Agente do jogo do bicho deu tanto azar aos banqueiros que a praga esteve a ponto de estinguir-se entre nós; mas como isso importava num grande beneficio, arranjou collocação depois da derrota de S. Paulo.

Salomão Christão é impiedoso. Nomeado archivista do serviço de indios, era, logo depois, extincto o cargo; o logar que conseguia nos Telegraphos foi igualmente supprimido; foi servir á Instrucção Publica durante o impedimento de um funcionario e quando se deu a vaga definitiva nomearam um terceiro; foi tambem nomeado para um cargo em Santa Rita do Araguaia e, viajando para lá, foi surprehendido pelas chammas no caminhão em que estava, perdendo toda a bagagem. Foi depois morar no bairro do "Bahú", em companhia de uma viuva. Pouco tempo depois a viuva enlouquecia.

O Marscal fez-se conhecido como guarda-livros das casas candidatas á fallencia.

Seduziu depois o genro para uma grande plantação de cebollas e estas não brotaram.

Estou convencido que se elle negociar em carapuças, as crianças nascerão sem cabeça.

Torquato não se apruma e desapruma aos seus clientes.

Desde o massacre da bahia do Garcez que a macaca o persegue.

Advogado de uma parte, faz pouco foi a Santo Antonio embargar uma praça.

A parte contraria, interessada em não haver o embargo, recebeu-o na villa onde elle chegára, em viagem especial de auto, 2 horas antes da audiencia.

Cercou-o de muitas gentilezas e offereceu-lhe café, detendo-o depois em attrahente palestra.

Quando elle chegou ao edificio da Camara o termo de arrematação estava ja lavrado e assignado.

Regressou para aqui tendo gasto 200\$000 de transporte.

Eu julguei que o movimento de S. Paulo ia ser victorioso porque os pesados todos estavam do lado de lá; só depois é que me disseram que o Idilio Bello e o Torquato eram Constitucionalistas.

Benedicto Curiangú é detentor do récord do peso leve. Acredita-se sempre um egrésso de melhor sorte. A republica nova precisa cair porque ainda não lhe deram emprego, apesar das promessas do homem baixo da rua de Baixo, de quem elle acredita que lhe venha o peso, por irradiação.

Dentre as propriedades azaradas, a Usina do Itaici occupa o numero 1. Illustre causidico affirmou-me a pouco que ella ainda ha de ser, por muito tempo, patrimonio dos advogados.

O Cel. Antonio Paes de Barros mandou construir, naquella propriedade, uma casa de sobrado para residencia do mechanico D. Jorge.

Tal casa ainda não foi concluida e o actual proprietario da usina garantiu-me, mesmo, que vai mandar demolil-a.

A casa em frente ao jardim do porto, propriedade de Maneco Albernaz traz a sina de enlouquecer aos seus inquilinos. No governo Mario Corrêa esteve a ponto de ser demolida para a abertura de uma avenida. Isto entretanto não se deu para que ella continuasse a cumprir a sua negra missão.

A casa grande do largo da Mandioca arrazou o Beneditão e quasi endoudeceu o Fernandinho. Garantem que no primitivo prédio edificado no seu terreno assignavam-se as sentenças de morte.

O prédio da rua Formosa, em frente ao mercado do 1.º districto, vem pagando a culpa de assistir a passagem dos condemnados, que se dirigiam para o Largo da Forca. Eduardo de

Pinho, Galvão e Cia. Paulo Schemidt, Florencio de Amorim, foram suas vítimas.

A sua desdita estendeu-se mesmo para a rua em que está. Pretenderam trocar-lhe o nome para rua — João Pessoa —, e o orador do *meeting* reformador morria logo depois, lamentavelmente assassinado.

O Salgado, que offerecera as placas para o futuro nome, viu sair-lhe das mãos a chave do cofre que contem o dinheiro do qual era elle o guarda.

A casa do Seroor, antiga loja Pina, tem mandado á gloria os seus inquilinos, o mesmo acontecendo ao prédio da rua do Meio, onde nada bem se deram Ovidio Mamoré, Pedro Maciel, Alfredo Neves e Pedro Strabel, assassinado quando alli morava. Zé Lopes pretende quebrar-lhe o encanto.

O palacete do Bosque persegue aos palacianos que têm nelle a sua residencia particular.

O seu primitivo dono teve alli a sua velhice amargurada por desgostos intimos, e o seu filho e successor, na propriedade da casa, perdeu nella, em pouco tempo, as suas esposas das primeira e segunda nupcias, durante o tempo em que foi official maior da Secretaria do Governo.

Velho chefe viu alli empallidecer a sua estrella politica; o Dr. Mario Corrêa passou nella agitadissimo, todo o seu quadriennio; o Dr. Annibal de Toledo só conseguiu governar nella pelo espaço de um anno e os 3 interventores do periodo da revolução até agora não gozaram calma.

Para terminar, um aviso sobre os objectos de vestuario. Roupa marron, sapatos com salto baixote e elastico aos lados e chapéu verde não gozam de bom conceito. D'este ultimo o Dr. Amarilio Novis dá testemunho pessoal e insuspeito.

Possuia um chapéu verde que em tudo o atrapalhava. Preveniram-no disso, não acreditou. A esposa entretanto impressionou-se, e fel-o dar de presente o chapéu.

Cessaram os contratemplos para elle; mas o presenteado, no mesmo dia da estréa, tomou uma tremenda carraspana, fez disturbio e foi parar na cadeia.

Como entretanto havia chovido e no trajecto para a casa amarella deviam passar uma sargeta com abundante agua corrente, o chapéu rodou e com elle a urucubaca.

E agora, antes que os circunstantes virem, de cabo para baixo alguma vassoura atraz da porta ou deitem ao fogo alguma pedra de sal, afim de que eu ponha termo a esta estirada resenha, despeço-me da assistencia, promettendo para a proxima vez o tomo segundo do assumpto: — "Mulheres pesadas".



Mulheres pesadas

O promettido é devido. Assim sendo, venho hoje cumprir, a minha promessa, feita no final da palestra "Pesos e pesados" lida na ultima "Hora Literaria" reazalida por esta Academia.

Vou referir-me portanto ás mulheres pezadas, segundo tomo do assumpto.

Não vão agora pensar as distinctas patricias que nos dão a honra de abrilhantar, com as suas presenças, estes nossos modestos torneios literarios, que eu seja impiedoso e indelicado, trazendo para aqui citações de nomes e de pessôas.

Isso foi desculpavel em relação aos marmanjos que foram aqui exhibidos e, ainda assim, velladamente.

Elles mesmos é que se desvellaram, zangando-se.

As mulheres pesadas constituem, entre nós, como em todas as partes do mundo, uma classe bem destacada, horrenda e temivel, producto da revolta produzida pela descrença no descambar da existencia.

Nós todos temos sido victimas d'essa especie de gente. Eu tenho sido, vós tendes sido, o mundo tem sido.

Para essa tal classe, o mundo moderno anda errado todo inteiro, começando pelo seu movimento de rotação, que devia ser feito ás avessas, como antigamente.

As modas desavergonhadas os cinemas indecorosos, os theatros immoraes, os jardins perniciosos, as praias onde a nudez promiscua passeia, os automoveis trahidores, as danças requebradas, tudo, tudo está a pedir uma severa reforma.

Onde é que em outros tempos havia essa exposicão de braços e pernas, a maior parte d'elles tão feios, finos, tortos e manchados?

Quando se viu tantos romances immoraes, tantas revistas apimentadas, tantas peças theatraes indecorosas, tantos idillios

pelas praças e pelas esquinas, tantos passeios duvidosos em autos ás escuras?

Quanta differença entre o antigo banceiro e a nobre quadrilha para esses arrastados de pés tremilicados que constituem a dança moderna, com os seus jaszbands e com as suas cançonetas de cabarets?

Como não se sentia pago, o namorado respeitoso, vislumbrando apenas dous dedos de bem torneados tornozellos porbaixo de umas saias que tocavam o chão, ou quatro dedos de uns gorduchos pulsos que conseguiam ver a luz esgucirando-se para fóra de umas mangas bem compridas?

O que eram as roupas de banho de outros tempos e o que são essas tangas ou faixas dos nossos dias?

Como comparar-se os dramas serios, que educavam, ás revistas de hoje que ruborisam ás meninas que têm sangue natural e não o corado do rouge?

E os modos, e a educação, e o recato; parece que tudo encurtou, como encurtaram-se os cabellos.

E vão por ahí, afóra, as antigas melindrosas e actuais pesadas, condemnando a tudo e a todos, na impotencia de já não poderem fazer o mesmo.

São as viúvas do diabo, como já o disse alguém.

Mas é porque ellas estão certas de que não ha fiscaes do passado e a historia não póde ser muito minuciosa.

Eu tenho em casa uns albuns de retratos antigos, nos quaes as anquinhas de ancas exageradas e tremantes, os decotes pavorosos, os espartilhos entumecedores e os cabellos á la garçonne, em nada ficam a dever aos figurinos d'este anno.

Gabam-se de que nos seus tempos, os casamentos eram arranjos de familia combinados pelos paes dos noivos e que estes, muitas vezes, nem se conheciam,

Os raptos, entretanto, não eram poucos

As modernas revistas e os romances de hodierna publicação, não são mais cabelludos do que os romances de Paulo de Cock e do que a "Capital Federal" a peça que mais vezes tem sido representada nos palcos do Rio de Janeiro.

As zangas e os protestos das passadistas contra as modernas, trazem á memoria a matrona respeitavel e austera, mãe de uma galante rapariga de 22 annos, a quem trazia num cortado por dezejar conserval-a sempre pura e recatada.

A pobre moça vivia vigiada nos seus mínimos actos.

Passeava acompanhada pelos paes e nada de bailes ou de cinemas.

Nun domingo, aproveitando-se da ausencia da filha, que fôra á missa em companhia de gente de confiança, a velha mai resolveu dar uma busca, em regra, nas gavetas da commoda onde a sua Joanninha guardava as suas costuras e alguns livros de autores escolhidos, bôas revistas e cartas de parentes e de amigas.

No furor da devassa D. Petrona deu com os olhos em uma folha de papel de carta, encardida e amarrotada perdida num cantinho.

Era uma missiva. E de que especial! Leu-a—"Minha querida—Ainda conservo nos meus labios o calor abrazador do beijo ardente que poz termo a nossa entrevista de hontem"...

Não poudo continuar a leitura. Quasi desmaiou. Ella, a sua Joanninha, a sua vida, a luz dos seus olhos, assim tão delambida?!

Amarrotou nervosamente a carta entre os dedos e foi procurar o marido, que lia pachorrentamente os jornaes do dia. Veja Prudencio, o cynismo da nossa filha; nós que acreditavamos estar criando uma candida pombinha, agasalhamos uma cobra em nossa casa. Leia esta carta.

O velho Prudencio, calmo e socegado, já acostumado áquellas furiosas explosões de desconfiança, deixou, sem pressa, o jornal, que lia, e tomou a carta.

Leu-a vagarosamente e, ao finalizar a leitura devolveu o papel á velha companheira ponderando: "Mas, minha querida esta carta te foi enviada por mim a 30 annos atrás, no tempo em que eramos namorados".

D. Petrona rodou nos calcinhares e tocou-se para a varanda rasgando a carta e murmurando: "Tambem que forte mania de guardar papeis velhos; a Joanninha de certo já leu isto".

O velho Prudencio monologava bondoso, retomando o jornal: "É bem certo; o demonio, depois de velho, faz-se ermitão".

A pesada é temível. Em toda a parte se encontra. Vai a 2 missas domingueiras, anda de porta em porta fala mal dos que não commungam com o seu fanatismo, mandam para os infernos das suas respectivas seitas os adversarios politicos dos seus paes e irmãos; nos templos sahem dos seus logares a todo o momento para tocar os cães malcreados ou para advertir a alguém de que deve estar ajelhado com os dois joelhos; rogam praga, intrigam, diffamam, fazem de tudo isso em nome da piedade ou do amor

ao proximo, a revelia do pastor ou do vigario, ou porque como mediuns, receberam, em transe, as instrucções de um espirito superior

Essas taes não sabem dar guarida a um só gésto de perdão ou de compaixão.

Monteiro Lobato na recente e apreciada obra—"America"—descreve magnificamente a pesada norte americana.

Diz elle: "A mulher na America, tem duas idades—a da frescura da flôr e a do chapéo alto, Na primeira é a giri, essa linda independencia côr de rosa, que brinca de maillot nas praias; que inventa modas loucas como a do "sun tan"—queimar-se ao sol, cobrir o rosto de sardas; que lê todos os "Best sellers" que apparecem.

A segunda a que pretende a escravisação de todos ás mulheres do "Women's Club", esse monstro de 7 milhões de cabeças, que em ultima analyse tudo decide neste paiz, que fez a lei secca, que derrubou Al Smith".

Quando a "girl" esse animalzinho rebelde, perde a frescura, a maciez da pelle, o brilho dos olhos, o arrebitemento do nariz e começa a virar matrona muda de campo. Passa das filciras d'arevolta para as do conservantismo feroz. O signal externo da mudança, além da queda do "sex appeal" é o célebre chapéo alto que entram a usar. Ai! Que medo tenho de uma matrona de chapéo alto, signo infallivel de que está consprando contra tudo porque pro pugnou na idade rosea! Entram para o "Woman's Club" e oomeçam a sua terrivel phase de "Social work" euphemismo com que disfarçam a realidade.

A realidade é entrar a governar a America, a impor, a mandar e a desmandar. A grande arma passa a ser o kan't — o não póde, não á moda do Brasil, gritado na rua mas organizado, systematizado, inquisitorial, cruelmente femenino. Puritanizam-se. Passam a olhar de má cara o amor, a perseguir livros independentes. a condemnar ao fogo Rabelais e a exercer a censura em todas as manifestações artisticas e literarias da America.

A verdadeira razão da America não possuir uma arte á altura da sua força creativa, procede d'esta conspiração das macacas de chapéo alto

O corpo official da censura, é entretanto, manobrável, accessivel a argumentos; mas a censura do Women's Club, secreta e inofficial, é invisivel.

A velha censura julga as obras já produzidas por missão que lhe dá a lei. As macacas inventaram coisas melhor — a pre-censura. Antes que um thema seja cynematographado, passa pelo crivo das conspiradoras e soffre todas as mutilações.

O venerando patrono da minha cadeira nesta Casa, tinha um medo horrivel das pesadas!

Um dia, em sessão de Conselho Superior da Instrução Publica, do qual ambos faziamos parte, elle como Presidente e eu como representante da congregação do Lyceu, acalorou-se azeadamente uma discussão, a proposito de um assumpto qualquer entre elle e uma das 7 ... irmãs professoras, representante do professorado primario.

"Qual são professor Philogonio, disse-me elle rematando a briga; isto aqui; com mulheres professoras, não tem concerto; se casam têm logo depois, em casa uma escola maior do que aquella para que foram nomeadas pelo governo, e mal podem cuidar da primeira: se não se casam, é isto que se está vendo, quando chegam aos 40 ninguem pode suportal-as.

— Seria o caso, respondi eu de não haver viectalicidade no magisterio primario.

E agora, distincta assistencia, até a outra vista e que por causadesta, não seja eu collocado entre os pesados quarentões que contra tudo reclamam.

Philogonio Corrêa



O CAÇADOR

Era uma bella manhã de primavera,
O dia bafejado pela brisa
que descia do alto das colinas,
deixava ver ao longe a verde relva,
e as trepadeiras na frondosa selva
viam na terra as tremulas boninas.

As aves todas n'um gorgueio santo
voando doudamente pelo espaço
iam pousar á beira dos caminhos,
e as creancinhas terras que brincavam,
corriam para ver se as apanhavam
com a innocencia casta dos anjinhos.

Ao longe, mais ao longe na pedreira
sobre blocos de rigido granito
se escutava o rugir de uma cascata,
e o sol, com sua fronte flammejante,
cortava a vastidão do azul distante
para deital-a n'um divan de prata.

Ouve-se ao longe dentre a matta densa,
no farfalhar das folhas dos caminhos,
passos incertos, suspirar, rumor;
eil-o que vem, é um homem sem clemencia
sem coração, carrasco da innocencia,
alma negra, um infame caçador.

Eu sinto que a vida agora,
é como um clarão de aurora
que dura pouco ao nascer;
passa como o pensamento,
é mais ligeira que o vento
é mais morte que viver!

Adeus campinas formosas!
adeus arvores frondosas!
adeus espaços sem fim!
adeus filhinhos amados
morrereis entrelaçados,
é um alívio para mim."

E o pobre innocente
convulso, tremente
sorrindo expirou,
e o homem da caça
com aquella desgraça
de pena chorou.

Foi então que lhe veio ao pensamento
nesta angustia cruel de um só momento
a crueldade negra de seu crime,
em matar com prazer os innocentes,
vendo o sangue a correr, finas torrentes,
de um coração que sente e assim se exprime.

E jurou, por aquella morte, ousada,
de uma avesinha que dilacerada
tinha as fibras do tenro coração,
nunca mais ir caçar, pois via agora,
que era affrontar com térrea a luz d'aurora,
o erro em lucta vil contra a razão!

E desde ali o malvado,
com o coração torturado
tornou-se um ninho de amôr,
e as avesinhas que cusadas,
iam pousar nas calçadas,
foram por elle amimadas
com phrases de um protector.

E a sua casa formosa
pintada de cor de rosa
era um viveiro de fadas
quando em trios seus filhinhos,
os alegres passarinhos,
trinando os alvos biquinhos
iam pousar sobre as calçadas

Mudou-se esta alma austera
em mansidão, oh! quem déra
que tudo mudasse assim!
já não deixava prendel-os
e acaso bastava vel-os
para com grande desvelos
deixal-os todos, por fim.

Co'as moedas recebidas,
Procurava a "livraria",
Pennas góthicas sortidas
P'ra bordar calligraphia,
la escolher e comprar,
Se algum tostão me sobrava,
Para um fim o destinava:
A um mendigo, iria dar.

Ou comprava aos taboleiros, (6)
Bellas fructas, muitas vezes,
Ou ia aos taberneiros (7)
Comprar então as devezes,
D'aquellas qu'eu gésto mais
(Que lá em casa, não havia) (8)
P'ra comêl-as n'outro dia;
Ao que não tive rivaes...

Oh! de fructas, que fartura
Produz a minha cidade!
Em toda quinta, ha cultura
De fructas em variedade:
Ha melancia e melão,
Laranja, lima, goiaba,
Ananaz, jaboticaba,
Banana, figo, mamão;

(6): Havia taboleiros de quitandas, fructas, bolos etc.

(7): Caldas Aulete diz ser o mesmo: taberna ou taverna.

(8): Refiro-me em casa do nosso Avô, mat. Comm .A. H. Carvalho
a cujo cargo ficamos. (La em casa, corrupção, de lá, em
nossa casa.

Uma vivida lembrança,
Eu conservo na memoria,
D'esses tempos de creança,
De tudo com gaudio e gloria,
Bem quizera eu descrever,
Mas se o thêma é indescrptivel,
Ja se me torna impossivel,
Por este meio o fazer.

Naquelles dias chuvosos, ✕
Pelas margens do "Prainha",
Aos barrancos pedregosos
E na praia que continha,
Eu ia sempre ajuntar, ✕
Os granêtes que se viam, ✕
Quando as aguas escorriam
Mais facil de se catar.

Eu pedia a minha Tia (5)
Os vidros desoccupados,
Que foram de homeopatia,
Onde eram depositados
Granêtes do mineral
Que depois, vendêl-o-ia ✕
Por quanto me offercia, ✕
O ourives da Capital.

(5): D. Leopoldina Carvalho do Amaral, pela linhagem materna,
quem nos cuidava.

Na cinta pendem já sem ter mais vida,
porque o vil caçador assim ordena,
uns innocentes que não têm querer,
traz no hombro o seu fusil negro da morte,
o destino cruel, a negra sorte,
que faz uma avesinha estremecer!

Parou com a expressão de quem procura,
olhou para uma arvore frondosa,
e viu um'ave, não faltou-lhe a luz!
pega na arma, aponta sem ter pena,
e ella canta tão placida, serena,
sem ver o fim na bocca do arcabuz.

Aponta, ouve-se o tiro, a innocentinha
cáe ferida sem ter quem a soccorra,
sem poder proferir um só lamento;
mas reforça-se um pouco, e entãc depois,
pede a vida um instante ao seu algoz
e diz-lhe : " ouve, te peço, um só momento,

Eu ando aqui nestas mattas,
ao sussurrar das cascatas,
procurando o que comer,
para mim, para os filhinhos
são implumes passarinhos
que estão de frio a tremer.

Sahi do ninho, voei,
e já sem forças pousei
neste ramo a descansar,
para depois novamente
alegre, forte, contente
poder ligeiro voar!

Nesta ramagem sentado,
soltando um casto trinado,
fui trespassado, tombei,
e o meu corpinho em tremores,
sente os espinhos das dores,
a dor da morte, eu bem sei !

Dize-me agora, inclemente,
acaso ficas contente
por veres alguém sofrer ? !
como ficam meus filhinhos
que precisam meus carinhos
para poderem viver ? !

Sentirás prazer ingente,
em trucidar de repente,
vendo sem vida tombar,
uma avesinha que outr'ora,
depois do romper da aurora,
só procurava cantar ?

E's pae! e se acaso um dia
da morte na penedia
despenhar-se um filho teu,
que dor, que sofrer pungente
ao veres morto o innocente,
não sentirás ? Assim eu.

Se vives, tambem vivemos,
se soffres, tambem soffremos,
se amaes, tambem nós amamos;
se te ris, tambem nos rimos
se sentes dor, nós sentimos,
se creaes, tambem creamos.

Minha Terra

Quando da morte a rajada
a eterna sombra do nada
o foi na cova atirar;
as avesinhas magoadas,
iam em bandos, aladas
nas flores entrelaçadas
de sua tumba pousar!

E pela manhã, na hora
em que resurgindo a aurora
se inunda a terra de luz;
se vêm nas pendentes flores
os colibris multicores
como um punhado de amores
beijar os braços da cruz.

Henrique Soido



Minha Terra

"Todos cantam sua terra"

"Tambem vou cantar a minha"

Castmiro de Abreu

"Não permitta Deus que eu morra"

"Sem que eu volte para lá"

Gonçalves Dias

"Todos cantam sua terra",

"Tambem vou cantar a minha",

Porque em meu peito se encerra

Saudade que me definha!

Meu anhelo é voltar lá,

Ja no declinio da vida;

Da minha terra querida,

Não me esqueço, oh! Cuyabá!

E' doce e grata, a lembrança

Que me desperta saudade,

Dos meus tempos de creança,

Da quadra da ingenuidade;

Dos meus tempos collegiaes,

Que passei tão descuidoso,

Que ao pretérito saudoso

Fugiram, não voltam mais!

Com roupinha "marinheira",

Bem feito pela visinha

Dona Amalia, — a costureira, — (1)

Calça curta, com blusinha,

(1) : D. Amalia Josetti, na "Praça do Ipyranga."

A sobre-sahir-lhe o alvor
Da camisa, a grande gola;
Era meu trage de escola,
Por ser do estylo o rigor.

E a ladeira então subia,
Da rua "Treze de Junho",
Trajecto de todo o dia;
Dos livros a pasta em punho,
Indo ao "Largo da Matriz",
Atravessando essa praça,
Seguia com garbo e graça
Para a escola; e tão feliz!

Entrando á "rua de cima",
Aos collegas sempre unido,
Aos demais, é um que intima
(D'alguns tostões premunido)
A entrarmos no botequim
E merendar um chouriço,
Ou bons pasteis, la dô Risso,
Que éra em frente do jardim.

Sob um fogo de alegria,
Pelas ruas palestrando,
Augmentava-se a folia,
Porque o grupo ia augmentando;

Quem entra, é facho ascender,
Nesse fogo que crepita :
Um, dá risada, outro grita,
No fragor de são prazer.

Na "travessa da Assembléa",
Na esquina do Galvãozinho,
Cessava aquella lereia
Se esfriando o borborinho ;
Mas no mesmo diapasão,
A "travessa" então subiamos,
Nosso Collegio attigiamos :
Saudoso "São Sebastião",

Cujas scenas importantes,
Par'um thêma assás immenso,
De episodios estafantes,
Que evito por muito extenso ;
Conforme em prósa ja fiz
A descripção, na revista,
La do "Centro-belietrista",
Com que a honra dar-me quiz. (2)

Terminada a diurna lida,
Dos misteres escolares,
Dando ao Mestre, a despedida (3)
Regressavamos aos lares (4)
Tudo hoje, lá deve estar
Differente, transformado !
De saudade eu torturado,
Só desejo é lá voltar.

- (2) : Não me recordo o nº. da revista, com esta minha produção em prosa, intitulada Reminecencia.
(3) : Snr. Frederico da Costa Teixeira ; o Professor que maior nº. de alumnos deu : com mais de 20 annos de assiduidade.
(4) : A maioria, tinha seus lares na cidade; eu e meu irmão tínhamos a casa do nosso avô, como lar.

Genipapo, ata, pitanga,
Uva, marmello, pequi,
Tamarindo, jambo, manga,
Carambola, abacaxy,
Pecego, maracujá,
Jaca, abacate, pitomba,
Seputá (9), conde, guapomba,
Roman, cajú e cajá,

Muitas outras, não citadas;
Ha de tudo infinidade,
Silvestres, ou cultivadas,
Nas chacaras, ou na cidade
Faziam tanto licor,
Capilé, cujas bebidas,
São d'alli, as preferidas,
Por seu fabrico e sabor.

Oh! quanta fartura, quanta!
De peixes tambem lá tinha! (10)
(Que ao dizer, alguém s'espanta!)
Pois na porta se obtinha (11)
Por um precinho qualquer:
Pacú, pintado, ou dourado,
Quer fosse fresco, ou saigado,
Do gôsto que se quizer (12)

(9): E' muito conhecido, por este mesmo nome, entre nós cya-
banos; talvez seja o SAPOTY d'outros pontos.

(10): Sem sentir deixei um cacóphato — LATINHA; — por não
ser dos inconvenientes, que fique

(11): O v. obter, supponho que b. não é nullo, têm o som for-
mando syl. o q. não se dá com o vocab. SUBTIL.

(12) Bem sei que o verbo aqui, deveria estar pret. do indic., e
mas precisei de rima em—er.

Oh ! quanta saudade, quanta !
Lá do meu berço natal !
Oh ! que terra rica e santa !
N'uma união fraternal
N'uma legua de extensão,
Ja era então numerosa,
E comtudo harmoniosa,
Aquelle população !

Povo brando, hospitaleiro,
Modêsto, sincêro e bom ;
Com entusiasmo altaneiro,
D'aqui brado em alto som :
— Cuyabá é sempre o Eden ! . . . —
De ninguem lá se debica ; (13)
Quem lá vai, sempre lá fica,
Sem queixar-se de ninguem !

As reuniões familiares;
Com a orchestra de piano,
Divertimento dos lares,
Entre o povo cuyabano ;
Em sublime sensações,
Se exulta em doce alegria
Qualquer alma, por mais fria
E o insensivel coração.

(13): Eu entendo que debicar, não é criticar; a crítica, é apreciar e analysar com justiça; ao passo que o debique, é sempre, com escarneo, deboche, onde realça o pessimismo offensivo.

Que suave convivencia
Dessa bella sociedade!
Não é méra referencia,
Futil bairrismo, ou vaidade;
Quem quizer, vá conhecer,
Hade ver que tudo é certo
Quanto deixo neste asserto,
De que vão se convencer

Foi na phase decadente,
De bonde puchado a bestas,
Que se apinhava de gente
Nos dias de grandes festas;
Era me dado o prazer,
Aos domingos dum passeio,
Pelo bonde sempre cheio,
Na cidade a percorrer.

Quando o paquete chegava,
Iam bondes para o porto;
Que de gente agglomerava!
Cada qual, mais absorto,
Iam na praia ficar
Em reboços, contentes,
Ao receber seus parentes
Que de bordo iam saltar.

A educação se aprimora
No seio daquelle povo,
Onde a virtude vigora
No ardor do sagrado fogo,
Ao culto da religião.
Berço dos meus ascendentes,
Sem ser dos meus descendentes,
Eu te rendo adoração!

Eu levava aminha Tia,
À missa, em alguma igreja
Ou a réza em certo dia,
Onde o povo se despeja
Em solemne profusão.
Escutava a vóz do sino,
Nos meus tempos de menino,
Com a maior emoção.

Oh ! minha terra adorada !
Tão singela, mais bemdicta !
Da vida no fim da estrada,
Talvez não góze eu, da dita
De em teu seio, mais voltar ! ...
Berço de illustres varões !
Tenho sobejas razões
Da audacia a te decantar !

Segundo os historiadores ,
Pagou a terra os tributos
Aos proprios exploradores ;
A'quella turba de argutos,
Cuja notoria ambição,
Vendo no solo, um thesouro,
Ceifa toneladas de ouro,
Mas sem nunca dar vazão !

Da terra os póstereos filhos,
Na montanha de riquezas,
Assentaram sem os brilhos
Das phantasticas grandesas,

Para o Estado, a Capital; (14)
E perpetúa hoje em dia, (15)
Sobre aquella serrania
A minha terra natal !

Na vida cosmopolita
De São Paulo, o movimento,
Da minha terra benedicta,
Lembrei-me a cada momento :
Do tumulto á confusão,
O meu genio, é sempre esquivo ;
Se mostra mais expansivo ,
No viver do meu torrão !

Com dous diplomas somente
Dos cursos elementares (16)
Meu Pai julgou suficiente...
E chamou-me para os lares ; (17)
Vim p'ra o Sul e lá voltei
Como empregado - caixeiro,
Por convite lizongeiro
D'outra Tia, que accitei. (18)

Assim foi que lá passando
A ultima temporada,
No "Largo da Sé" morando,
N'uma vida socegada

(14): Não foi fundada p.^a Capital, mas veio a ser.

(15): Quero dizer que perpetúa até hoje.

(16); Quero dizer: a instrução primaria, constantes daquelles
tempos, do 1.^o e 2.^o gráu.

(17): O domicilio e os interesses de nossos Paes, passaram de
Cuyabá para Miranda em 1889, antes da Republica.

(18): D. Anna Carvalho Jorge, esposa do Syrio João Jorge.

Que os caixeiros sempre têm,
E vim mocinho, ou creança,
Comtudo toda a lembrança
Desses bons tempos, me vem.

Guardo dos meus conterraneos
Para sempre, na memoria,
Os carinhos espontaneos ;
Da cidade, canto a gloria,
Pela graça natural,
Pelos encantos dos lares,
Pelo verdor dos pomares,
Lá do meu berço natal.

La deixei tantos parentes,
Collegas e camaradas ;
E sinto nestes repentes,
Saudades amarguradas !
Co'a lembrança que me dá,
São-me do peito um suspiro...
A cousa que mais aspiro,
E' volver a Cuyabá!

Nos tempos da meninice,
Eu de lá, me retirei ;
Mas, não sei si na velhice,
Inda lá me tornarei...
Ah ! saudoso Cuyabá !
Muito embora o tempo cõrra,
"Não permitta Deus qu'eu môrra
"Sem que eu vólte para lá."

José Bonifacio de Albuquerque

1932

FATALIDADE

Ao Isaac Póvoas.

Na meia luz do dia que agonisava, coando a derradeira claridade por entre a ramagem do arvoredor, o grupo de vaqueiros regressava silencioso do cemiterio, onde acabara de enterrar caridosamente o corpo do companheiro morto na vespera.

Do lado do occaso a serra se afogava em purpuras.

Morna viração deslocada do norte, embalava docemente os ramos dos loureiros engrinaldados, desprendendo as flôres que, rodopiando no ar, enchem de uma zoeira merencorea a doce tarde sertaneja. O mez aziago de Agosto, expirava por entre labaredas e fumos das queimadas, que se alastravam pelo horizonte num interminavel oceano de chammas.

Longe, saudosa, piava tristemente uma perdiz.

A' frente, um dos caboclos, banzando, estribilhava em surdina, melancolica toada, tão triste e sentimental, espargindo saudades pela campina, onde bradavam dolentes os colleirões do brejo.

No dia anterior, já na meia tarde, os peões reunidos no alpendre da fazenda, aprestavam-se para uma arrancada no campo, onde celebre touro, rebelde e trahiceiro, habitante das intrincadas capoeiras circunjacentes da grande serra, atrevidamente ousava desafiar os vaqueiros, acompanhando no malhadouro das barroçadas

a manada habituada ao costeio nas coxeiras do retiro. O dia era de respeito, dia de "S. Bartholomeu", e não faltou entre os camponios quem, supersticiosamente advertisse de que, o tihoso andava solto pela terra, cobrindo-a de maleficios e desgraças.

No mangueiro da fazenda a cavalhada do serviço relinchava a espaços, e, o sombrio da tarde convidativa, agradavelmente seduzia os rapazes para uma sortida nas varzeas resequidas.

E, enquanto nas figueiras do curral, bandos de passaros pretos assobiavam alacremenente, em frente ao alpendre do sitio, os peões encilhavam os cavallos ajeitando os laços na "ligeira" da garupa.

Lá, bem na encosta da collina fronteira a reúna que da estancia das "Piraputangas", vae ter á villa de "Nossa Senhora da Conceição", descuidosamente pascia o gado, rebrilhando o pello á luz do sól que declinava já por cima dos montes azulados.

Os urús em bando piavam soturnamente, enchendo a soidão de vago presentimento.

Fazendo guia aos vaqueiros, seguia na frente o Hylario, cavalgando possante e fogoso alazão, que na antevespera barganhara com um boiadeiro das "Tres-Barras." Diziam os entendidos que aquelle "quatro-pés", não encontrara por aquelles cafundós de meu Deus, "orelhudo" por mais famanaz, nem "boi-vacca" desgranhado para correr, cuja patranha não desencravasse.

E foi, talvez, sedenta de experimental - o numa refréga, que a peonada se arriscara a um arranco duvidoso em dia tão nefasto, allías cousa rarissima entre a gente simples do sertão.

A passo cadenciado seguia rumo do espigão a cavalgada, num tilintar metalico das "chilenas" e amarrotar das 'guardas" de encontro aos "tropins" das sellas axaireladas.

Na baixada da barrocada do "Minhocal", a distancia da varzea onde distrahidamente a manada se apascentava, um casal de "can-can", empoleirado no cume dum cupim onde abrigava macio ninho, algazarrou alviçareiramente, anunciando a aproximação dos campeadores.

Assustada, parte do gado, solérte, em fuga precipite, enveredou em ponta na direcção do espigão, em busca de frondosa e intonsa capoeira, aranhada de "japecangas onde cavalleiro por mais afoito nunca poderia romper.

Porem, a vaqueirama, galgando os socalcos da barroca aos saltos dos cavallos desaguachados, aos gritos, artordou tanto o gado, e as estrupidas do alazão que tomara a cabeceira da vaqueijada, desorientaram o touro de fama que, não habituado áquellas pastagens, se precipitara em desabalada carreira, ganhando o lado apposto ao espigão, mettendo-se pelo cerrado baixo do "Burity Fechado", abeirando a grande serra, saltando vallos, transpondo penedias, tentando romper os paredões onde nem os catetos perseguidos pela matilha do sitio conseguiriam vencer.

E o Hylario, vaqueiro creado nas aventuras do campo em que conquistara fama, laçada na dextra, com o alazão na piúgada do touro enraivecido, vapulando-lhe os quartos, tentou atirar-lhe certo "maião" nos guamos recurvos.

Mas, a laçada, talvez batendo na ponta d'algum cerne, ensinou-se-lhe pelo peito herculeo, derribando-o da montada; e, por colmo de desventura, serrou-se-lhe á cinta, sendo arrastado pelo cavallo que tomara "vento", correndo desenfreiadamente pela falda do morro, batendo-o de encontro aos troncos e ás rochas que se erigiam em ponta do solo, te' que, emprensando-o num desvão de duas lages, resistira aos empuxões, arrebetando o latego da sella.

O sol se mergulhara afinal nas chammas do occaso. A

sombra misteriosa da noite, invadira o escampo, agora perturbado pela nénia monotona dos "macoans".

Por toda a parte effusão de insectos. Já reunidos na encruzilhada da villa, os peões anciavam pelo retorno do companheiro.

Na meia-luz indecisa do sol posto, os gritos flébeis dos vaqueiros reboavam pelas quebradas da montanha, sem resposta ao appello dos peitos presagos!.. He! chou!. Hylari o o o Eh! ôu!..

Das moitas esparsas, o chilido das aves accommodadas punham arrepios de fremito no coração dos rudes vaqueiros.

O céu, arqueando-se por sobre a terra como um dossel de cobalto, tinha uma nitidez immacula, e as estrellas hesitantes, brilhavam e se apagavam numa inconstancia apreensiva, como pyrilamos entre vergeis.

Longe, pungentes os capoeirões rechinavam iterativos, povoando a solidão de plangencias, como zoadas de sinos distantes, invadindo a noite de uma saudade infinda.

He!... côu!... Eh!... ôu!... Os gritos dos boiadeiros continuavam a echoar soturnamente pelos desvãos do morro, reteumbando numa intermitencia misteriosa e apavorante.

De longe em longe o gargalhar dos corujões tetricamente feria o espaço. De quando em quando, das taliscas da varzea, receiosos coaxos de rãs tangiam no negrume da noite.

Cansados de chamar pelo companheiro, entre esperanças e duvidas, regressaram os camponios, com o pensamento perdido em scismas, na quasi certeza de encontrarem o peão em casa.

Se "duvidar" o garrano já está arreiado, aventurou alguém! Ou "állis" encamboado, respondeu outro. Mas, ao deffrontarem o alambrado, avistaram o vulto do cavallo, descilhado, a rédea arrebatada, mordiscando uma tou-

ceira de grama esturricada, bem junto ao "moerão" da porteira.

Só então, comprehenderam toda a desventura daquella tarde.

E durante toda a noite, com fachos de capim membéca embebidos em azeite de mamona, aquella bôa gente percorreu o campo na batida do vaqueiro, aos gritos afflictivos de appello, indo afinal encontrar a massa informe do corpo, enganchada entre lages no sopé da montanha, quando o nascente em fogo rasgava o céu em halos de purpura, descortinando o cariz da serra que se recortava no horizonte com uma côr saudosa de esmeralda. Piedosamente, conduziram-no ao cemiterio, sepultando-o á sombra de velho "carijó", que ainda hoje se ergue ao infinito, esgalhando-se nas alturas. Aquelle desastre ficou para sempre gravado na retentiva da bôa gente rustica, que, na simplicidade dos seus racontos, vae espalhando ás gerações, o temor e a idyosincracia pelo dia 24 de Agosto no sertão.

Francisco Mendes



Considerações sôbre o estudo da lingua

"O estudo da gramática era o primeiro das *sete arte liberaes*, que constituíam o *trivium* e o *quadrivium* das universidades da idade-média, onde se continuaram a expôr as teorias gramaticais dos gregos e dos latinos." (Eduardo Carlos Pereira - "Gramática histórica").

As nossas afirmações publicadas em o último número da Revista do Centro Matogrossense de Letras juntamos mais estas, que vamos escrevendo e para as quais chamamos a esclarecida atenção dos intellectuais; dos que escrevem para o público; dos senhores professores, assim do curso secundário, como do curso primário, que é o primeiro degrau da escada, que dá acesso ao templo do saber.

Cada vez mais se sente a necessidade de um estudo mais profundo, metódico e demorado da lingua portuguesa, de modo que todos os brasileiros possamos estar sempre a par do evolver do idioma dos nossos antepassados e senhores das suas incomparaveis belezas e das suas inúmeras dificuldades.

Hão-de convir todos os patrícios de que só com esse estudo metódico, de que ora falamos, só com um entranhado amor às coisas da linguagem, é que poderemos adquirir os mais sólidos elementos de combate contra os que, impatrioticamente, procuram abastardá-la, deprimindo, com exotismos, a sua morfologia e a sua syntaxe.

Esse estudo assim, com todo o amor, com todo o cuidado, deve ser começado no curso primário desde as primeiras letras, prosseguido o mais intensamente

possível no ginásio e ainda após os exames finais das muitas matérias do respectivo programa. E deveria ter fim com o ocaso da existência do estudante, discípulo ou mestre, que ambos devem ser estudiosos, como o foram Rui Barbosa, Mário Barreto, Cândido de Figueiredo, Machado de Assis, Camilo Castelo Branco, Castilho, Garret, e tantos outros, os quais a morte arrebatou à reflexão, à ciência.

A obrigação que tem o ginásial de *queimar as pestanas*, para dar conta de mais de uma dezena de disciplinas exigidas pelo regulamento, o inibe de se aprofundar no estudo da língua.

Esta alegação tem sido feita por alguns moços do ginásio, e não deixa de ter fundamento.

Razão é esta bastante para a maior atenção nos estudos de português e de literatura e para o seu prosseguimento após o curso ginásial.

Apesar de ser a atenção do aluno do ginásio desviada, ora para uma, ora para outra tarefa, alguns, desde cedo, revelam tendências para mais transcendentes indagações, além do que ouvem do lente e do que assimilam nas suas leituras. Revelam-se, assim, dedicados aos estudos gramaticais e filológicos, aos quais dão o melhor do seu esforço. Mas estes constituem ínfima porcentagem, e o ideal seria que todos os brasileiros se esforçassem por estudar a língua, sem prejuízo, já se vê, das ciências matemáticas, da química, da física, da história, etc..

O conhecimento geral é que ilustra o homem, não ha dúvida.

Entretanto, a língua deve estar em primeiro lugar, como sempre esteve.

Dizemos isso sem receio de réplica de espíritos ilustrados.

Do idioma todos precisamos nos momentos da vida, nos instantes de alegria e nos de amargura; para gravar nossos pensamentos; dar corpo às nossas idéias;

para nos dirigirmos ao Ente Supremo, em súplica ou em agradecimento a mercês; para nos comunicarmos com os nossos irmãos, com os entes queridos, com os nossos amigos, no parolar diário, na conversa, util ou banal, de que a humanidade não prescinde.

Produz-nos o estudo a mais agradável satisfação íntima e essa utilidade, de que todos temos a mais frisante, a mais eloquente prova, a cada passo, no caminho da vida. E sem os conhecimentos das regras codificadas na gramática, sem que saibamos ler os grandes mestres de tôdas as ciências, sem que possamos falar com acêrto e escrever bem, nenhum estudo podemos empreender, a nenhum tentame nos atirarmos, além dos afazêres comuns, a que nos impele a materialidade.

Qualquer ciência, qualquer mistér, é bem de ver, precisa da língua: a engenharia, como a medicina; a diplomacia; a arte da guerra; a luta no terreno das idéias, etc..

Sem idioma nada fazemos, nada alcançamos, nada somos.

Nestas condições. o nosso dever precípua, o dever dos que desempenham a missão de lecionar qualquer matéria é incutir nos moços, nas crianças, o amor ao estudo da gramática e a rejeição dos peregrinismos desnecessários, em uma palavra—a preferência á *prata de casa* ainda que esteja atirada ao esquecimento.

Esse meritório trabalho dos mestres deve ter início no curso primário, como dissemos.

Em consequência, deveriam ser rejeitados livros de leitura com eivas de linguagem; livros, em que os autores inescrupulosos pintassem estrangeirismos escusados, especialmente os chamados galicismos, assim como fórmulas da linguagem dialetal, as quais avançam sempre, intrometendo-se na língua culta.

É o que mais e mais desejamos.

Campo Grande, Junho, 1933
Severino de Queiroz



JOÃO CUNHA

Antes de um anno de sua installação, já a Academia Mattogrossense de Letras, cedendo á contingencia fatal das cousas humanas, vê desaparecer um dos seus fundadores, o academico João Cunha, occupante da cadeira n.º 7, de que é patrono Frederico Prado.

Prestando-lhe esta rapida e sincera homenagem, a "Revista" que já se achava no prelo, por ocasião da sua morte, archiva nas suas paginas o Adeus que, pela A. M. L. e pelo Instituto Historico, proferiu o academico José de Mesquita, á beira do tumulo do inesquecivel consocio, a 14 de Junho, e as palavras de saudade que na sessão de Julho deste anno disse acerca do mesmo evento luctuoso o academico Oscarino Ramos.

O Adeus da Academia e do Instituto

Palavras de Academico José de Mesquita

João Cunha:

Os teus amigos da "Academia Mattogrossense de Letras" e do "Instituto Historico de Matto Grosso" me mandaram aqui trazer-te, nesta hora pungente, o preito da sua ultima e commovida homenagem e a expressão sentida do seu derradeiro adeus.

O teu desaparecimento não é apenas um golpe vibrado em cheio no coração da tua familia e dos teus amigos: é, nesta hora incerta, um verdadeiro golpe para a terra mattogrossense, tão necessitada do concurso de espiritos lucidos, cultos e ponderados, como o teu.

Parece mesmo que a Providencia se compraz, nesses rudes transes, como que pondo á prova a nossa capacidade de resistencia, em tirar-nos os melhores obreiros da nossa grandeza. Hontem, ia-se a figura impressiva de Pedro Celestino, de quem

foste um dos discipulos dilectos e em cuja escola aprendeste essa rara virtude do desprendimento e esse nobre attributo da rectidão. Hoje és tu que vemos arrebatado nos braços da insidiosa companheira da ultima noite — dessa noite fatal que amanhece nas praias infinitas da eternidade.

Vaes-te assim, quasi inesperadamente, em uma hora penosa de angustias e receios para os que ficam, vendo, ansiadamente, os primeiros vislumbres da Chanaan desejada nos horizontes ainda escuros...

Dizem que foi o coração que te matou. E' por elle, de resto, que morremos todos, mas no teu caso, alem da diagnose da sciencia, fala o testemunho dos que te conhecemos. Viveste pelo coração e é justo que por elle viesses a morrer. Affectivo e bom, simples e comedido, galgaste elevadas posições sem que jamais te servisses dellas senão para servir á tua terra e aos teus amigos.

Inimigo da atoarda, espirito sereno de atheniense, de ti se poderia dizer, como de Nestor Pestana, o grande jornalista paulistano ha pouco fallecido, que possuias o horror da publicidade, o gosto da penumbra e a repugnancia a tudo o que fosse mesquinho e vulgar.

A morte veio colher-te no crepusculo de uma brilhante carreira publica, como que consultando o teu nativo pendor, avesso a fastigios ephemeros e gloriolas illusorias.

E ao contemplares a esteril tristeza destes dias maus, conspurcados pelos mais mesquinhos sentimentos, certamente ella, a grande libertadora, te haverá sorrido, senão com as doces esperanças do crente, ao menos com a pura satisfação da consciencia de haver cumprido o seu dever. A "Academia" e o "Instituto" deploram a perda do companheiro dedicado de longos annos, e, parcellas que são do grande coração mattogrossense, palpitam na mesma dôr e na mesma saudade, vendo-te desaparecer, quando eras ainda tão necessario.

Adeus! Que a paz de Deus envôlva tua alma, porque soubeste ser, como poucos, modesto e bom, amante da tua terra, desvelado para os teus queridos e amigo sincero dos teus amigos. Adeus!

Palavras do Acadêmico Oscarino Ramos

Sr. Presidente:

Precisamente no dia 13 do mez passado — data guerreira nos fastos matto-grossenses — o nosso Estado enluctava-se vendo desaparecer da fileira dos propugnadores da sua grandeza, a figura inconfundível do seu dilecto filho, João Cunha.

Da irreparabilidade dessa perda para o patrimonio moral, politico e cultural da nossa terra já o disse a imprensa-a vocalização, por excellencia, do sentimento colectivo — e, diante do tumulo ainda aberto, proclamaram as palavras justas, sentidas e sinceras de V. Ex. e dois outros confrades.

Pouco me resta dizer portanto, hoje, que, pela primeira vez, nos reunimos depois daquelle luctuoso acontecimento, acerca da personalidade do saudoso morio.

Socio fundador da nossa Academia, nunca deixou de prestigial-a com a sua cultura, com a sua presença, com a perseverança no desempenho do cargo de membro da Comissão de Finanças.

Deixa entre nós, seus companheiros e amigos, como no seio da sociedade cuiabana, quiçá matto-grossense, a lembrança de uma delicada creatura que se fez estimar não pelo fascínio do poder e do ouro, mas, pela sua incommensuravel bondade e modestia. Dahi a difficuldade em se procurar na obra ds extincto os vertices proeminentes. Mas, ella ahí está, esparsa como pollen, boiando na atmosphera translucida, a procura de outras arvores para fecundar, florir, e fructificar.

E' com profunda magua, Sr. Presidente, que eu vejo, ao nosso lado, deserta, a cadeira que o nosso querido consocio occupava.

Por isso, eu peço a V. Ex. que consulte os meus illustres confrades si concordam que, na acta da nossa reunião de hoje, se consigne um voto de profundo pesar pelo passamento do nosso inesquecível companheiro.



A QUEIMADA.

Agosto!

*No céu plumbeo e sereno.
Que tanto me recorda o tempo de criança,
As bandas que vivi,
Ha qualquer cousa de ignea apparencia
Como se alguém a incensar tivesse
Do mistico perfume
O ambiente...*

*De quando envez,
No entanto.
Lá vem a fuligem
Que a mansa brisa agita
Como quer
—fôge si a buscamos,
—ou chega si fugimos
—como si algo tivesse de mulher...*

*Vem de bem longe,
De lá do campo onde o ensombrar da noite
Melhor esculpe de ouro a flama da voragem,
E onde o avestruz na limpha que serpeia,
Córre velóz e embebe as frouxas pennas
Para o aceiro do estremado ninho.
Longe grita o guará atônito de medo,
Fitando as profundezas do Infinito.*

*E' a Queimada.
A coivara, depois, á espera das primeiras chuvas
Como se a Natureza traduzisse a vida,
No espontar dos ramos, no expandir das flores,
No sazonado fruto,
No esplendor da messe,
Na florescencia querida
Que viesse
—Do fogo santo da purificação.*

(Do Aromita)

Arnaldo Serra

PASSANDO A SERRA GRACIOSA

*Ver-te e sentir-te na eminencia augusta,
Nós páramos do Belo que te encerras
E pensar-te maior que as outras terras,
Bem fôra o orgulho, Pátria, onde nasci!*

*Na tua ingreme escarpada
De portentosa ufania,
Não se sabe o que sentia,
Si a augusta póesia
Da Natureza esgarrada,
Ou o engenho de teus filhos*

*Querendo levar os trilhos
A densa — nuvem dos Céos
For sobre matas fechadas,
De parasitas rendadas
Que enxugam águas prateadas
Das cataratas em véos.*

*Nas tuas grutas—cofres de misterios
Feitas da solidez dos teus minerios,
Que os manes guardam lá do Marumby
Deve existir a urna desta gente,
Como a Estrela—Faról, do Continente
Pátria, bendita! Terra onde nasci!*

(Do Aromita)

Arnaldo Serra

Paginas dos Mestres

SALVE!

Sim, Elle ha de voltar, não como um rei banido,
Que reconquiste o throno, irado a batalhar,
Mas como um patriarcha amigo, bem querido,
Chamado pelos seus, que emfim regressa ao lar!

O Gigante de Pedra, altivo, sobranceiro,
Que das nuvens ao mar soberbamente cae,
Terá, para saudal-o, um brado alviçareiro:
— "Deus salve o que ali vem, nosso rei, nosso pae!"

Festivos alterae o rythmo funerario,
Canhões de S. João, canhões de Santa Cruz!
Em flammulas se mude o crepe mortuario:
Dia em que Elle chegar, será de festa e luz!

Seu mais verde matiz vestirão as collinas;
Ha de armar-se nos céos um docel todo azul
E, corridos os véos das vesperaes neblinas,
Luzirá mais nitente o Cruzeiro do Sul!

As auras da montanha hão de vir, uma a uma,
Sobre o feretro augusto um osculo depor;
Guanabara, a gentil, niveas flores de espuma
Desfolhará tremente aos pés do Imperador!

Das naves na amurada, e ás portas da caserna
Maruja e soldadesca inquirirão talvez:
— "Quem foi este que vem do exilio á gloria eterna?
Que combates feriu? Onde venceu? Que fez?"

De Caxias e Herval as sombras merencórias
Das tumbas hão de erguer-se e aos moços fallarão:
— "Foi seu nome bendito a senha das vitorias,
Dos pampas da Argentina aos muros de Assumpção!

E quando o audaz caudilho, em lance temerario,
Nossos campos do sul pisou, brutal, hostil,
Uruguayana o viu, Primeiro Voluntario,
Repulsar o invasor das terras do Brasil!"

Vós que a justiça honrais, e que amais a equidade,
Ao morto que passar, homenagem rendei:
Que Elle soube casar o imperio e a liberdade,
Mais sereno juiz que temeroso rei.

D'entre o povo escolheu seus pares e ministros;
Para si nada quiz: estatuas rejeitou;
E onde a força estirava os bracejos sinistros,
Plantador do futuro, escolas semeou.

Espessa multidão, de pelle cõr da noite,
Sacudindo o torpõr, dirá, grata, afinal:
— "Seu braço varonil libertou-nos do açoite,
E á Filha preparou triumpho sem rival!"

Murmurarão alguns :— "Mas porque o desthronámos?
Porque cruel desterro os dias lhe encurtou?"
E a resposta será :— "Banimos e matámos...
Mas Elle não baniu, mas Elle não matou."

Cesse o estulto rancor, que em almas sans não lavra!
A bondade é um fulgor, sorri a treva aos mãos;
Historia imparcial, emfim tens a palavra
— Graças a quem lh'a deu! — pr'a dissipar o Cháos...

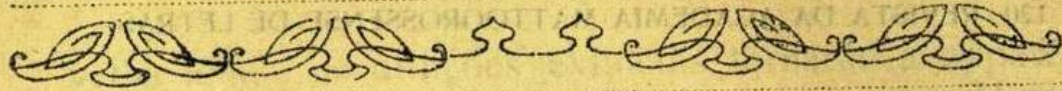
A que ao lado lhe vem, paronympha da morte,
Viveu a beni-fazer, viveu a perdcar;
Consorte no poder, no degredo consorte,
Na immensa apotheose é justo haja um logar.

Protectora ideal, da vida na batalha
Mãe de infelizes foi... e de ingratos tambem...
A fimbria lhe beijae do manto, hoje mortalha:
Reliquias de uma santa aos crentes fazem bem.

Trovejae, trovejae, retumbantes, festivos,
Canhões de S. João, canhões de Santa Cruz!
Nossos reis, nossos paes nos surgem redivivos,
Numa aurora sem fim, numa effusão de luz!

E quando Elle voltar, na vastidão do empyreo
Todos hemos de ver— bella visão de amor—
A longa barba branca, e o doce olhar saphyreo
De um vulto sobre-humano—o grande Imperador!

Carlos de Laet.



Paginas contemporaneas

A Semente de Ouro

A José de Mesquita

Parece que as Furias vieram agora para nós.

No velho mundo, onde uma civilização brilhante e antiga havia assentado os mais altos monumentos, sob o perfume mystico dos ramos da Oliveira, ellas, em 1914, resurgiram das suas tocas alçando o seu vôo tragico.

Encolerizando a Aguia Allemã, que, quatro annos depois, cahiu ferida mortalmente, as Furias crusaram os campos da Europa em quasi todas as direcções, arrasando ao vendaval da insania a côrte maravilhosa das mais prestigiosas nações.

Em face dos destroços, alguns fumegantes ainda, na ruina das cidades, na lagrima da orphandade e da viuvez, na queda dos valores e na montanha colossal das dividas, alguns apóstolos, depois decepcionados, ergueram a voz apontando na paz duradoura o remedio para esses males. Mas a sua voz prophetica ecôou só, foi um grito unico, afflictivo, sobre a vaga confusa e allucinada em que se debate o mundo.

As suas predicas impressionantes em favor da paz universal, as suas exhortações pela fraternidade humana, a sua eloquencia suggestiva e fascinante pelo ad-

vento de um novo regimen de amôr e tolerancia, entretanto, morreram entre as solennes arcadas do Palacio das Nações, resultaram inuteis, como, outrora, a vóz de Jesus, continuando a tempestade gener 'isada a rolar pelo espaço.

A America, na sua formosura primaveral, parecia, ainda por muitos annos, indemne aos seus vôo tragicos.

Mas ahi estão ellas, infelizmente, como um abutre andino, voejando.

O sonho velho da união das republicas hespanholas, mais uma vez, se desfaz, como um castello de cartas. E sobre esse parque promissor de tanta pujança e civilização, agora, crusam-se as baionetas lampejantes, urram os canhões, abrem-se os leques trepidantes das metralhadoras famintas, e a guerra alastra-se e o sangue vai ensopando o solo sul americano.

As nobres nações do Paraguay, da Bolivia, do Perú e da Colombia que, hontem, deveriam fundir o blóco, sob a inspiração de Bolivar, eis que agora se entestam, sobreceño ameaçador, em lucta impetuosa, num encarniçamento de pasmar.

Não analisamos os motivos dessa guerra, onde se desfazem tantas vidas e tantas esperanças, apenas, mais uma vez, constatamos a fraqueza e a incapacidade dos homens.

Francamete não acreditamos que a solução pelas armas seja a mais conveniente, que a logica traçada no ar pelo rodopio dos aviões militares sobre os campos inimigos ponha termo definifivamente ao litigio,

Deve haver, no quadro immenso dos recursos humanos, uma outra formula mais humana, ou menos deshumana, que essa.

Vencido pelas armas um ou outro, acoitar-se-á no coração do vencido, sempre prompto a novamente fermentar, o odio velho do orgulho abatido e, como na

velha lenda, as afflições extinctas tornarão a apparecer. E' a prova cruel da incapacidade do homem. Mais do que o seu interesse moral e mesmo material, sobrelevam os seus impulsos collectivos, mal disfarçados na mascara de um patriotismo incompreensivel, oriundos de uma fraqueza desoladora que os orienta.

Na etapa actual da nossa civilisação o rumo natural das nossas tendencias deve ser exclusivamente para a paz. E' este o unico remedio para não vermos agravadas as nossas torturas advindas do ambiente europeu, que o nosso espevitamento, o nosso prurido pela guerra fará multiplicar.

Ha pouco tombou, no scenario glorioso da França, um apostolo da Paz — Briand.

Briand foi um dos mais altos expoentes do pensamento constructor que o glorioso genio latino tem formado neste seculo.

Esse homem luctou como um gigante, affrontou a hypocrisia, cutilou as ideas reservadas, batalhou bravamente, luminosamente, pelo advento de um regimen de honestidade no campo das contendias internacionaes, erigindo o programma conciliador como o unico capaz de levar a ventura ás nações.

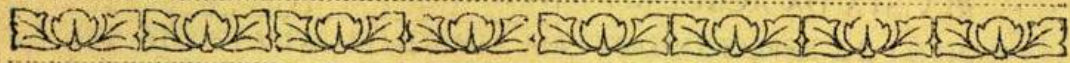
Da sua vóz pura e sonora, dos seus conselhos e da sua logica irrespondivel, entretanto, resultou uma cruel decepção.

Cairia, realmente, no deserto, a sua palavra?

A nossa terra é moça e fecunda. O seu seio é turgado, na sua frente cantam as canções primaveraes.

Tomemos, para nós, a semente de ouro de Paz e plantemo-la em nosso clima suave, em nossas terras uberes, nas plagas americanas do sul. Se lá, terra cansada e exhausta, seios flacidos e resequidos, essa flôr não pode vingar, aqui, façamos uma força e ella vingará.

Olegario de Barros



Paginas esquecidas

O SERTANEJO ABANDONADO

De bastas e alevantadas florestas se vestiam as bordas do Anhanduhy, por onde os bandeirantes paulistas gaigavam os campos da Vaccaria e os immensos sertões de Cuyabá.

As aguas serenavam no seu leito de jaspe, envolvendo na corrente esmeraldina, no seu seio profundo, cardumes de peixes de escamas fulvas, negras e prateadas. O mundo era uma tapera. Roupas, esqueletos humanos e despojos de velha embarcação tapetavam as bordas do rio; bandos de corvos famintos saciavam-se nos cadaveres de heroicos sertanejos e as aguas se tingiam de sangue.

Nessa hora de profunda tristura subiam tropegas as canoas em que vinha o inditoso moço portuguez João Lopes, esmorecido pela sezão pertinaz e quiçá fome e mão trato.

Abicaram as canoas e o ferrenho patrão vociferou na prôa :

— Enterra o doente que não mais tenho o que dar de comer aos vivos que ajudam, muito menos aos defuntos.

— Patrão meu, tende misericordia do seu camarada, chorou o semi-morto, Não me abandonai neste ermo sem pae, sem mãe, sem ninguem por mim!

— Nada!—articulou o patrono. Abraça-te com a morte que te pode dar lenitivo, que de nada te posso valer.

—Sim, senhor, meu patrão, Deus esteja na vossa companhia e vão de boa viagem; adeus! gemeu o desesperado.

—Adeus!, Janje, até o dia do juizo—repetiram os tripolantes sorrindo. E as cinco canoas demandavam lentas o seu destino, sulcando as aguas serenas, balouçando ladas se ao influxo do zephiro que fazia tremular a ventaropalmeiras que orlavam o formoso ribeiro. E de vez em vez os companheiros chocarreiros voltavam suas vistas para o abandonado, zombeteando alegremente do seu fado.

Elle, solitario e mudo, baldo de consolação e arrimo, armou a redinha de algodão, deitando-se sem mais outro amparo que as lagrimas ardentes que inflammavam sua face livida e a natureza na sua virgindade esmagadora. Ao redor de si era tudo silencio, pavor, nostalgia.

Verde bosque se estendia pelas quebradas do monte, como ponto negro no continente, onde porfiavam arvores collossaes como o jatobá, a piuva, o durissimo e cascudo angico. A perova, a taiuva, a aroeira, o guatambú, o vinhatico adoravam a portentosa e copada figueira, a rainha das florestas.

Que sombra deleitosa para as horas da sésta, depois de saudavel banho nas tepidas aguas sertanejas!

Ao ciciar das aguas se vinha reunir tambem o estalo agudo do arvoredos, como se o genio das selvas alli vagasse. E o tucano, a chorosa jaó, o jaguar, o lobo e outros interrompiam as caladas do ermo com agudas notas de aspera e sedenta garganta. Ao sentir-se só com as feras ou porque tivesse medo ou por sentimento profundo, as saudades lhe arrancaram este dorido e commovente monologo:

—Sim! roubar-me ao seio materno, com 15 annos apenas, a pretexto de opulencias e de grandezas, seduzir-me moço para lançar ao abrigo das feras e das trevas! Ingrato, perfido, deshumano!

Que dirá minha mãe quando souber que morri no deserto, que este rosto e estas mãos que tantas vezes beijara serão brevemente preza de corvos!? Que dirá Florinda, a loura portugueza, cujo retrato tenho-o bem unido ao coração!? Feliz dos que podem cerrar as palpebras sob o tecto paterno e beijar respeitoso e pela ultima vez a mão augusta que tantas vezes o affagava em vida; feliz dos que despedem-se deste mundo nos gostosos braços de sua mãe! Ai! de mim, desventurado que nunca mais verei Florinda!

As lagrimas vendaram seus olhos e soluços entrecortados sopitaram-lhe a voz.

Dormiu.

A' noite, a brisa beijou-o com carinhos e o orvalho matutino nevara seu corpo. Despertou pela manhã com volumoso tamanduá que o farejava com o focinho alongado e fino. Rapido, mais rapido que o cervo, avançou sobre o animal que lhe deu o almoço aquelle dia.

Ao cair da tarde, o moço portuguez subia o Anhanduhy em uma monção que o havia acolhido por caridade.

Porem cousa nunca vista!

Jaziam mortos sobre a praia o patrono rico e orgulhoso, com seus camaradas, e dous velhinhos tremulos, boquiabertos, carpindo pela tripolação inteira!...

E o moço sertanejo ainda poude das terras cuyabanas levar muitas arrobas de ouro.

Cuyabá, Setembro 1898.

José de Barros Macie!

No Album de Emma Aurora

O album é um escriptorio avelludado onde os amadores de raridades e exquisitices collecionam e expõe ás vistas curiosas dos visitantes, as amostras intellectuaes, ricas ou pobres, arrancadas aos minerios do pensamento.

Para adornar um album, pois, não basta que lhes possamos trazer flores mimosas e perfumadas, cujo aroma suave em breve se evolaria e as pétalas resequidas se haviam de desprender e rolar esparsas pelo chão: é necessario incrustarmos-lhe, bem fundo nas paginas alvissimas, o que de mais raro e limpido e puro tenhamos descoberto entre as pérolas d'alma geradas e as crystalinas gemmas do coração.

Estas preciosidades, senhorita, onde irei busca-las, eu que não possuo o thesouro inexaurivel da intelligencia, o veio do genio, a intuição artistica do bello, d'onde manam em dulcissimos caudaes as fontes divinas da inspiração?

Bem sabeis, senhorita, eu sou pauperrimo...

De meu,—nada possuo; nem este coração que aqui trago occulto, já me não pertence mais, vós bem sabeis, senhorita!

E era essa minha unica riqueza!

Hoje me restam—desejos, desejos, vagas esperanças e algumas illusões...

Se, entretanto, me permittís que entre aquelles eu vos dedique o melhor que possa formular, digno de figurar nas paginas alvissimas deste album, ahí o tendes:

—Que Deus vos faça tão feliz quanto Lhe aprouve vos fazer formosa.

1904

João Cunha

Academia Mato-grossense de Letras

Quadro dos membros efectivos

	<i>Patronos</i>	<i>Academicos honorarios</i>
1	Antonio Funches	Jose Paul Vila
2	Antonio Correa de Costa	Vincente Carlos Filho
3	Barão de Monte	Estevão de Albuquerque
4	Conde de Marilândia	Jose de Souza
5	Luiz de Camillo Pessoa (P)	Leopoldo Martins de Almeida
		Orlando de Paula Costa

QUADRO DOS ACADEMICOS

6	Luiz de Faria	Jose Carlos
7	João Sebastião da Paqueta	Luiz Carlos Barreto
8	João de Moraes Malheiro	Augusto Francisco de Paula
9		Francisco Mendes
10	Joaquim Távola	Augusto Francisco de Paula
11		Augusto Mendes
12	Jose Jacob de Sa	Marcelo Pires de Oliveira
13		Luiz Carlos de Moraes
14	Jose Delgado da Silva	Leopoldo Ferreira Mendes
15	Jose Estevão Costa	Paulo Antonio de Paula Correa
16	Jose Manoel de Sousa (R)	Dr. Antonio Correa
17	Jose de Sousa Cunha de Castro	Manoel P. X. Barreto
18		Victorio de Camargo
19	Jose Manoel de Almeida Costa	Dr. Manoel Ponce de Aguiar
20		Ulisses Coimbra
21		Antonio Carlos de F. Aguiar
22		Alto
23	Luiz de Alencar	Leopoldo Moreira de Barros
24	Manoel Esperandino	Antonio Francisco de Souza
25	Emilia Costa (P)	Octavio Costa
26		Jose Manoel de Souza Pereira
27	Raimundo de Cavalho	Augusto de Aguiar
28	Barão de Monte	Francisco Augusto de Silva
29	Manoel Costa	Augusto de Aguiar
30	Manoel Costa	Manoel Costa
31	Vitor de Almeida	Orlando de Paula
32	Vitor de Almeida	Jose Manoel de Paula

Academia Mattogrossense de Letras

Quadro dos membros effectivos

<i>Cadeiras</i>	<i>Poltronas</i>	<i>Academicos occupantes</i>
1	Amancio Pulcherio	José Raul Vilá
2	Antonio Corrêa da Costa	Virgilio Corrêa Filho
3	Barão de Melgaco	Estevão de Mendonça
4	Couto de Magalhães	José de Mesquita
5	Ernesto Camillo Barreto (P.)	Leovegildo Martins de Mello
»	» » » »	Ovidio de Paula Corrêa
»	» » » »	Nilo Povoas
6	Francisco Catharino	Anna Luiza Prado
»	» » » »	Isac Povoas
7	Federico Prado	João Cunha
8	João Severiano da Fonseca	Carlos Gomes Borralho
9	Joaquim Mendes Malheiros	Augusto Cavalcante de Mello
»	» » » »	Francisco Mendes
10	Joaquim Murtinho	Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa
»	» » » »	Oscarino Ramos
11	José Barbosa de Sá	Manoel Paes de Oliveira
»	» » » »	Leonidas de Mattos
12	José Delfino da Silva	Lamartine Ferreira Mendes
13	José Estevão Corrêa	Philogonio de Paula Corrêa
14	José Manoel de Siqueira (P.)	D. Aquino Corrêa
15	José da Silva Guimarães (Cgo.)	Manoel P. X. Barreto
»	» » » »	Alcindo de Camargo
»	» » » »	D. Maria Ponce de Arruda
16	José Thomaz de Almeida Serra	Ulysses Cuiabano
»	» » » »	Antonio Cesario de Figueiredo Netto
»	» » » »	Olegario Moreira de Barros
17	Luiz de Alencourt	Antonio Fernandes de Souza
18	Manoel Esperidião	Octavio Cunha
19	Pimenta Bueno (F. A.)	José Magno da Silva Pereira
»	» » » »	Allyrio de Figueiredo
20	Ramiro de Carvalho	Franklin Cassiano da Silva
21	Ricardo Franco	Miguel Mello
22	Veiga Cabral	Palmyro Pimenta
23	Vieira de Almeida	Cesario Prado
24	Viconte de Tauuay	João Barbosa de Faria

Academia Mattogrossense de Letras

Quadro dos membros correspondentes

<i>Ns.</i>	<i>Nome dos membros</i>	<i>Localidades</i>
1	Bel. Ulysses Cuiabano	Capital
2	Antonio Tolentino de Almeida	S. Antonio do Rio Abaixo
3	Dr. Carlos Vandoni de Barros	Corumbá
4	Carlos Castro Brasil	
5	Luiz Feitosa Rodrigues	
6	Cel. João Christião Carstens	
7	D. Anna Luiza Prado Bastos	Campo Grande
8	Dr. Arlindo de Andrade	
9	Arnaldo Serra	
10	Ovidio de Paula Corrêa	
11	Severino Ramos de Queiroz	
12	Dr. Yrrio Corrêa da Costa	
13	Dr. Generoso Alves de Siqueira	Tres Lagôas
14	Adv. Rosario Congro	
15	Cel. Joao de Campos Vidal	S. Luiz de Caceres
16	Prof. Glycerio Poveas	Ponta-Poran
17	José Bonifacio de Albuquerque	Miranda
18	Des. A. Cavalcante de Mello	Rio de Janeiro
19	Fabio Lima	
20	Dr. Generoso Ponce Filho	
21	Des. Henrique Soido	
22	Humberto de Campos	
23	Te. Cel. J. Gaudie da A. Corrêa	
24	Dr. Manoel Paes de Oliveira	
25	Dr. Soter Caio de Araujo	
26	Mucio da Paixão	Nicteroy—Rio de Janeiro
27	Dr. Xavier Marques	Bahia
28	Alcindo de Camargo	Bahia
29	Dr. Mario Lima	Bello-Horizonte- Minas-Geraes
30	Aivaró Maia.	Manãos—Amazonas
31	Des. Gaspar Guimarães	
32	Dr. Manol Xavier P. Barreto	
33	Henrique Santa Rosa	Belém-Pará
34	Domingos Barbosa	S. Luiz de Maranhão
35	Antonio Salles	Fortaleza-Ceará
36	Henrique Castriciano	Rio Grande do Norte
37	Adalberto Marroquim	Maceió-Alagoas
38	Mario Sette	Recife-Pernambuco
39	Elpidio Pimentel	Victoria-Espirito Santo
40	Alcides Munhoz	Curitiba-Paraná
41	Dr. Sebastião Fleury Curado	Goyaz
42	Carlos D. Fernandes	Rio de Janeiro
43	Monteiro Lobato	
44	Cleomenes Campos	S. Paulo
45	Cicero Sampaio	Aracajú-Sergipe

**RELATORIO
DO
CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS**

relativo ao anno social 1931-1932

apresentado pelo presidente

Des. José de Mesquita

em sessão de 22 de Outubro de 1932

da

"ACADEMIA MATTOGROSSENSE DE LETRAS"



SENHORES ACADEMICOS:

Venho com satisfação desobrigar-me do encargo de trazer ao vosso conhecimento as occurrencias que assignalaram o ultimo anno social do "Centro Mattogrossense de Letras".

Quis a vossa honrosa confiança fosse este obscuro confrade que, dez annos atrás, vos fazia o retrospecto da primeira phase da vida do "Centro", o mesmo que hoje, encerrado o cyclo evolutivo daquelle gremio, viesse dar-vos conta da derradeira meta vencida.

E com satisfação o faço—como de começo vol-o declarei—eis que o "Centro" não desaparece, mas se transforma, não se extingue, mas se renova, não encerra o seu avatar, mas, sob outro nome e feição, prosegue, agora guindado ás honras academicas, a sua ardua tarefa e a sua elevada finalidade.

Dez annos a fio lhe acompanhei a existencia, através dos relatorios em que a preocupação da fidelidade deve ter supprido a deficiencia de outros attributos

Hoje venho entoar-lhe, não o *de profundis* que se psalmêa aos pés dos mortos, mas sim as alleluias do regosijo, com que se festeja a gloria das Ressurreições.

SESSÕES DO "CENTRO" A SUA TRANSFORMAÇÃO EM "ACADEMIA"

Realizou o "Centro", durante o anno de 1931-1932, quatro sessões ordinarias, a 7 de Setembro e 17 de Outubro de 1931 e 19 de Maio e 15 de Agosto de 1932. Na primeira foi empossada a Directoria eleita para esse anno social e na ultima, alem da eleição da Mesa, prevista nos Estatutos, foi deliberada a transformação do "Centro" em Academia", nos termos da seguinte

PROPOSTA

Os abaixo assignados, socios effectivos do "Centro Mattogrossense de Letras" vêm, na forma permittida pelo art. 22 dos Estatutos sociaes de 7 de Agosto de 1921, submeter á apreciação da casa a seguinte proposta;

Que, a partir da aprovação em plenario desta reforma, o "Centro Mattogrossense de Letras", passe a denominar-se "*Academia Mattogrossense de Letras*" continuando a reger-se pelos mesmos Estatutos actuaes, até que, opportunamente, se proceda á transformação dos mesmo Estatutos.

A proposição excusa de maiores justificativas. "O Centro" fundado, vae por onze annos, tem nesse periodo, dado sobejas demonstrações de vitalidade, bastando apontar, como indice expressivo, a sua Revista, cujo nº XXI-XXII acaba de ser posto em circulação. Occorre ainda a circumstancia, que vem tornar mais opportuna essa proposta, de cogitar a Academia Brasileira de Letras na federação das Academias dos Estados, visando um mais estreito concurso e uma cooperação mais efficiente no sentido do desenvolvimento intellectual do paiz.

Certo de interpretar o pensamento da collectividade, os infrafirmados aguardam, com muita confiança, o pro-

nunciamento da corporação, que virá consagrar uma justa e oportuna aspiração da cultura de nossa terra.

Cuiabá, 15 de Agosto de 1932.

(a a) Francisco, Arcebispo de Cuiabá

Leonidas de Mattos

José de Mesquita, por si e pelos socios

Virgilio Corrêa Filho, Palmyro Pimenta,

Lamartine Mendes e Cesario Prado

Maria de Arruda Müller

Philogonio de P. Corrêa

Francisco A. Ferreira Mendes

Isac Póvoas

Nilo Póvoas

Oscarino Ramos

João Cunha

Antonio Fernandes de Souza

Octavio Cunha

José Raul Vilá

Franklin C. da Silva

Olegario Moreira de Barros

Approvada unanimemente, por 2/3 dos sócios, conforme exigencia estatutaria, ficou, em a mesma sessão, decidido que se installasse a " Academia Mattogrossense de Letras " no dia mesmo da posse da sua primeira Directoria, isto é, a 7 de Setembro, 11.º anniversario da installação do " Centro "

POSSE E RECEPÇÃO

A 20 de fevereiro do fluente anno, o " Centro Mattogrossense de Letras " recebeu solemnamente em seu seio o socio eleito para a cadeira nº 11, o doutor Leonidas Anthero de Mattos. O novo confrade, cujas qualidades de intellectual e literato aprimorado excusa encarecer, foi recebido pelo nosso digno consocio Prof. Francisco Mendes,

em brilhante sarau litero-musical, cujas notas predominantes foram os bellos discursos trocados entre o recipiendario e o delegado do "Centro", os quaes deixaram no auditorio a mais grata impressão.

HORA LITERARIA

Não limitou o "Centro" a sua actividade neste anno a esse festival de recepção, pois continuou a offerecer aos amantes das letras as suas apreciadas "Hóras Literarias" realizando duas dessas interessantes tertulias a 17 de Janeiro e 10 de abril ultimos.

Fizeram-se ouvir nas mesmas, lendo trabalhos da sua lavra, os socios Antonio Fernandes, Franklin Cassiano, José de Mesquita, D. Maria de Arruda Müller, Octavio Cunha, Palmyro Pimenta, Philogônio Corrêa e Severino de Queiroz.

A REVISTA

A exemplo do que se praticara no anno anterior, houve por bem a presidencia em fundir ainda este anno, como medida de economia, os dois numeros semestraes da "Revista" em um, com maior numero de paginas. Assim é, que, em agosto p. p., foi dado á circulação o volume XXI-XXII, correspondente ao anno corrente, com 156 paginas, farta e variada materia e optima impressão, feita na Escola Typographica Salesiana desta Capital.

SÉDE E BIBLIOTHECA

A séde do "Centro", installada, bem como a respectiva Bibliotheca, na "CASA BARÃO DE MELGAÇO", continúa a funcionar regularmente, abrindo-se, tres vezes por semana, para visitas e consultas publicas.

O movimento de obras, sem se levar em conta as

publicações periódicas, foi o que consta da seguinte demonstração:

Em -7-9-931

Obras.	1.034
Volumes.	1.387

Em 7-9-932

Obras.	1.045
Volumes.	1.444

Diferença a maior

Obras.	11
Volumes;	57

Concorreram para esse augmento, além de varias offertas dos socios, uma colleção de publicações officiaes, offerecida pela secretaria da Presidencia do Estado, de ordem do dr. Arthur A. Maciel, então Interventor Federal no Estado, e uma valiosa obra, em 24 volumes, embora um tanto estragada, "Histoire de l' Eglise catholique" de Rohrbacher, presente do Sr. Nagib Saad.

Continúa a exercer satisfatoriamente as funcções de Zelador da Séde e bibliothéca o Sr. Joaquim de Mendonça, que, de uns meses a esta parte, passou a residir, com auctorização desta presidencia, num dos compartimentos da "CASA BARÃO DE MELGAÇO", tornando-se-lhe assim mais facil o desempenho das suas funcções.

RELAÇÕES OFFICIAES

As relações do "Centro", quer com os altos poderes publicos do Estado, quer com as sociedade similares do país, continuam a sêr as mesmas que tive oportunidade de referir-vos em meus anteriores relatorios, isto é, as mais cordiaes e amistosas.

Devo destacar, neste passo, o empenho patriótico manifestado pela Academia Brasileira de Letras, em officio que me dirigiu o seu illustre presidente, Dr. Fernando de Magalhães, no sentido de se conseguir um estreitamento de relações e uma approximação mais eficiente entre aquella egregia Corporação, matriz e motriz da vida mental do Brasil, e as sociedades congeneres dos Estados.

Attendendo gostosamente a esse appello, que levei ao vosso conhecimento, houve por bem o "Centro" delegar ao seu digno Vice-presidente, desor. Palmyro Pimenta, actualmente no Rio de Janeiro, plenos poderes para, junto á Academia, tratar do assumpto.

O movimento revolucionario que explodiu no pais em Julho preterito, não permittiu o proseguimento normal das negociações iniciadas, mas estou certo que o nosso embaixador tudo terá feito, no seu intelligente e habil empêño, de modo que a approximação desejada se convêrta em realidade proveitosa para o "Centro" e para as nossos letras.

Acerca da reforma orthographica, levada a effeito pela Academia Brasileira de Letras, em virtude do accordo com a Academia das Sciencias de Lisbôa e officializada por decreto do Governo Provisorio da Republica, recebi uma attenciosa carta-circular, na qual o presidente da primeira daquellas doutas sociedades pedia o pronunciamento do "Centro", em vista da campanha surgida, em contrario, na imprensa do Rio de Janeiro.

Dando immediata solução a esse appello, scientificuei a Academia de haver nomeado uma Commissão composta dos dignos consocios desor. Palmyro Pimenta e profs. Nilo Póvoas e Franklim Cassiano da Siilva, afim de, estudando convenientemente o caso, emittir o seu parecer, que será opportunamente objecto de deliberação por parte da casa.

Circumstancias varias, entre as quaes sobreleva a ausencia prolongada do desor. Palmyro Pimenta, não per-

mittiram que a mesma Comissão se desonerasse até a presente data da sua incumbencia.

FINANÇAS

Do minudente balancete que, acompanhado dos dados elucidativos e documentos de receita e despesa, apresentou ao snr. Thesoureiro o nosso correcto procurador snr. Benedicto A. Lõdom, vereis a situação real das nossas finanças, que soffreram, como é natural, uma pequena depressão, consequente á situação anormal que atravessamos.

Assim é que a arrecadação não ultrapassou de . . . 2:691\$000, ou sejam 2:400\$000 representados pela dotação orçamentaria estadual e 291\$000 de outras procedencias (mensalidades dos socios e renda da Revista).

A despesa attingiu a 3:792\$000, dando assim, dentro do exercicio, um deficit de 1:101\$000, coberto, porém, pelo saldo vindo do exercicio anterior.

Ainda mesmo com o decrescimo da renda e a majoração forçada da despesa, determinada por circumstancias de que vos dão conta os documentos respectivos, podemos encerrar a vida financeira do "Centro" em condições lisonjeiras, transferindo á conta da "Academia Mattogrossense de Letras", sua successora, o saldo em caixa de 1:668\$836, livre de qualquer compromisso vencido.

CONCLUSÃO

Ahi fica, snrs. academicos, quanto me occorre dizer-vos no tocante á vida do nosso "Centro" em sua ultima phase: recapitulando-lhe os épos, sinão gloriosos, pelo menos honrosos, devo e quero congratular-me com vobos, ao vermol-o desaparecer, com a consciencia de

haver cumprido a sua missão histórica e legando á "Academia" uma tradição que, estou certo, será continuada progressivamente.

De mim, posso afirmar-vos tudo farei por isso, mas bem certo que nada poderei sinão em vós, sinão com a vossa prestante, leal e dedicada cooperação, na qual, como sempre, espero e confio.

Cuyabá, 22 de Outubro de 1932

(a) José de Mesquita

PRESIDENTE



ESTATUTOS

DA

Academia Mattogrossense de Letras

Art. 1:—A Academia Mattogrossense de Letras, a cuja categoria se elevou o "CENTRO" homonymo, ao qual ella substitue, succede e continua, conserva a mesma séde e a mesma finalidade, que é promover e intensificar a cultura da lingua e litteratura nacionaes e funcionará de accordo com as normas traçadas em seu Regimento Interno.

§ 1:— Compõe-se a Academia de vinte e quatro membros effectivos, dos quaes dois terços, pelo menos, domiciliados na séde, e de cincoenta correspondentes, residentes dentro ou fóra do Estado.

§ 2:—A eleição dos membros effectivos e correspondentes é feita por escrutinio secreto e maioria absoluta de votos, cabendo o direito de votar apenas aos da primeira categoria.

§ 3:—Os membros effectivos que se afastarem temporariamente da séde, deverão participar á Mesa o praso da ausencia, e a sua prorogação.

§ 4:—Os membros effectivos que transferirem a sua residencia definitivamente para fóra do Estado, passarão á categoria de correspondentes, bastando para a mudança de

categoria uma comunicação á Mesa, ou, caso não o façam, dentro de dois annos após a sua retirada do Estado, a Mesa os declarará incursos na perda dos direitos de membros effectivos.

Art. 2:— Podem ser eleitos membros effectivos da Academia os cidadãos brasileiros, domiciliados no Estado, que tenham publicado trabalho de real valor, em qualquer genero litterario.

§ unico.— Para a eleição de membro correspondente exigem-se os mesmos requisitos do artigo anterior, com excepção do domicilio dentro do Estado.

Art. 3:— Compete a administração da Academia a uma Directoria composta de um Presidente, um Vice-Presidente, um 1: e 2: Secretario e um Thesoureiro, eleitos biennialmente, por escrutino secreto, e reelegiveis.

§ 1:— Cabe ao Presidente dirigir os trabalhos da Academia, bem como represental-a em juizo e nas suas relações com terceiros.

§ 2:— O Vice-Presidente é o substituto do Presidente, em suas faltas e impedimentos.

§ 3:— Ao 1: Secretario incumbe a direcção da Secretaria, bem como a correspondencia official, competindo ao 2: a lavratura das actas e bem assim a substituição do 1:, quando necessaria.

§ 4:— O Thesoureiro é o encarregado da arrecadação guarda e administração do patrimonio da Academia, devendo a applicação dos fundos sociaes ser feita de accôrdo com as deliberações da Mesa.

Art. 4:— Concomitantemente com a Directoria e pela mesma maneira, serão eleitas duas Commissões de character permanente, cujos membros, em numero de tres, servirão pelo tempo de dois annos e poderão ser reeleitos, a saber:

1: Comissão de Contas e Orçamento.

2: Comissão de Revista e Bibliographia.

§ unico.—Além destas Comissões, tem o Presidente a faculdade de nomear outras, que se fizerem precisas para os trabalhos que empregar a Academia ou de que fôr incumbida.

Art. 5.—A eleição para os cargos da Directoria ou das Comissões somente poderá recahir nos membros residentes na séde da Academia.

Art. 6.—Nos casos de ausencia ou impedimento prolongado por mais de tres meses, de qualquer dos membros da Directoria ou das Comissões, providenciará o Presidente a substituição, submettendo o acto, na primeira reunião, á approvação da Academia.

§ unico. — Si o caso occorrer com o Presidente e faltar igualmente o seu substituto, proceder-se-á a nova eleição, para completar o periodo administrativo.

Art. 7.—As sessões ordinarias da Academia serão convocadas pela Mesa e se realizarão em dia previamente anunciado pela imprensa.

§ 1.—Pode a Academia funcionar com a presença da maioria dos membros residentes na séde.

§ 2.—Para as eleições exige-se a maioria absoluta dos academicos, podendo os que estiverem impedidos de comparecer enviar o seu voto por meio de carta ou telegramma, dirigidos ao Presidente, devidamente authenticados.

Art. 8.—Deverão os academicos eleitos tomar posse das suas cadeiras dentro de seis meses, contados da comunicação official da sua eleição, salvo o caso de motivo justificado, apresentado por escripto, em que a Mesa poderá conceder uma prorogação por mais seis mezes.

Art. 9.—O candidato eleito poderá usar o titulo e gozar das regalias academicas somente depois do acto da sua posse, em sessão solenne.

Art. 10.—A Academia reconhece e ratifica o titulo de Presidente de honra, conferido pelo "Centro" ao aca-

demico D. Francisco de Aquino Corrêa.

Art. 11.—Extinguem-se os direitos de membros effectivos:

a) pela morte.

b) pela renuncia tacita, decorrente da ausencia fóra do Estado, não justificada, por mais de dois annos.

Art. 12.—Os membros correspondentes perderão a qualidade apenas pelo fallecimento ou pela renuncia expressa.

Art. 13.—Manterá a Academia uma Bibliotheca, que ficará a encargo do 2º Secretario.

Art. 14.—A Academia terá como seu organ uma Revista, destinada á publicação de seu expediente e dos trabalhos que fôrem julgados bons pela respectiva Commissão.

Art. 15.—Poderá a Academia acceitar e receber subvenções e auxilios officiaes ou particulares, bem como assumir, de accôrdo com as suas possibilidades economicas, compromissos exigidos pelo desenvolvimento da cultura litteraria no Estado.

Art. 16.—No caso de extincção da Academia, proceder-se-á á liquidação do seu passivo, revertendo o saldo existente, bem como todos os seus bens, em favor do Estado de Matto-Grosso.

Art. 17.—Os presentes Estatutos poderão ser reformados, no todo ou em parte, mediante proposta formulada pela maioria dos membros effectivos, e approvada, no minimo, por dois terços dos mesmos em tres sessões, consecutivas.

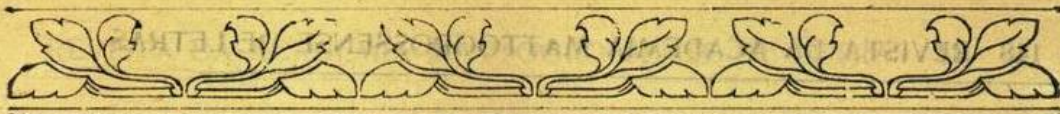
Art. 18.—Estes Estatutos entrarão em vigor após o registro a que se refere o art. 18 do Codigo Civil.

Art. 19.—Revogam-se as disposições em contrario.

Cuiabá, 22 de Abril de 1933

(a. a.) *Francisco, Arcebispo de Cuiabá.*
José de Mesquita
Palmyro Pimenta
Philogonio de P. Corrêa
Francisco A. Ferreira Mendes
Franklin C. da Silva
José Raul Vilá
Oscarino Ramos
Octavio Cunha
Olegario Moreira de Barros
Isac Póvoas
Maria de Arruda Müller
Antonio Fernandes de Sousa.





Actas das sessões do Centro Mattogrossense de Letras

Acta de 54ª sessão ordinaria do " Centro Mattogrossense de Letras "

Aos dezeseite dias do mez de Outubro de mil novecentos trinta e um, pelas vinte horas, em sua sede social, realizou o " Centro Mattogrossense de Letras, " a sua 54ª sessão ordinaria, correspondente ao mez de Outubro fluente, tendo comparecido á mesma os socios effectivos, José de Mesquita, Oscarino Ramos, Allyrio de Figueiredo, Philogonio Corrêa, e Francisco Mendes Lida e approvada a acta anterior, foi pelo segundo Secretario Doutor Allyrio de Figueiredo, dado conta do expediente em mesa, constante do seguinte : — officios do Centro Mattogrossense do Rio, " Centro de Cultura Intellectual " de Campinas, Associação Potyguar de Estudantes, " Centro de Criadores da Nhecolandia, communicando a posse de suas directorias, do Dr. Francisco de Assis Lacerda de Athayde, participando a sua posse no cargo de Administrador dos Correios desta Capital, do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas, e do Centro de Letras do Paraná, agradecendo a remessa da Revista ds Centro, " da Bibliotheca " Calixto Nobrega", da Parahyba e da Associação Campineira de Contabilistas, " pedindo a remessa da Revista, a titulo gratuito, da Academia Brasileira de Letras, enviando os editaes referentes aos concursos literarios de 1932 e do Ministerio do Trabalho, remettendo o volume do Departamento Nacional da Estatistica referente á imprensa periodicá do Brasil em 1929 a 1930.

Na ordem do dia foi pelo Desembargador presidente designado o dia 19 de Novembro entrante para a posse do socio eleito Dr. Leonidas de Mattos, sendo convidado para recebê-lo, em nome da corporação, o socio professor Francisco Mendes.

A sessão encerrou - se ás 21 horas.

José de Mesquita
Octavio Cunha
Olegario de Barros
Oscarino Ramos
João Cunha
Francisco A. Ferreira Mendes
Isac Póvoas
Philogonio Corrêa

Acta da 55ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras,"

Aos dezanove dias do mez de Maio de mil novecentos e trinta e dois, pelas vinte horas, em sua sede social, "Casa Barão de Melgaço," realizou o Centro Mattogrossense de Letras, a sua 55ª sessão ordinaria, correspondente ao mez de Maio fluente, tendo comparecido a mesma os socios effectivos José de Mesquita, Oscarino Ramos, Octavio Cunha, Olegario de Barros, João Cunha, Philogonio Corrêa, Francisco Mendes, e Isac Povoas. Lida e approvada a ultima acta, o presidente designou, para substituir o Dr. Secretario, Allyrio de Figueiredo, que se achava ausente, o professor Francisco Mendes, sendo em seguida, pelo 2º Secretario interino, dada conta do seguinte expediente em mesa: officio da Academia Brasileira de Letras, communicando o programma de federação das Academias estadoaes; idem, acerca da adopção da orthographia official para os futuros concursos academicos; telegramma do presi dente da mesma Academia solicitando o pronunciamento do "Centro a respeito do accordo orthographico; officio circular do "Centro Mattogrossense do Rio, dirigindo um appello, em favor do mesma; communicações de posse do Dr. Juiz Federal nesta secção e das Directorias do Instituto Historico de Alagôas, da Escola de Topographia de Uberaba, da Associação Commercial de Cuiabá, do Instituto Mattogrossense de Contabilidade; officios do Bureau de Informações Gerais Lida," da Bibliotheca Municipal de São Paulo e da sociedade Beneficiente União Operario de Curvello (Minas) pedindo a remessa da Revista; carta do Dr. Fernando Nery, director da Secretaria da Academia B de Letras, protestando contra a publicação das cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha, cõlligidas pelo snr. Renato Travassos;" e finalmente, um parecer da Comissão de Finanças opinando pela approvação das contas do exercicio passado. Na ordem do dia, foi approvado, por unanimidade, o parecer favoravel a tomada de contas de 1931. O presidente deu conta a casa de haver nomeado uma comissão composta dos socios Palmyro Pimenta, Nilo Povoas e Franklin Cassiano, para emittir parecer sobre o accordo orthographico, dando disso cõnhecimento á Academia de Letras."

Ficou resolvida a adhesão do Centro" ao nobre e patriotico programma da Academia, no sentido de promover a maior approximação dos gremios literarios dos Estados, devendo opportunamente fazer-se a transformação do "Centro" em Academia Mattogrossense de Letras e ficou a Mesa autorizada a promover o necessario entendimento com a Academia, por intermedio do Vice-Presidente Desembarcador Palmyro Pimenta, actualmente no Rio: A sessão encerrou-se ás 21 horas.

José de Mesquita
 Oscarino Ramos
 Antonio Fernandes de Souza
 Francisco A. Ferreira Mendes
 Nilo Povoas
 J. R. Vilá
 Isac Povoas
 Philogonio Corrêa.

Acta da sessão extraordinaria de eleição do "Centro Mattogrossense de Letras."

Aos quinze dias do mez de Agosto de mil novecentos trinta e dois, pelas dezoito horas, em sua sede social, "Casa Barão de Melgaço," realizou o "Centro Mattogrossense de Letras," a sessão extraordinaria de eleição da Mesa e das Comissões que não de servir no periodo administrativo de 1932 - 1933.

Compareceram á mesma os desembargadores José de Mesquita e Oscarino Ramos, Professores Philogonio Corrêa, Antonio F. de Sousa, José Vilá, Isac Povoas, Nilo Povoas e Francisco Mendes, tendo-se feito representar pelo sócio Desembargador José de Mesquita os socios D. Aquino Corrêa, Dr. Leonidas de Mattos, Desembargador Palmyro Pimenta, Drs. Virgilio Corrêa Filho e Lamartine Mendes, D. Maria de Arruda Müller, Cesario Prado e Franklin Cassiano da Silva; pelo socio Philogonio Corrêa, o socio Dr. Olegario M. de Barros, e pelo socio professor Isac Povoas, o socio João Cunha, prefazendo um total de 18 entre presentes e representados.

Pelo 1º secretario, na falta do 2º foi lida a acta anterior e em seguida dado conta do expediente em mesa, constante de officios dos Snrs. Antonio F. de Sousa e Francisco F. Mendes, communicando as suas posses nos cargos de Director do Thesouro do Estado e do Lyceu Cuiabano; da loja "Academia Cuiabana" e do "Americano Foot - ball Club," communicando a posse da sua Directoria, do Instituto M. de Contabilidade, convidando para uma conferencia, e da Faculdade de Direito de Campo-Grande dando sciencia da sua installação. Foi lida, em seguida, a seguinte proposta: "Proposta. Os abaixo assignados, socios effectivos do Centro Mattogrossense de Letras," vêm na forma permittida pela art: 22 dos Estatutos sociaes, de 7 de Agosto de 1921, submeter á apreciação da casa a seguinte proposta: Que, a partir da approvação em plenario desta reforma, o "Centro Mattogrossense de Letras" passe a denominar-se Academia Mattogrossense de Letras, continuando a reger-se pelos mesmo Estatuto actuaes, até que, apportunamente, se proceda á transformação dos mesmos Estatutos. A proposição excusa de maiores justificativas. O "Centro," fundado, vae por onze annos, tem, nesse periodo, dado sobejas demonstrações de vitalidade, bastando apontar, como indice expressivo, a sua Revista, cujo numero XXI - XXII acaba de ser posto em circulação. Occorre ainda a circumstancia, que vem tornar mais opportuna essa proposta, de cogitar a Academia Brasileira de Letras na federação das Academias dos Estados, visando um mais estreito concurso e uma cooperação mais efficiente no sentido do desenvolvimento intellectual do paiz.

Certos de interpretar o pensamento da collectividade, os infra firmados aguardam, com muita confiança, o pronunciamento da corporação, que virá consagrar uma justa e opportuna aspiração da cultura de nossa terra.

Cuiabá, 15 de Agosto de 1932. (assignados) Francisco, Arcebispo de Cuiabá. Leonidas de Mattos. José de Mesquita, por sí e pelos socios Virgilio Corrêa Filho, Palmyro Pimenta, Lamartine Mendes e Cesario Prado; Maria de Arruda Müller, Philogonio de P. Corrêa, Francisco F. Mendes, Isac Povoas; Nilo Povoas, Oscarino Ramos; João Cunha; Antonio F. de Sousa, Octavio Cunha, José Raul Vilá; Franklin C. da Silva e Olegario M. de Barros."

Na ordem do dia, foi a referida proposta approvada unanimemente, logrando os 2/3 exigidos pelos Estatutos, pelo que declarou o Presidente transformado o "Centro" em "Academia" que se deverá installar a 7 de Setembro entrante, conjunctamente com a posse da sua Directoria.

Procedeu-se após a eleição da Mesa, servindo de escrutinadores os socios Philogonio Corrêa e Oscarino Ramos, tendo sido apurado o resultado seguinte

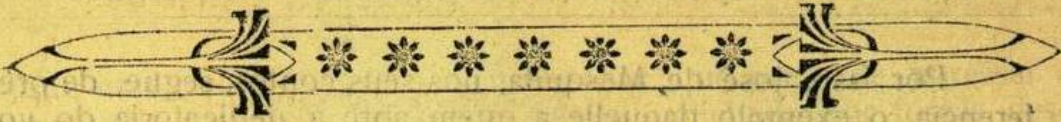
Para Presidente: José de Mesquita, 17 votos e João Cunha, 1 voto; para vice-presidente: Palmyro Pimenta 18 votos para primeiro secretario Philogonio Corrêa, 18 votos; para segundo secretario: Francisco Mendes, 17 votos e Isac Povoas 1 voto; para thesoureiro: Franklin C. da Silva 18 votos; para membros da Comissão de Redacção: D. Marla de Arruda Miillier 18 votos; Oscarino Ramos e Nilo Povoas, 17 votos cada um; para membros da Comissão de Admissão: Antonio F. de Sousa, Olegario; M. de Barros e Isac Povoas, 18 votos cada um; e para membros da comissão de Finanças: João Cunha e José Vilá; 18 votos cada um; Octavio Cunha, 17 votos; e Antonio Cesario de Figueiredo Netto, 1 voto, que não foi apurado visto haver recahido em pessoa extranha ao Centro. Ao encerrar a sessão, o desembargador presidente agradeceu em seu nome e dos seus delegatarios o suffragio que lhes acabava de ser dado e concluiu fazendo votos pelo proximo advento da paz e da concordia no seio da familia brasileira, elementos indispensaveis ao progredimento da cultura intellectual, que é o objectivo maximo do "Centro."

† Francisco, Arcebispo de Cuiabá
Pedro Laurentino de A. Chaves,
por si, como secretario geral do Estado
e representando o Dr. Leonidas de Mat-
tos, Interventor Federal.

José de Mesquita
Franklin C. da Silva
Philogonio de P. Corrêa
Oscarino Ramos
P. Luiz Sutura, Vigario Geral da Archi-
diocese
Alfeu Rosas Martins
P. Theodoro Colczycki
P. Miguel Curró
Feliciano Galdino
Vasco Palma
Isac Povoas
A. Cesario Neto
Nilo Povoas
Octavio Cunha
João Geraldo Pinto

Genesio
José Joaquim M. Serra
Maria José de Figueiredo
Amelia Pereira Leite
Maria Antonia de Figueiredo
Mathilde dos Anjos
Maria do Carmo Fortes
Maria Luzia A. Maciel
Guilhermina de Figueiredo
Nilce de Figueiredo
Bernardette das Neves
Maria Moraes e Sousa
Luisa de M. Cavalcanti
Catão das Neves
Sebastião Frederico Teixeira
Emilio de Arruda
Hildo Esteves
J. R. Vilá
Joaquim M. de Mendonça
Francisco A. F. Mendes
Benedicto Augusto Lodom





BIBLIOGRAPHIA

I

Espelho de Almas — José de Mesquita; Aguas Passadas — Lamartine Mendes.

Deparam-se-nos, de golpe, dois volumes assignados por José de Mesquita e Lamartine, Mendes, representantes ambos da phalange, que se despertou para as aspirações literarias, mercê do estimulo do mestre e guia, D. Aquino.

Continuavam, mais tarde, na Academia de Direito a impregnar-se das mesmas tradições que immortalizaram os seus predecessores na Paulicéa, onde firmaram a sua nomeada de escriptores. Mas enquanto Mesquita, apenas graduado em lei, regressava á sua terra natal, para ingressar na magistratura, onde pontifica, justiciero e recto como varão plutarchiano, na presidencia do tribunal de Justiça, Lamartine visitou-a apressadamente após a formatura, á cata de impressões com que tornaria á capital paulista, para exercer a sua profissão.

E simultaneamente, em continuação a trabalhos de varia especie, ambos entregam aos prelos editoriaes os dois, que se intitulam "Espelho de Almas" e "Aguas Passadas".

Aquelle premiado pela Academia de Letras, enfeixa contos e novellas, ao passo que neste impera a poesia.

Nenhum delles se deixou empolgar pela renovação modernista, preferindo ficar á margem da correnteza barulhenta que provem da grande guerra.

Por isso, José de Mesquita, nos seus contos, segue, de preferência, o exemplo daquelle a quem abre a dedicatória do volume:

"Á memoria immortal do grande mestre da Intuspecção e da Psychanalyse: Machado de Assis" Consoante o modelo, apraz-se em conversar com o leitor, e provocar-lhe o espanto com paradoxos, quando não lhes põe no bojo algum proprio conceito disfarçado: "As melhores obras que produzimos, insinua no decorrer de uma narrativa, são as de gabinete, escriptas na doce placidez dos sacerdotes da arte que, como o grande Machado de Assis, vivem mais para o seu mundo interior que para o conhecimento dos homens frivolos".

Ou quando define, pela "theoria do imprevisto":

"Na arte, o imprevisto é tudo. Delle vem a inspiração, o sopro divino dos theologos, o momento feliz do genio que crea e renova a visão esthetica da humanidade, seja um Homero, um Shakspeare, um Buonarroti, ou um Hugo"

Esse assumpto, que de costume se presta aos maiores desvarios, estampa-se na mesma placidez de attitude. "O amor, do meu modo frio de conhecer as cousas, reflexiona-lhe uma das personagens, deve, para ser duradouro, perder em veemencia e amplitude o que ganha em firmeza e profundidade. O verdadeiro amor é aquelle que tem as suas raizes no mutuo entendimento, na affinidade de sentir e pensar e participa mais de solida amizade do que de ardorosa paixão".

E assim, continua Mesquita, em suas ficções de "escasso entendo, o necessario para servir de urdidura ás reflexões que espalha ás mancheias, como quem vive intensamente a observar-se e aos outros, como fazia Machado de Assis. Falta-lhe, porém, para acompanhar o mestre escolhido, o pessimismo desilludido que lhe amargurara a existencia, inspirando-lhe as "melhores paginas de "humour".

Opportunamente, o escriptor mattogrossense é um crente, de convicções arraigadas, paladino extrenuo do catholicismo, que lhe não permitiria descambar para assumptos menos delicados.

Dahi, a pureza dos seus escriptos, que jamais se tornam improprios aos mais exigentes leitores.

Pureza no conteúdo e bem assim na roupagem elegante com que a reveste.

A linguagem, que usa, não desmerece do modelo, com o qual aprendeu a exprimir as mais subtis nuancas do pensamento, de maneira clara e simples. Diminutas concessões fará, si é

que as aceita, ao prurido renovador, que pretende apressar a evolução natural do dialeto brasileiro, solicitado por forças desmanteladoras da sua estrutura classica e agentes de conservação.

Tambem L. Mendes enfileira-se a este respeito na mesma phalange. Escreve correctamente.

O lyrismo, de que se lhe embebeu o verso, deveria excluir-lo desta columna, avesada a assumptos prosaicós. Como a denunciar-lhe o intimo das cogitações, a palavra "sonho" saltea-nos a cada passo, das suas composições, em varias modalidades. E' um sonhador, perdido na realidade. Entretanto, sabe vel-a, e evocal-a em sonetos primorosos, como em *Tua carta*:

"Vem, -E', uma carta. Tem chovido tanto,
ha tanto tempo, neste arredores,
que o céu em breve de turqueza um manto,
será, e a terra um estendal de flores.

De madrugada, já se escuta o canto
do engenho, ao canto dos trabalhadores.
Na paineira do oitão, que é o teu encanto
revôam os primeiros beija-flores.

E' o tempo já das pescarias"... (Tudo
isso me escreves). Os nhambús da matta
são vistos entre as rolas, no jardim".

E eu termino a leitura, e fico mudo,
scismando. Quanto és má, como és ingrata!
Por que me avivas a saudade assim?

Perfeito quadro campesino, que relembra algum recanto
natal, por onde passeasse a infancia descuidada.

Assim, espelha-se em sua poesia, como tambem na prosa
de Mesquita, o mesmo ambiente nativo, que lhes dá sabor especial.

São vozes de Matto Grosso, que vêm ecoar nos centros
de cultura littoranea.

V. Corrêa Filho



Arnaldo Serra ❖❖ Aromita

Campo-Grande, até ha pouco, só era conhecido como o ponto nuclear de toda actividade humana do sul. Ali se erigiam casas umas após outras, se discutiam problemas pecuarios e se realisavam os grandes negocios de terra e gado e, como os tentaculos de um grande polvo, dali, partiam, para as fronteiras e para a campanha, os autos e caminhões trepidantes e as carretas encarnadas, com passageiros e cargas, despertando o majestoso silencio das ondulantes cochilhas com nervosos fonfonares e o monotono bimbalar dos sinceros. A este agitado anseio de casulo não faltaram o lado mau da vida, os crimes e o atropelo das ambições desvairadas. Este, era, por certo, o rumor do plastro do Progresso rodando naquellas terras vermelhas e germinadoras. O homem atirava-se ás temerarias arremetidas da vida, visando amannhar a terra e tornar-se victorioso. Com isso multiplicaram-se as cumieiras e, da confusão dos primeiros momentos, surdiram, radiosas, não somente Campo-Grande, mas outras cidades importantes.

Dahi o verdadeiro orgulho dos verdadeiros matto-grossenses, vendo e admirando o progresso do sul do seu Estado.

Certo, passada a primeira phase febril de dominio e construcção, como conseqüencia logico, fatalmente, appareceriam as *paradas* para as gratas cogitações do espirito e os remigios do pensamento para longe do terra-a-terra constrangedor da vida quotidiana. E a prova ali está no periodismo adiantado do sul, nomeadamente de Campo-Grande onde, tambem, as revistas literarias apparecem para, victoriosamente, viverem e progredirem. São claridades que vêm do sul, nuncias de dias mais bellos, e, como ellas os seus batedores: a primeira pleiade de jovens pensadores, belletristas e poetas. Neste ultimo numero está Arnaldo Serra que nos brinda com o seu primeiro livro de versos — *Aromita* — "um livro nosso, brasileiro, mais que brasileiro, matto-grossense e, mais que matto-grossense, cuyabano", no dizer do prestigioso prefaciador do livro, José de Mesquita, figura primacial no nosso meio literario,

Aromita. O titulo tudo está dizendo: uma oblata ao berço natal e á familia. "Matto-Grosso", "Lar venturoso", "Bucolicas cuyabanas", "Patria" bem attestam a nossa affirmacão.

Aromita é mais um livro de sentimento, que de versos, ou por outra, sentimento crystalizado em versos. Estes, é certo, não obedecem á cadencia da metrica que os classicos exigiam. Mas por isso mesmo, são mais espontaneos e sinceros. O Snr. Arnaldo Serra é um cantor das coisas bellas da sua terra. Deus lhe deu o dom de cantar. E, por isso, despreocupadamente, canta, como os passaros. Do seu livro de versos destacamos o soneto "Sabiá". Pela sua profunda melancolia, enternece. Transcrevemos-o a seguir:

Não cantes mais assim junto á casinha,
Onde outrora habitaram meus amores;
Ao lado, a laranjeira branca em flores,
Trescalava perfumes de rainha.

Quando vinhas carpir as tuas dores,
Stella apparecia-me á tardinha,
Na noite do cabelo a flôr sostinha,
E nos olhos de luz quantos fulgores...

Hoje nada mais resta que a pobreza.
A illusão partiu. Veio a tristeza
chorosa, um dia, se abrigar em mim...

E choro quando ouço o triste canto,
De quem chora commigo tanto pranto,
—Sabiá, não mais cantes triste assim...

É certo que neste doce rincão cuiabano, de quando em vez, apparecem, rastejando, lesmas viscosas e cabeças erguidas de aspides venenosas.

Mas, mesmo assim, elle não é menos amavel e bom. Da-hi a infinita doçura dos seus poentes, quando os sabiás modulam nas frondes das altas mangueiras (as laranjeiras do poeta vão escasseando) as suas queixas.

Poderíamos citar outras producções de Arnaldo Serra, neste rapido escorço que fazemos depois da leitura do seu livro de versos. Mas para que? Para aferição do seu valor bastam as palavras elogiosas e autorizadas de José de Mesquita—grande juiz e grande poeta—que lhe deu o merecido destaque.

Oscarino Ramos

III

AGUAS PASSADAS

Sonetos de L. Mendes

Não ha negar que o mal estar geral que vem agitando o mundo civilizado, manifestando-se aqui e ali pelas eclosões de movimentos revolucionarios, se de um lado nos tem proporcionado a inquietude espiritual, por outro traz-nos entretanto a vantagem de despertar na massa popular o interesse por problemas sociaes até então relegados ao esquecimento.

O Imperialismo monetario nos seus ultimos arancos procura suffocar os anseios da democracia, esforçando-se por provar ser este o regimen da mediocridade e esta, por seu turno, luta por livrar-se de vez do imperialismo, que infiltrando-se na sua vida organica, entrava o seu aperfeiçoamento, a formação das verdadeiras elites, mais necessarias neste, que em outro qualquer regimen.

Num momento tal, em que todos os espiritos se voltam para assumptos da vida social, em que até a poesia não poude fugir à sanha revolucionaria dos Marinettes e outros coripheus do futuro, Lamartine Mendes nos offerece "Aguas Passadas" de um parnasianismo castigado, rigido, enfeixando as suas ideas no *Sapatinho Chinez* de um soneto, revelando um conservantismo intransigente, que nos faz lembrar a historia daquelle Atheniense, narrada por Constancio Alves em uma das suas brilhantes chronicas. A Guerra Europea estava no seu auge. De um lado a França, Inglaterra, Belgica, Italia, Russia; de outro lado Allemanha, Austria. O troar dos canhões enchia o ambiente e os campos eram talados de mortos em combate. Num carro de estrada de ferro viajava calmamente, com um livro de Eschilo sob os braços, um velho Atheniense. A conversa em dado momento girou em torno da catastrophe. Perguntando ao velho o que pensava daquella guerra, elle rétrucou: Que guerra? Pois não sabe? A guerra em que se empenha a França, Inglaterra, Russia, Allemanha, Austria etc?

Como, pois, ha uma guerra desta? Porque?

Partidario estremado do parnasianismo, cultuando com amor o predomínio da forma em obras de arte, Lamartine isolou-se

do ambiente agitado em que vive, para ser a vestal encarregada de alimentar o fogo sagrado do passado.

São 34 sonetos enfeixados nesse volume. Lamartine, em verdade, é um dos nossos melhores poetas. Vê-se, porém, que elle não escreve para o povo. Deseja poucos leitores, leitores cultos: dahi a sua preocupação maxima da forma que lhe prejudica a manifestação espontanea da emotividade.

Não sou um jacobino em materia de arte, mas tambem não sou um conservador. Se a forma constitue um dos principaes caracteristicos do artista, para mim a emoção é a sua alma. Dahi o considerar como um dos melhores, senão o melhor soneto do livro— "CONTEMPLAÇÃO".

Passas toda de branco. Ah! se pudesses
Ver como vaes bonita entre as bonitas,
Nas nuvens de cambraia em que te agitas
Envolto, á luz da tarde, á que te aqueces!

Extasiado, contemplo-te. E esquisitas
Visões num sonho eu vejo, em que appareces
Formosa agua-marinha, e resplandeces
Entre espumas de rendas e de fitas.

Passas quasi ao alcance de meu beijo.
Na face alegre tens a cor da lua
Passas rindo e não sabes que eu te vejo,

Do amor da febre em que minh'alma estúa
Lyrio alado de carne, que antevejo,
Desabrochado ao sol, em plena rua.

Lamartine, como um artista de pulso, soube casar neste soneto, num entrelaçamento feliz, a emoção e a forma, nos offerecendo uma verdadeira joia que, se outros sonetos não houvesse em "Aguas Passadas", só este bastaria para revelar o artista e firmar o conceito de um verdadeiro poeta.

Franklin Cassiano



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

III

Recebemos e agradecemos

I

Livros e Folhetos

D. Aquino Corrêa — Em defesa dos bens ecclesiasticos (pastoral) — Cuiabá — 1932.

— O Brasil Novo — discurso paranympthal.

José de Mesquita — Espelho de almas — contos — Rio — 1932.

Antenor Nascentes — Dicionario Etimológico — Rio — 1932.

Arnaldo Serra — Aromita — Curitiba.

Lamartine Mendes — Aguas passadas — S. Paulo.

Eudoro Corrêa — Duque de Caxias — Cuiabá — 1932

G. Ponce Filho — Por Matto Grosso na Federação — Rio.

J. Calixto — Esboço historico da Musica Moderna — Cuiabá — 1933.

Manoel de Souza — Vacilações. — poesias

II**Revistas**

Revista da Academia Brasileira de Letras — n.º
127 a 136.

Revista da Academia Sergipana de Letras — n.º
3 a 5.

Folha da Serra—de Campo—Grande—nsº 13 a 21

O Pequeno Mensageiro }
A Violeta } de Cuiabá

III**Jornaes**

Gazeta Official
A Cruz
Constitucional
Folha do Norte
O Matto Grosso
A Penna Evangelica
Radio — Jornal
A Plebe

de Cuiabá

Diario da Manhan — de Corumbá

Jornal do Commercio
A Republica

de C. Grande

Gazeta do Commercio
O Tres Lagoas

de T. Lagoas

A Razão — de Caceres
O Araguaia — de S. Rita